

LUIZA MARIA CARNEIRO DE CARVALHO LEITÃO

**RESSENTIMENTO:
(IM)POSSIBILIDADES DE ELABORAÇÃO**

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Psicologia Clínica

Núcleo de Psicanálise

São Paulo, 2007

LUIZA MARIA CARNEIRO DE CARVALHO LEITÃO

**RESSENTIMENTO:
(IM)POSSIBILIDADES DE ELABORAÇÃO**

Dissertação apresentada à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica, sob orientação do Prof. Dr. Renato Mezan.

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Psicologia Clínica
Núcleo de Psicanálise
São Paulo, 2007

BANCA EXAMINADORA

Orientador Prof. Dr. Renato Mezan.

1º Examinador (Prof. (a). Dr. (a)).

2º Examinador (Prof. (a). Dr. (a)).

São Paulo, 16 de maio de 2007

Basta um dia

*Pra mim
Basta um dia
Não mais que um dia
Um meio dia
Me dá
Só um dia
E eu faço desatar
A minha fantasia
Só um
Belo dia
Pois se jura, se esconjura.
Se ama e se tortura
Se tritura, se atura e se cura
A dor
Na orgia
Da luz do dia
É só
O que eu pedia
Um dia pra aplacar
Minha agonia
Toda sangria
Todo veneno
De um pequeno dia
Só um
Santo dia
Pois se beija, se maltrata
Se come e se mata
Se arremata, se acata e se trata
A dor
Na orgia
Da luz do dia
É só
O que eu pedia, viu
Um dia pra aplacar
Minha agonia
Toda sangria
Todo veneno
De um pequeno dia*

Chico Buarque

*Para minha mãe, que me ensinou que o humor
é o melhor remédio...*

*Para meus pacientes, que só confirmaram aqui-
lo que aprendi com minha mãe...*

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer

Ao meu orientador, Prof. Dr. Renato Mezan, pelo apoio e respeito às minhas idéias, além da imensa liberdade com que me permitiu trabalhar e conduzir minha pesquisa.

À minha analista, Valy Giordano, a quem devo tanto que não saberia por onde começar a agradecer; minha dívida de gratidão a ela não tem fim.

Ao meu professor, Paschoal Di Ciero, a quem devo a idéia deste trabalho e as primeiras orientações.

À minha supervisora, Gina K. Levinzon, que me ajudou em todos os momentos, me incentivando e orientando com paciência e carinho.

À Profa. Dra. Marília Ancona Lopez, pelo acolhimento, pelo incentivo e pelas aulas, que tanto me inspiraram e ajudaram.

À minha querida amiga Gina Tamburrino, pelo incentivo sempre, em todos os momentos, pela leitura atenta e generosa e especialmente por ter me ensinado “o caminho das pedras”.

À minha mãe, que foi também minha revisora, pelo amor e apoio incondicional, pela torcida incansável e pela leitura amorosa do trabalho.

Finalmente, ao meu marido, pela paciência e pelo apoio, sem os quais este trabalho não teria sido possível.

Ninguém pode dizer como você deve viver sua vida ou o que deve pensar ou que língua deve falar. Portanto, é absolutamente essencial que individualmente o analista forje para si a língua que ele conhece, que sabe como usar, e cujo valor reconhece.

Wilfred R. Bion

RESUMO

LEITÃO, Luiza Maria Carneiro de Carvalho. **Ressentimento: (Im)Possibilidades de Elaboração**. São Paulo, 2007, 130 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de pós-graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2007.

Esta dissertação é resultado do grande interesse em mim despertado pelo ressentimento, sempre tão presente na clínica, e da minha necessidade de ampliar minha compreensão sobre o tema. Tendo em vista o pequeno destaque dado ao tema no campo da psicanálise, recorri ao longo da minha pesquisa à literatura e à filosofia e delas fiz uso na construção de um quadro mais amplo. Este trabalho teve como objetivo mostrar algumas das maneiras como nossos pacientes lidam com a constelação afetiva chamada ressentimento e fazer ver que nem sempre está aberta a possibilidade de uma saída saudável – como, por exemplo, a da criação literária –, embora, através do trabalho analítico, seja possível deslocar o sujeito do lugar de vítima e fazê-lo assumir seu lugar de sujeito. Trabalhei com a hipótese de que o ressentimento fosse o resultado de uma falha narcísica, que acontece no encontro de um determinado bebê com um ambiente pouco favorável. Desse encontro resultaria um ego frágil e pouco preparado para enfrentar situações que seriam encaradas, por este sujeito, como humilhantes ou altamente ofensivas. A pesquisa resulta na idéia do ressentimento como defesa primitiva, utilizada sempre que o sujeito se sinta atacado em seu narcisismo, tão fragilmente constituído. Ainda que através da repetição, o ressentimento é utilizado defensivamente, embora seja uma defesa pouco adequada e que resulte em ganhos falsos.

Termos de indexação: Ressentimento ; Vingança

ABSTRACT

LEITÃO, Luiza Maria Carneiro de Carvalho. **Resentment: (Im)Possibilities of working through.** São Paulo, 2007, 130 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de pós-graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2007.

This thesis is the result of the great interest awaken in me for resentment, always so present in the clinical practice, and of the need to extend my understanding of the theme. Bearing in mind the small prominence the theme has seen in the psychoanalytical field, I have made my way towards literature and philosophy and made use of them to build a wider frame. This paper aims at showing some ways our patients find to deal with the affective constellation called resentment, and point out that the possibility of a healthy outcome such as literary creation is not always open, but that through psychoanalytical work it is possible to remove the subject from the position of a victim and make him assume his position as a subject. I have worked with the hypothesis that resentment is the result of a narcissistic failure that happens at the encounter of a certain baby with a little favorable environment. From this encounter would result a frail self, ill prepared to face situations that are considered humiliating or highly offensive by this subject. This research results in the conception of resentment as a primary defense used every time the subject feels attacked in his narcissism, so frailly composed. Yet through repetition, resentment is used as a defense, even though it is a little appropriate defense and results in false gains.

Index terms: Resentment ; Revenge

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I: RESENTIMENTO	24
I. A POLISSEMIA DO TERMO	24
II. A FALHA NARCÍSICA	26
1. Jogo de identificações e constituição psíquica: projeções/introjeções	26
2. Bálint e a falha básica	37
3. Ruminar – ressentir – o que não é possível digerir	39
4. Ressentimento e inveja	40
III. A PSICANÁLISE E O RESENTIMENTO	44
1. Trauma / experiência dolorosa	45
A. José Maria Vicario	46
2. O desejo de vingança	49
A. Steiner: o ódio e a destrutividade	49
B. Kancyper	51
C. O cenário brasileiro	55
CAPÍTULO II: PSICANÁLISE E FILOSOFIA	58
I. FREUD E NIETZSCHE	59
II. NIETZSCHE, SCHELER E O RESENTIMENTO	62
III. BARUCH DE ESPINOSA	68
IV. AS PAIXÕES	72

CAPÍTULO III: A LITERATURA COMO SUPORTE PARA ANÁLISE DO RESENTIMENTO, DA VINGANÇA E DA PRODUÇÃO INTELECTUAL	76
I. MEDÉIA	77
II. HEATHCLIFF	79
III. BENTINHO	81
IV. MEDÉIA, HEATHCLIFF, BENTINHO – UMA ANÁLISE	82
1. O outro no espelho	83
A. O tempo congelado	87
B. Vingar-se	92
C. Vingança	96
CAPÍTULO IV: CASO CLÍNICO: O CINEMA PARTICULAR	101
I. RELAÇÃO FUSIONAL	102
II. ÓDIO E CULPA	103
III. “MEU CINEMA PARTICULAR”	104
IV. MASOQUISMO	109
CAPÍTULO V: ORIGEM DO RESENTIMENTO A HIPÓTESE DA FALHA NARCÍSICA	115
CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	126

INTRODUÇÃO

O ressentimento é como a névoa densa que cobre a paisagem! Obscurece tudo à volta e faz pesar o ar, como se o tempo tivesse ficado parado e não pudesse seguir adiante.

O trabalho do psicanalista é tentar descobrir o que ficou encoberto e mostrar que o que parou não foi o tempo, mas aquele para quem o agravo constituiu ofensa máxima. Desalojar o sujeito do lugar de vítima, característico do sujeito ressentido, é então a tarefa que se coloca ao par analítico, fazer que o sujeito possa aceitar o convite de deixar para trás esse lugar simbólico para assumir outros. Como diz M. Meiches: “Aprender a mudar de lugar, ter a lembrança sensível da instabilidade que assedia o sítio identificatório é elemento crucial a ser conquistado pela realização de uma análise.” (MEICHES, 2000, p.108)

A constelação de afetos a que chamamos ressentimento foi pouco a pouco chamando minha atenção na clínica. Ao observar meus clientes, ouvir suas histórias, investigar como lidavam com suas dores, fui percebendo como a mágoa, o rancor, o ódio tinham peso em suas vidas. Como, em determinados momentos, ficavam impedidos de seguir adiante, impossibilitados de escapar aos sentimentos paralisantes provocados por humilhações e agravos sofridos. De várias maneiras, concluí, todos estamos sujeitos ao ressentimento em menor ou maior grau.

Apesar de todo o interesse nascido da prática clínica, a idéia do tema para a dissertação de mestrado só veio quando conheci Sandra. Ela foi o ponto de partida para

um estudo mais aprofundado; foi através do nosso contato que pude expandir meu interesse sobre o assunto para novos horizontes e o resultado é o que se segue.

Há várias maneiras de lidar com o ressentimento – a vingança, a criação intelectual, o humor, o perdão, o recalque/sintomas são alguns exemplos disso. Meu interesse, porém, voltou-se para a vingança e para a criação artística. Esse recorte permitirá lançar um olhar sobre o ressentimento sob o prisma do agir impulsivo, sem mediação do pensamento, “no calor da hora”, num *acting out* de proporções trágicas, como em Medéia. Depois, veremos Heathcliff, cuja vingança também é atuada – mas, diferentemente de Medéia, ele arquiteta sua vingança durante os anos em que fica afastado e volta para executá-la. É o personagem para quem o dito popular “a vingança é um prato que se come frio” serve como uma luva. A seguir, Bentinho, para quem a saída do ressentimento parece ser a criação literária, uma tentativa de elaboração, de compreensão de sua própria história por meio da escrita. Por fim, Sandra, que busca no processo analítico a saída para o ressentimento. Estas poucas situações se diferenciam pelo grau em que o ressentimento se manifesta, nos modos como se manifesta e nas saídas encontradas etc.

Fundamentada no referencial psicanalítico, privilegiando as leituras kleiniana e neokleiniana, porém sem desprezar contribuições de outras linhas teóricas, inicio a discussão por Medéia, a personagem de Eurípides, que será discutida de modo mais detalhado e extenso. Passo em seguida para Heathcliff, do romance de E. Brontë, *O morro dos ventos uivantes*, e, no que se refere ao uso da literatura, termino por fazer uso de Bentinho, personagem do romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Por fim, apresentarei um caso clínico.

Minha hipótese, em todas as situações discutidas, é que o ressentimento se origina de uma ferida narcísica, representada pela perda daquilo que Kancyper chamou

de “completude narcísica”. Ao longo do trabalho, espero demonstrar que, nas quatro situações apresentadas, é essa quebra da completude que dá origem ao ressentimento.

Como acontece tantas vezes, a psicanálise se servirá da literatura para desenvolver idéias e discutir temas de interesse comuns aos dois campos. Freud já dizia que os escritores têm uma sensibilidade bastante aguçada e chegam a conclusões que custam muito mais esforço e tempo para a psicanálise. O pai da psicanálise, em carta endereçada ao poeta A. Schnitzler, admite essa capacidade de apreensão do inconsciente:

...mas, ao mergulhar em suas esplêndidas criações, acreditei sempre descobrir nelas, por trás da aparência poética, as hipóteses, os interesses e os resultados que eu sabia serem os meus. Tanto o seu determinismo quanto o seu ceticismo – a que as pessoas chamam pessimismo –, a sua sensibilidade para as verdades do inconsciente, da natureza pulsional do homem, a sua dissecação das nossas certezas culturais convencionais, a conclusão de seus pensamentos no tocante à polaridade do amor e da morte, tudo isso despertava em mim um estranho sentimento de familiaridade. (Num livrinho escrito em 1920, *Além do Princípio do Prazer*, tentei mostrar que Eros e a pulsão de morte são as forças originárias cuja ação oposta domina todos os enigmas da existência). Tive assim a impressão de que você sabia intuitivamente – ou, melhor, em consequência de uma auto-observação sutil – tudo o que eu descobri com a ajuda de um trabalho laborioso sobre outrem. (*apud* FLEM, 1994, p. 200)

O poeta por sua vez, em uma entrevista concedida alguns anos mais tarde, 1927, aceita e corrobora a visão freudiana sobre a capacidade de apreensão dos fenômenos psíquicos pelo poeta/escritor:

...Na literatura percorro a mesma estrada sobre a qual Freud avança com uma temeridade surpreendente na ciência. Entretanto, ambos, o poeta e o psicanalista, olhamos através da janela da alma. (*apud* MORITZ, 1996, p. 11)

Antes de prosseguir, é preciso dizer que o uso da psicanálise é somente **uma** possibilidade interpretativa e não **a** interpretação acabada e definitiva, que não admite mais nenhuma interpretação.

Dito isso, cabe a questão de por que a literatura, em especial a tragédia. A escolha deve-se ao meu percurso de vida e nada mais. Fazem parte desse percurso dois componentes bastante diferentes e que foram decisivos nesta escolha; ambos de cunho estritamente pessoal. O primeiro deles é o impacto que o relato do mito de Medéia causa sobre mim, devido à força e ao poder dos sentimentos desencadeados por aquilo que um sem-número de pessoas chamaria de amor, amor mortífero, letal, e também devido à representatividade, atualidade e permanência da tragédia mais de vinte séculos depois de escrita.

A escolha dos outros dois romances se baseia quase nos mesmos motivos pelos quais escolhi a tragédia, ou seja, pelo impacto que ainda provocam em mim mais de vinte anos depois de tê-los lido pela primeira vez.

O segundo componente, também pessoal, tem raízes profundas na criança que fui, apaixonada por literatura e mitologia grega, história grega e, conseqüentemente, por tudo o que se referisse à Grécia, inclusive as tragédias. A essa criança, que ainda me habita, não posso deixar de acrescentar a jovem que fui e que teve, e tem, como ídolo, o compositor e cantor Chico Buarque – paixão que está representada na abertura deste tra-

balho com a música “Basta um dia”, da peça teatral *Gota d’água*, escrita em parceria com Paulo Pontes. Sempre que penso em Medéia, penso na atriz Bibi Ferreira cantando essa música, na força da interpretação, nas palavras que destilam ódio, fúria, desesperança.

Minha escolha fala por mim e sobre mim. Explicar mais me parece inútil, desnecessário. Está tudo aí, só é preciso olhos para ver. Sou todos os personagens. Reconheço em mim o mesmo potencial destrutivo da fúria de Medéia, o mesmo turbilhão que pode arrebatá-la e destruir, como acaba destruindo Heathcliff, Mas reconheço também a mesma possibilidade de superar o ressentimento que existe na escrita de *Dom Casmurro*. Está tudo aí; está tudo aqui!

Renato Mezan, ao falar da tragédia do rei Édipo (Sófocles), esclarece isso que eu chamo de impacto e que, acredito, serve para justificar o uso de Medéia aqui:

...a história do rei Édipo só pode ser apreendida, do ponto de vista psicanalítico, como um conjunto de significações para um intérprete determinado. Tal ressonância suscitará nele associações que irão esclarecer a tragédia através do sentido que ela assume para este intérprete, sentido que não está pré-formado no texto nem na psique de quem interpreta, e que surge da conjunção de ambos. (MEZAN, 1998, p. 141)

É, portanto, o desencadeamento de toda a fúria, cantada por Bibi Ferreira, que faz eco em mim. É o que me impacta, suscitando questionamentos. Por que, para alguns, a saída pode ser a do humor, enquanto para outros só a destruição, de si e do outro, se apresentam como possibilidade? Por que Medéia não pode rir de si mesma? ou esquecer? ou perdoar? A mesma pergunta pode ser feita em relação a Heathcliff, personagem de E. Brontë.

Não tenho a pretensão de dizer que a tragédia é atual ou representativa para todos; nem que os textos impactem as pessoas da mesma maneira, tampouco que suscitem associações nem ao menos próximas daquelas suscitadas em mim. Porém, observo que *Medéia* é encenada e reencenada continuamente – a intervalos diferentes, com roupagens diferentes, mais ou menos modernas, fazendo uso de linguagens diferentes.

A montagem de Pasolini para o cinema, em 1969, só para abordar o uso de um meio de comunicação para o qual não foi escrita, ou ainda o tratamento musical em *Gota d'água*, de Chico Buarque e Paulo Pontes nos anos 1970, são exemplos de como ela ainda reverbera através dos séculos; observo também que tanto o romance de E. Brontë quanto o de Machado de Assis continuam a despertar a atenção dos leitores ao longo dos anos. O que pretendo é afirmar a minha visão da atualidade, representatividade e permanência dos significados que essas obras encerram, cada uma a seu modo. As três características mencionadas, acredito, justificam o uso que fiz delas para meus propósitos.

Contra a utilização da tragédia, pode-se argumentar que a psicanálise não é um instrumento adequado para a interpretação/decifração do mito contido num texto do ano de 431 a.C., uma vez que ela foi criada no século 19. Vernant, em “Édipo sem complexo”, discute a validade do uso da psicanálise para tal fim ao referir-se à tragédia de Édipo; argumenta que a teoria “... elaborada a partir de casos clínicos e de sonhos contemporâneos encontra sua confirmação num texto dramático de outra época”. (VERNANT e VIDAL-NAQUET, 2002, p. 53)

Ele argumenta que a tragédia grega é um produto sociocultural, que não pode ser interpretado fora de seu contexto. Portanto, a seu ver, não é possível atribuir um sentido à experiência do público ateniense do século 5 a.C. e imaginá-la semelhante à experiência do público no século 19, 20 ou 21.

A argumentação é justa, mas resta a questão: embora por razões diferentes, o que explica o fato de a tragédia ainda hoje suscitar emoções? Se sua permanência não se deve aos mesmos motivos que fizeram dela um produto cultural significativo para os gregos, então a pergunta é: qual motivo a faz permanecer atual? A questão vale para *Édipo-rei* – de que trata a discussão de Vernant – tanto quanto para *Medéia* ou qualquer dos dois romances aqui utilizados, pois, como dito anteriormente, *Medéia* continua a ser encenada e reencenada, assim como os romances continuam sendo reeditados e lidos, transformados em temas de provas para ingresso em universidades ou ainda tomados como objeto de estudo por especialistas.

O interesse que ainda hoje essas três obras despertam só vem confirmar a importância e a riqueza da criação artística e cultural, mas ainda não responde à questão de sua atualidade e permanência.

A resposta para isso certamente não é simples, mas é possível dizer que, como denominador comum, tanto para os gregos do século 5 a.C. quanto para o público dos séculos 19, 20 e 21, o que existe é a possibilidade de ver-se e a seus dramas representados como ficção no palco, ou fora dele, o que nos distancia deles e nos permite pensá-los e compreendê-los. Porque, ao mesmo tempo que tocam por serem representações de acontecimentos dolorosos, que causam terror/horror, os fatos se passam com outro que não aquele que assiste à representação ou lê a estória.

Meiches, citando Vernant e Vidal-Naquet, diz que:

... a tragédia propõe ao espectador uma interrogação de alcance geral sobre a condição humana, seus limites, sua finitude necessária. Ela traz consigo, na sua mira, uma espécie de saber, uma teoria relativa a esta lógica ilógica que preside à ordem de nossas atividades de homem. (MEICHES, 2000, p. 60)

Essa distância permite que surja uma empatia/simpatia entre o personagem – no palco ou nas páginas impressas – e o espectador/leitor. Vernant diz algo em relação à tragédia que, guardadas as devidas proporções, penso ser útil também no caso dos romances utilizados aqui:

...Visto que a tragédia coloca em cena uma ficção, os acontecimentos dolorosos, aterradores que ela mostra na cena produzem um outro efeito, como se fossem reais.

Eles nos tocam, nos dizem respeito, mas de longe, do Além; situam-se num lugar diferente do da vida. Como seu modo de existência é imaginário, eles são postos à distância, ao mesmo tempo que representados. No público, desvinculado deles, eles “purificam” os sentimentos de temor e de piedade que produzem na vida cotidiana.

Se os purificam, é porque, em vez de fazê-lo simplesmente experimentá-los, trazem-lhe, através da organização dramática – com seu início e fim, o encadeamento combinado das seqüências, a coerência de episódios articulados num todo, a unidade formal da peça –, uma inteligibilidade que o vivido não comporta. Arrancadas da opacidade do particular e do acidental pela lógica de um roteiro que depura simplificando, condensando, sistematizando, os sofrimentos humanos, comumente deplorados ou sofridos, tornam-se, no espelho da ficção trágica, objetos de uma compreensão.

Em relação às personagens e aos acontecimentos singulares, ligados ao quadro histórico e social que é o seu, adquirem um alcance e um significado muito mais amplo. (VERNANT e VIDAL-NAQUET, 2002, p. 218)

Vernant, em outras palavras, está falando sobre identificações. São elas que permitem que nos reconheçamos nos personagens e através delas existe a possibilidade de reconhecermos que também estamos sujeitos aos mesmos conflitos.

Aquilo que em nós não se “civiliza”, esse resto que não pode ser domado e que permanece dentro de cada humano, é o que nos permite, como disse Meiches, “padecer o espetáculo de uma forma que nos aproxima do grego da época clássica.” (MEICHES, 2000, p. 29)

Dito isso, então podemos afirmar que a catarse, ou seja, a purgação de sentimentos dolorosos e aterradores, como diz Vernant, é um denominador comum, e que os sentimentos despertados pela tragédia – eu diria pela literatura em geral –, estes sim, podem variar no tempo.

Em seu trabalho “Personagens psicopáticos no palco”, Freud esclarece o uso feito da expressão “purgação dos afetos” quando diz que desde Aristóteles supõe-se que seja essa a finalidade do drama. Para ele, esse objetivo pode ser mais bem explicado se se disser que o drama objetiva:

...abrir fontes de prazer ou gozo em nossa vida afetiva...(...) Para tal finalidade, o fator primordial é, indubitavelmente, o desabafo dos afetos do espectador; o gozo daí resultante corresponde, de um lado, ao alívio proporcionado por uma descarga ampla e, de outro, sem dúvida, à excitação sexual concomitante que, como se pode supor, aparece como um subproduto todas as vezes que um afeto é despertado, e confere ao homem o tão desejado sentimento de uma tensão crescente que eleva seu nível psíquico. (FREUD (1942(1905 ou 1906)), 1969, vol. VII, p. 29)

A encenação do drama permite ao espectador identificar-se com os personagens, viver através do outro. Freud compara essa identificação do espectador com o personagem com o brincar da criança, que se iguala aos adultos na brincadeira. Assim, também ao homem comum é dado viver aquilo que vê encenado. Vive o drama através de um jogo de identificações que em nenhum momento ameaça sua integridade ou segurança, pois seu gozo seria anulado se seu sofrimento não fosse diminuído pela certeza de que é um outro que atua e sofre no palco.

Sendo assim, diz Freud, é possível viver o prazer de ser aquele outro e entregar-se aos afetos mais profundos, mais violentos e arrebatadores sem nenhum risco.

São tema do drama, portanto, todos os tipos de sofrimento, e deles o espectador tem que extrair algum prazer; daí resulta a primeira condição dessa forma de criação artística: ela não deve causar sofrimento ao espectador, mas saber compensar a comiseração que desperta mediante as satisfações que daí possam ser extraídas. [(FREUD, S. (1942(1905 ou 1906)) 1969, vol. VII, p. 293)

A polêmica em torno da questão da validade ou não do uso do instrumental psicanalítico para a análise de qualquer produção humana não é nova. Discutir o tema do ressentimento e da vingança em *Medéia* ou em qualquer outra obra literária, portanto, também nos remete a essa questão. Psicanalistas de um lado, estudiosos de outros campos das ciências humanas de outro, cada qual reivindica para si a correção de seus achados e a certeza de que o outro lado é que incorre em erro.

À psicanálise é imputada a pretensão de ser o único campo do conhecimento humano que “... estaria em condições de revelar o sentido mais profundo ou o sentido

verdadeiro dos temas abordados”. (MEZAN, 1988, p. 64) Para os estudiosos de outros campos das ciências humanas, o instrumental por eles utilizado é considerado adequado e suficiente para o esclarecimento de seus objetos de estudo.

Como podemos ver, essa é uma conversa impossível, ao menos nos termos em que está colocada, pois, “ali onde os especialistas vêem a ação de fatores históricos ou estéticos, o psicanalista procura a fantasia de desejo e as defesas que, ocultando-a, a exprimem de maneira dissimulada.” (MEZAN, 1988, p. 65). Ainda citando o mesmo autor:

Em outros termos, ao interromper o movimento interpretativo antes do ponto em que tais objetos se revelariam como compromissos entre os desejos inconscientes e as defesas erigidas contra ele, as disciplinas específicas reforçariam os efeitos da repressão, porque apresentariam como últimos e fundamentais conteúdos ainda muito distantes da esfera do inconsciente, embora possivelmente já bem distante da forma imediata dos objetos. Por outro lado, os especialistas declaram-se frequentemente estarecidos com a leviandade com que, inúmeras vezes, os analistas atravessam as complexidades de determinada manifestação cultural para reencontrar, ao cabo de poucos passos, a sinonímia universal dos desejos inconscientes, e atônitos pela acusação de “resistência” com que os mesmos analistas acolhem seu ceticismo quanto à validade das interpretações apresentadas como sendo de inspiração psicanalítica. (MEZAN, 1988, p.65)

A questão, então, parece resumir-se a como resolver o impasse entre a psicanálise e os demais campos de estudo, uma vez que não parece haver nenhuma possibilidade de acordo entre eles.

Mezan propõe que a idéia da leitura e do significado do ato de ler seja a chave para que um possível denominador comum seja encontrado. Ele contrapõe a idéia de leitura como deciframento à idéia de leitura como trabalho. Quero dizer, deciframento como possibilidade de encontrar o sentido “verdadeiro”, último, do texto analisado; enquanto trabalho pressupõe a idéia de que o texto seja lido como “potencialidade de suscitar novas significações” (MEZAN, 1988, p. 68), dando mesmo a idéia de construção de sentidos tão diversos quantas forem as questões que o texto venha a suscitar para um leitor em particular.

Vemos claramente o quanto a idéia de deciframento reduz as possibilidades criativas do texto, no sentido de descoberta de novas significações, ao passo que a leitura como trabalho propõe uma abertura do foco interpretativo que enriquece o texto e descobre nele horizontes muito mais amplos e profícuos.

Porém, não é intenção do presente trabalho “psicanalisar” Medéia ou qualquer outro personagem, nem tampouco entender o universo espiritual grego ou seu contexto sociocultural, mas entender o afeto do ressentimento utilizando a literatura – aí incluída a tragédia – como suporte para análise de uma constelação afetiva que é “(...) uma categoria do senso comum que nomeia a impossibilidade de se esquecer ou superar um agravo” (KEHL, 2004, p. 11). Assim sendo, podemos deixar de lado toda essa discussão, tendo em vista que qualquer criação humana está sujeita ao viés interpretativo daquele que a vê, seja ele quem for.

Talvez seja melhor termos em mente que não há verdade absoluta, que ela é relativa ao tempo e àquele que a ela se refere – e pode ser vista pelo viés da psicanálise tanto quanto por qualquer outro viés.

CAPÍTULO I

RESSENTIMENTO

I. A POLISSEMIA DO TERMO

A palavra ressentimento, de acordo com Kancyper, define-se como:

a amarga e arraigada lembrança de uma injúria particular, da qual se deseja tirar satisfações. Seu sinônimo é rancor. Rancor provém do latim, rancor (queixa, querela, demanda). Da mesma raiz latina deriva rancidus (ranco-roso) e, dela, as palavras ranço e rançoso. (KANCYPER, 1994, p. 7)

Mas nem sempre seu significado esteve ligado somente a lembranças amargas e dolorosas. De acordo com o *American Heritage Dictionary of the English Language* ⁽¹⁾, o verbo francês ressentir quer dizer estar zangado, ele se origina do francês antigo *resentir*, que quer dizer sentir fortemente, sendo a palavra formada pelo prefixo *re* = novamente, de novo, e pela palavra latina *sentire*, ou seja, sentir, perceber, o que resultou em ressentir. Durante a última metade do século 17 até a segunda metade do século 18, o verbo ressentir refere-se a sentimentos de gratidão e reconhecimento, assim como a sentimentos provocados por injúrias ou insulto sofridos. É interessante o exemplo do uso que se fez do verbo ressentir numa passagem dos Sermões do matemático Isaac Barrow,

1. Verbete disponível na Internet: <http://www.thefreedictionary.com/resent>, consultado em 25/09/2006.

escritos antes de 1677: “Não seríamos monstruosamente ingratos se não nos ressentíssemos profundamente de tamanha bondade?” (2)

A palavra *ressentir* também foi usada com outros significados que hoje podem nos parecer estranhos, tais como “sentir dor” ou “perceber pelo cheiro”. O fio que une significados tão diferentes é a noção de sentir ou perceber. É somente com o correr do tempo que ela passa a designar apenas sentimentos dolorosos. Portanto, com exceção de um período bastante breve entre os séculos 17 e 18, o significado de *ressentir* se estreita e passa a ter o sentido que conhecemos hoje.

O dicionário *Aurélio* (3) define *ressentimento* como “substantivo masculino: ato ou efeito de ressentir-se; re-sentir; verbo transitivo direto; sentir novamente, sentir profundamente, magoar-se muito com; mostrar-se ofendido, melindrar-se, magoar-se etc.”.

O léxico também nos oferece definição interessante de *mágoa*; a palavra vem do latim *macula* e quer dizer mancha ou nódoa proveniente de contusão. É quase como se pudéssemos dar corpo à dor psíquica, ao *ressentimento*, no caso em questão, e localizá-lo numa nódoa escurecida e que não nos deixa esquecer sua proveniência, a contusão, a injúria causadora da dor.

Uso a grafia *re-sentimento* propositadamente para sugerir que esse sentimento de imperfeição ou incompletude foi, em algum momento da vida, percebido/

2. Esta citação consta de verbete do *American Heritage Dictionary of the English Language* disponível na Internet: <http://www.thefreedictionary.com/resent>, consultado em 25/09/2006.

3. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*, 3ª edição, Curitiba: Editora Positivo, 2004.

conhecido e, por isso pode ser re-conhecido. A angústia suscitada por reconhecer-se imperfeito, por não estar à altura das exigências do ideal do ego, instância superegógica que pode ser extremamente cruel, é que leva o sujeito a se utilizar de defesas que naquele momento foram as únicas possíveis. É uma ferida narcísica profunda, cuja hemorragia não cessa, que impossibilita a construção de um ego capaz de lidar com o desamparo, com a imperfeição, com a incompletude e que, portanto, deixa a cargo de um outro a responsabilidade por seus desejos.

O tema ressentimento está presente na clínica de maneira muito persistente: re-sentir, sentir outra vez, remoer o mesmo sentimento, vezes sem conta, remete-nos a um tema muito caro a Freud – a repetição. Repetir e ressentir estão para além do que ele chamou de Princípio do Prazer. Seria a tentativa que o aparelho psíquico faz para dominar as excitações que o invadem? Re-sentir talvez nada mais seja do que repetir sentimentos sobre os quais não foi possível estabelecer nenhum grau de domínio – e os repetimos na tentativa de conseguir esse domínio?

Sua importância teórica deve-se, em primeiro lugar, ao fato de ser uma forma de repetição; em segundo, porque, sendo um afeto que pertence ao domínio do instinto de morte, deve ser compreendido, para ser melhor trabalhado, como uma das possíveis manifestações da destrutividade de nossos pacientes; em terceiro lugar, o tema, além de não ter destaque na obra freudiana, também não é muito discutido pelos estudiosos da psicanálise, exceto uns poucos, dentre os quais Maria Rita Kehl (2002), com obra publicada na coleção Clínica Psicanalítica, da Casa do Psicólogo, com o título *Ressentimento*. Além dos autores da psicanálise, encontraremos o tema discutido na filosofia e na literatura, campos que de alguma forma acabam contribuindo para a psicanálise.

Quando me interessei pelo tema, imaginei que soubesse o significado de ressentimento e pensei que as pessoas, de modo geral, também soubessem dizer o que

é, para cada uma delas, o ressentimento. Descobri como há dificuldade em definir os afetos que são parte integrante dessa constelação psíquica. Mágoa, raiva, dor, desapontamento, decepção, desgosto, tristeza, pesar, impotência diante do agravo, passividade, ódio etc. A cada vez que perguntei a alguém o que era o ressentimento e recebia respostas vagas, lembrava-me da fala de Santo Agostinho sobre o tempo. Dizia ele que sabia o que o tempo era, mas, se fosse perguntado sobre o que era, já não saberia responder. Assim é o ressentimento – todos sentem, ou sentiram, mas dizer o que é, mesmo que descompromissadamente, envolve complicações às vezes intransponíveis.

Não é de surpreender que as pessoas sintam dificuldade para definir o ressentimento, uma vez que o termo abarca sentimentos muito diversos, por vezes contraditórios, como tristeza, mágoa e raiva, por exemplo. Ou ainda sentimentos nem sempre enobrecedores e, portanto, que não se admitem com facilidade. O ódio, por exemplo – odeia-se muito, mas admite-se pouco o ódio que se sente. Perguntadas, as pessoas dizem que o ressentimento é “... *uma mágoa contida, que vai destilando um veneno em gotas..., que vai se acumulando e pode explodir*”. Outra respondeu: “... *é ficar magoado, ficar puto, desapontado. Subentende-se que só se fica ressentido com quem se gosta*”. Mais: “... *é uma mágoa que não cura, que fica remoendo*”. E ainda: “... *É quando alguém faz alguma coisa ruim, te deixa com sentimento ruim e você não se liberta desse sentimento*”. Para outra pessoa ouvida: “... *Raiva contida, reprimida; sentimento negativo, não resolvido, que subjaz, influencia o comportamento, ou o modo de ver as pessoas*”.

O que parece ser quase um denominador comum é o fato de que a raiva ou a mágoa sejam sempre afetos contidos, aos quais, por alguma razão, não se deu vazão e, sendo assim, envenenam a vida. A única concordância parece ser em relação à qualidade do que é re-sentido – quero dizer: não encontrei ninguém que se referisse a re-sentir coisas boas ou agradáveis. Como se vê acima, todos, sem nenhuma exceção, se referiram a sentimentos ruins, intoxicantes, “uma coisa ruim que fica dentro”, envenena, como se concluíssem que a repetição, por si só, pertence à esfera dos impulsos de morte.

Outro aspecto para o qual quero chamar a atenção é a impossibilidade de libertar-se desse sentimento “ruim”, da ferida “que não cura” e que influencia o comportamento e o modo de ver das pessoas; não dar expressão a esses sentimentos de mágoa e raiva pode fazer com que se torne difícil libertar-se deles. Assim, no trauma que dá origem ao ressentimento, há alguma coisa que – por sua intensidade e em conjunção com o que é próprio do sujeito – não pôde encontrar caminhos associativos que permitissem a elaboração desses afetos. O resultado é aquilo que Max Scheler (*apud* KONSTAN, 2004, p. 62) chama de “envenenamento da alma”:

(...) uma atitude mental duradoura, causada pelo represamento sistemático de certas emoções e afetos que são componentes normais da natureza humana. A repressão dessas emoções leva a uma tendência constante de se permitir atribuir valores incorretos e juízos de valor correspondentes. As emoções e afetos primordialmente referidos são vingança, ódio, malícia, inveja, o impulso a diminuir e desprezar.

Ou ainda: no pensamento de Nietzsche, o ressentido sofreria de um impedimento de esquecer, de memórias que não se esvaem, memórias de um mal de que foi vítima e que o impede de levar a vida adiante; “(...) sofre porque se dá conta de que deixou de viver o que o momento lhe oferecia e quer acusar os fortes, que sabem dizer “sim” à vida, do prejuízo pelo qual ele é o único responsável.” (KEHL, 2004, p. 27).

“Esquecer não é um fenômeno passivo, mas uma atividade psíquica como outra qualquer. (...) Esquecer é sempre ex-pulsar, ex-teriorizar um conteúdo, ex-ilá-lo para fora do espaço da consciência.” (MEZAN, 2005, p. 65) Do mesmo modo, “não esquecer” também depende de uma atividade psíquica e tampouco se pode considerar um fenômeno psíquico passivo.

É esse não-esquecimento ativo que leva o ressentido a manter na consciência, interiorizadas, não-exiladas, memórias de um mal do qual foi vítima. Memórias dolorosas, diríamos, mas que claramente propiciam prazer – este, porém, é outro assunto.

O resultado desse não-esquecimento, tanto para Nietzsche quanto para Scheler, é o impedimento do fluxo normal da vida, obturado por memórias que não puderam ser deixadas de lado, afetos que não puderam ser elaborados.

Antes de seguir adiante, considero importante deixar claro o que o termo elaboração – presente no título do trabalho – quer dizer exatamente neste contexto. Para tanto, cito Laplanche e Pontalis. Segundo os autores, elaboração psíquica é:

...a expressão utilizada por Freud para designar, em diversos contextos, o trabalho realizado pelo aparelho psíquico com o fim de dominar as excitações que chegam até ele e cuja acumulação corre o risco de ser patogênica. Este trabalho consiste em integrar as excitações no psiquismo e em estabelecer entre elas conexões associativas. (LAPLANCHE e PONTALIS 1998, p. 143)

Porém, ainda que levemos em consideração a polissemia do termo, ele será aqui utilizado tal como entendido por Maria Rita Kehl: “... ressentimento é uma categoria do senso comum que nomeia a impossibilidade de se esquecer ou superar um agravo” (KEHL, 2004, p. 11).

II. A FALHA NARCÍSICA

O ponto a ser destacado nas obras analisadas neste trabalho é a ferida narcísica, que, segundo minha hipótese, remete a uma falha narcísica. Por essa razão, tanto a tragédia quanto o romance de Brontë ou o *Dom Casmurro* de Machado de Assis foram utilizados tendo em vista este viés. A ferida, no caso de Medéia, sangra quando ela é abandonada e ameaçada de exílio; no caso de Heathcliff, ser trocado por outro homem é o que provocará o ressentimento e acenderá o desejo de vingança; para Bentinho, é a suspeita da traição de Capitu que fará com que a abandone e ao filho. Remoer sentimentos de abandono, rejeição e humilhação, sentimentos impossíveis de elaborar, sentimentos que ferem o narcisismo para além do que é possível tolerar, para os três personagens, vai desencadear diferentes comportamentos.

Para melhor compreender aquilo que chamo de falha narcísica como a origem do ressentimento é importante compreender o termo narcisismo, que, na literatura psicanalítica, pode ter acepções muito diferentes; em Freud, o conceito é bastante complexo, merecendo um estudo em si mesmo. Não sendo a intenção do presente estudo o aprofundamento do conceito em si, mas a compreensão de seu papel no jogo de identificações que constitui o sujeito psíquico, basta dizer que o narcisismo “por referência ao mito de Narciso, é o amor pela imagem de si mesmo”. (LAPLANCHE e PONTALIS, 1998, p.287)

1. Jogo de identificações e constituição psíquica: projeções/introjeções

Para M. Klein, o jogo de projeções e introjeções, que estabelecem as relações objetais e constroem o psiquismo humano, já está em funcionamento no bebê em

seu primeiro contato com o mundo. Tendo então como ponto de partida esta concepção é que penso a relação entre a ferida narcísica e a oralidade, uma vez que neste primeiro momento da vida é o modelo de funcionamento oral que prevalece, portanto, essa construção se dá pelo modelo da oralidade – engolir/introjetar, cuspir/projetar. É nessa dialética infundável que o sujeito psíquico se constrói.

Se não houve a possibilidade de introjeção e manutenção de um objeto bom com o qual o sujeito se identifique, esse objeto deverá ser buscado e encontrado fora. É possível verificar que, nos exemplos utilizados, o objeto bom está projetado nos parceiros – para Medéia é Jasão; para Heathcliff, Catherine; e para Bentinho é Capitu.

Antes de prosseguir, gostaria de esclarecer que o encontro do bebê e sua mãe e tudo aquilo que constitui seu entorno (que passarei aqui a chamar de ambiente) formam aquilo que Freud chamou de série complementar. (FREUD (1916-1917 (1915)-1917), 1969, vol. XVI, p. 351). Desse encontro resultam diferentes combinações, cujas conseqüências serão as mais variadas.

A hipótese do trabalho, portanto, é que o trauma que origina a falha narcísica tem origem no encontro desse sujeito com um elevado “quantum” de pulsão de morte e um ambiente (mãe) que não tenha podido dar continência às projeções agressivas/destrutivas desse bebê e não tenha podido servir como bom objeto a ser introjetado e mantido pelo bebê.

O primeiro vetor a ser considerado nisso que Freud chamou de série complementar é representado pelo ambiente, ou seja, a mãe. Sendo ela o primeiro objeto de amor, é para atender às suas expectativas – reais ou não – que a criança se esforçará. O olhar de aprovação, a devolução “em espelho” de uma imagem que confirme sua

“bondade”, seu narcisismo primário, é que propiciam a internalização do bom objeto e, conseqüentemente, a edificação de um ego forte o suficiente para que o sujeito possa prescindir do olhar de fora. Para que o curso do desenvolvimento continue, é necessário que todo o investimento feito no próprio ego, representado pelo narcisismo primário, seja deslocado para um ideal colocado fora. Vejamos o que diz Freud:

O desenvolvimento do eu consiste em um processo de distanciamento do narcisismo primário e produz um intenso anseio de recuperá-lo. Esse distanciamento ocorre por meio de um deslocamento da libido em direção a um ideal-de-Eu que foi imposto a partir de fora, e a satisfação é obtida agora pela realização desse ideal. (FREUD (1911-1015), 2004, vol. I, p. 117)

Como podemos deduzir do exposto acima, o desejo intenso de retornar a um estado anterior, o do narcisismo primário – ou aquilo que Kancyper (1994) chamou de completude ou perfeição narcísica –, pode ser representado pelo modelo de relação indiscriminada da mãe e seu bebê. Vínculo primeiro e perfeito dentro do qual nada falta. Esse desejo de retorno poderá fazer com que a libido seja deslocada para ideais projetados, por exemplo, nas figuras parentais, cônjuge, amigos etc., com o sujeito buscando sua satisfação nessas relações.

Citando Kancyper:

... o ressentimento surge como conseqüência da impossibilidade, por parte do sujeito, de assumir o desmoronamento da unidade espacial e temporal imaginária, sem fraturas. (KANCYPER, 1994, p. 13)

Mais adiante:

A totalidade que foi destruída é a unidade mítica da completude e a tentativa de sua recuperação reaparece pela necessidade da natureza humana de possuir uma unidade corporal e histórica totalizadora. (*Ibid*, p. 13)

O autor segue adiante, argumentando que a impossibilidade de que esse estado de completude se conserve se deve a duas realidades: uma proveniente das injúrias narcísicas e edípicas e a outra representada pelas injúrias que decorrem da realidade externa.

Se, como diz Freud, o deslocamento da libido narcisista se dá em direção ao objeto externo na tentativa de recuperação desse estado de perfeição ou completude, podemos observar, tanto em Medéia e Jasão quanto em Heathcliff e Catherine ou Ben-tinho e Capitu, um denominador comum, ou seja, a projeção do ideal em cada um dos parceiros. Porém, há diferenças importantes a serem salientadas aqui: Medéia e Heath-cliff têm um funcionamento psíquico em que predomina a posição esquizo-paranóide, o que significa que seus parceiros não são vistos como objetos totais, mas como objetos parciais, cindidos em bons e maus objetos. Os maus objetos são projetados, enquanto os bons são introjetados e a ilusão de completude pode ser mantida. Qualquer sinal de discriminação é uma ameaça à integridade narcísica, provocando ressentimento e, num segundo momento, podendo dar origem à vingança.

A passagem para a posição depressiva significa que o objeto agora pode ser visto como um objeto total, separado, e não mais cindido, o que permite uma relação mais realística com o objeto. Claro está que, se o funcionamento psíquico predominante for o da posição depressiva, isso não significa que não possa haver um retrocesso para o

modo de funcionamento da posição esquizo-paranóide – na verdade, o que pode haver é uma predominância do funcionamento em uma das posições sem excluir um funcionamento na posição contrária.

Bentinho, ao contrário de Medéia e Heathcliff, parece funcionar predominantemente na posição depressiva em que, de acordo com Klein, emerge uma nova capacidade de amar; ou seja, preocupação, pesar e amor pelo objeto como um todo são, nesse momento, sentimentos pelo objeto em si, e não simplesmente pela gratificação que ele possa proporcionar. Então, a importante diferença a ser assinalada é na qualidade da relação objetal que resultará no modo como Medéia, Heathcliff e Bentinho lidarão com a perda.

O segundo vetor a ser considerado é aquele representado pelo bebê e sua possibilidade de introjeção e manutenção do bom objeto, núcleo estabilizador do ego. De acordo com Klein, a inveja pode ser um impeditivo para que a introjeção do bom objeto aconteça, uma vez que certas crianças tendem a atacar o bom objeto exatamente por ser bom.

Medéia, Heathcliff e Bentinho são então, por hipótese, os personagens para os quais a introjeção do bom objeto se deu de modo insatisfatório, não há bons objetos internalizados que a possam sustentar psicicamente e a falência das relações com seus pares dão origem ao ressentimento – e, no caso de Medéia e Heathcliff, à vingança.

A ferida narcísica – que no caso de Medéia é reavivada pelo abandono de Jasão; em Heathcliff, se dá pelo abandono de Catherine; e ainda, em Bentinho, pela suposta traição de Capitu – parece ter origem num momento muito primitivo da vida. Citando Freud:

...a partir da história de como surgem e se desenvolvem as relações do amor, fica claro que este se manifesta com frequência de modo “ambivalente”, isto é, acompanhado de moções de ódio contra o mesmo objeto. Esse ódio mesclado ao amor provém, em parte, de etapas preliminares do amor não totalmente superadas... (FREUD (1911-1015), 2004, vol. I, p. 161)

Essas etapas do desenvolvimento, como diz Freud, vividas diferentemente por cada um, apresentam vicissitudes específicas que em cada caso definirão os modos de relação e reação no enfrentamento da vida; são essas diferenças que darão colorido às diferentes reações de Medéia, Heathcliff e Bentinho.

Parece que a questão colocada está em que todos os personagens vêm desmoronar seus ideais de perfeição, construídos a partir de uma a relação indiscriminada ou de pouca discriminação, caso de Bentinho e Capitu. Essas relações não necessitam de nada que venha de fora, pois contêm tudo o que é valioso e bom. Uma vez rompido o vínculo, a ilusão de perfeição se desfaz. Como a manutenção dessas relações objetais se dá através da idealização, da recusa da realidade e da agressividade a serviço da pulsão de morte, qualquer acontecimento que possa destruir esse equilíbrio tão frágil fará com que tudo desmorone. A saúde só pode ser encontrada na possibilidade de que esse vínculo se desfaça e se reconstrua de outro modo, desde que tenha havido a possibilidade de internalização de um bom objeto.

Quando isso não acontece, é possível observar que o objeto bom sempre será buscado fora da realidade psíquica. Os três personagens vivem a ilusão de perfeição narcísica; são os parceiros, substitutos do objeto primário bom, que lhes conferem valor; o olhar de fora é que garante sua integridade narcísica. Medéia, por exemplo diz que Jasão era tudo para ela – ou seja, sem ele, não há mais nada; ela não é nada.

A afirmação de que o olhar de fora, do outro significativo, é que garante a integridade narcísica se confirma quando a quebra do vínculo entre, por exemplo, Medéia e Jasão dá início a uma atuação desenfreada de Medéia na consecução de uma vingança sangrenta. Ela atua na realidade exterior toda a destrutividade que não é passível de transformação em seu mundo psíquico.

Heathcliff e Bentinho também têm destruída sua ilusão de completude narcísica quando, por motivos diferentes, um e outro se vêem separados das companheiras. Então, a impossibilidade de dar continuidade às suas vidas pode ser observada – em Heathcliff, no desejo de vingança, que passa a ser a razão de sua vida; em Bentinho, no seu isolamento. Em que momento o amor se transforma em ódio? Freud, num primeiro momento do desenvolvimento da psicanálise, num artigo de 1915, diz:

O amor se conecta estreitamente com o exercício das futuras pulsões sexuais, e quando a síntese delas tiver se completado, passará a coincidir com o todo da vertente sexual. Entretanto, enquanto as pulsões sexuais ainda estiverem percorrendo seu complicado desenvolvimento, algumas das etapas preliminares do amar já emergirão como metas sexuais provisórias. Como a primeira dessas metas reconhecemos o incorporar ou devorar. Trata-se de uma espécie de amor capaz de coexistir com a eventual interrupção da existência própria e autônoma do objeto e que, portanto, pode ser caracterizada como uma forma de amor ambivalente. Em uma etapa mais elevada, a da organização anal-sádica, o interesse pelo objeto surge na forma de um ímpeto de apoderamento indiferente ao dano ou à aniquilação que possa causar ao objeto. Essa forma e etapa preliminar do amor quase não se distingue do ódio em sua conduta para com o objeto. Só com a instauração da organização genital é que o amor se torna o oposto do ódio. (FREUD (1911-1915), 2004, vol. I, p.161)

As relações humanas são ambivalentes, o ódio e o amor estão fusionados e esse ódio provém de momentos do desenvolvimento libidinal anteriores àqueles que Freud chamou de amor genital. Por essa razão, quando o vínculo amoroso se rompe, ele freqüentemente dá lugar ao ódio. No entanto, o ódio sempre esteve presente, mas não era visível enquanto se manteve amalgamado ao amor.

2. Bálint e a falha básica

Em seu trabalho “A falha básica”, Bálint apresenta o resultado de seu trabalho com pacientes que ele definiu como difíceis. Para Bálint, eles não apresentavam nenhum tipo de progresso na análise, ou porque a técnica, apesar de correta, era inadequada no manejo daqueles pacientes, ou porque havia dificuldades inerentes aos pacientes. Bálint, ao longo de seu trabalho clínico com esses pacientes, concluiu que era necessário então que a técnica e o manejo pudessem se ajustar às necessidades deles e disso resultou o trabalho mencionado, no qual discute sua compreensão desses pacientes e o manejo mais adequado a eles. Bálint, nesse trabalho, definiu uma nova noção, que denominou de “falha básica”, referindo-se com ela a um estágio pré-edípiano cujas principais características são:

a) todos os eventos que nele ocorrem pertencem a uma relação exclusivamente bipessoal – não existe uma terceira pessoa; b) essa relação bipessoal é de uma natureza particular, completamente diferente das bem conhecidas relações do nível edípico; c) a natureza da força dinâmica que opera nesse nível não é a de um conflito e; d) muitas vezes a linguagem adulta pode ser inútil ou enganadora para descrever eventos nesse nível, pois nem sempre as palavras estão de acordo com seu significado convencional. (BÁLINT, 1993, p. 15)

Existe uma aparente concordância entre aquilo que Bálint chama de falha básica e aquilo a que me refiro quando penso em falha narcísica. Por exemplo, quando Bálint localiza a ocorrência da falha básica dentro de uma relação exclusivamente bipessoal, de natureza particularíssima, e fazendo minhas as palavras do autor, “completamente diferentes das bem conhecidas relações do nível edípico.” (*Ibid*, p. 15), existe de fato concordância quanto ao possível momento em que a falha narcísica e a falha básica ocorrem. Diz Bálint:

Em nossa opinião, a origem da falha básica pode ser identificada com uma considerável discrepância nas fases formativas precoces do indivíduo, entre suas necessidades biopsicológicas e o cuidado material e psicológico, e a afeição disponível em momentos relevantes. Isso cria um estado de deficiência cujas conseqüências e efeitos posteriores parecem ser apenas parcialmente reversíveis. A causa de tal discrepância precoce pode ser congênita, isto é, as grandes necessidades biopsicológicas infantis (...), ou ambientais, como um cuidado insuficiente, deficiente, aleatório, excessivamente angustiada, superprotetor, severo, rígido, muito inconsistente, inoportuno, superestimulante ou apenas sem compreensão ou indiferente. (*Ibid*, p. 20)

Porém, não concordamos quando o autor se refere à ausência de conflito nesse estágio. Ao contrário, partimos do pressuposto de que existe já neste momento o conflito provocado pela ambivalência.

A ocorrência da falha narcísica que se origina nessa relação particularíssima, em momentos muito primitivos da vida, em que a linguagem ainda não é uma ferramenta que possa ser utilizada, aparentemente não implica conflito – mas só aparentemente. Na minha experiência clínica, o conflito só poderá vir à luz quando o afeto que um dia

não pôde ser expresso puder ser reconhecido. Esta afirmação poderá ser mais bem compreendida mais adiante, na apresentação do caso clínico, quando Sandra reconhece o sentimento de ódio que diz nutrir pela mãe: “...sabe, quando eu passei por aquele período em que eu e a D. estávamos brigando no escritório, eu sentia por ela uma puta raiva e aí eu percebi que era o mesmo sentimento que eu tinha pela minha mãe, que na verdade eu sempre senti e não sabia direito o que era. Uma coisa ruim, uma sensação que eu não sabia dizer o que era. Agora eu sei, era raiva, ódio”.

Bálint focaliza a mesma etapa da vida que considero de vital importância para o meu trabalho, no entanto, seu modo de entendê-la diverge do meu num ponto que considero fundamental – o da existência ou não do conflito. Ainda assim, seu manejo flexível da situação clínica é inspirador e traz sugestões valiosas para minha própria clínica.

3. Ruminar – ressentir o que não é possível digerir

Um dos possíveis significados do verbo latino “ruminare”, ruminar, é pensar muito sobre alguma coisa, refletir, cogitar profundamente etc. Agora, pensemos um pouco no outro possível significado: “... entre os ruminantes, remastigar, remoer (os alimentos que voltam do estômago à boca)” (FERREIRA, 1999, p. 1789). Novamente citando Cortezzi Reis: “O ressentido parece padecer de uma indigestão crônica.” (CORTEZZI REIS, 2004, p. 22.)

Quando pensamos em alguém ressentido, é quase possível ver essa pessoa ruminando os pensamentos, remastigando os sentimentos que voltam, remoendo as hu-

milhões e os agravos sofridos sem poder “engolir e digerir” para, assim, transformá-los em outra coisa que possa, mesmo através da dor, ser razão de crescimento e fortalecimento. Meiches diz que “há um conhecimento que passa pelo caminho da dor” (MEICHES, 2000, p. 29); portanto, não é possível evitá-la no processo de crescimento/conhecimento.

Creio, então, que é legítimo pensar na figura do ressentido como um ruminante; ele é aquele que mastiga e torna a mastigar, que remói vezes sem conta por estar impossibilitado de engolir e digerir algo. Ora, se o primeiro modo de construção do sujeito se dá pelo modelo da oralidade – projeção/introjeção/cuspir/engolir, concluo que é perfeitamente possível pensar que o ressentimento é uma ruminação, que traduz uma impossibilidade de engolir e digerir e, portanto, transformar o agravo/humilhação em alguma coisa diferente de agressividade/destrutividade.

4. Ressentimento e inveja

Antes de prosseguir com o tema proposto é necessário que falemos um pouco sobre a inveja.

De acordo com a teoria kleiniana, “a inveja é a tendência a estabelecer relações hostis com o objeto bom – não com o objeto mau, temido e persecutório. O objeto que promove a satisfação dos impulsos libidinais é atacado, como que por engano, mas na verdade porque é bom” (HINSHELWOOD, 1991, p.171). Klein relaciona a inveja à voracidade oral, que seria primeiramente dirigida ao seio nutridor. Nesse sentido, observamos que o ressentimento pode ter como ponto de partida o momento da percepção de que existe algo exterior ao sujeito que contém algo muito valorizado e, portanto, desejado. A inveja envolve o reconhecimento da necessidade de algo e o impulso em direção

ao objeto capaz de suprir essa necessidade; envolve também o ataque a esse objeto e à capacidade de percebê-lo.

No fusionamento dos instintos de vida e morte, a predominância do primeiro provavelmente resultará no estabelecimento de relações de objeto bem-sucedidas, pois a discriminação entre objetos bons e maus, proporcionada pela supremacia do instinto de vida, permitirá que o bom objeto se mantenha separado do mau objeto e ele poderá então ser introjetado sem danos. “No desenvolvimento normal, uma forma de cisão normal separa o bom objeto do mau para que o processo de integração do ego baseado no amor e proteção ao bom objeto possa acontecer.” (*Ibid*, p. 171) Ao contrário, se os impulsos de morte predominam, essas relações serão perturbadas, pois a forma saudável de cisão entre objetos bons e maus é destruída e a confusão entre objetos e impulsos bons e maus se mantém. “O bebê que, devido à intensidade de mecanismos paranóides e esquizóides e ao ímpeto da inveja, não consegue bem sucedidamente dividir e manter separados o amor e o ódio, e portanto, o objeto bom do objeto mau, está sujeito a sentir-se confuso entre o que é bom e o que é mau em outros contextos.” (KLEIN, 1985, p. 216)

O termo inveja deriva da palavra latina *invidia* e, de acordo com Antenor Nascentes (1932, p. 433), significa “vontade de não ver, por despeito”. Esta definição suscita uma questão de grande importância: o que é que não se quer ver por despeito? Ainda dentro da teoria kleiniana, podemos dizer que é a percepção de ser separado do bom objeto. Tal percepção, que provoca a inveja, é intolerável – é melhor não ver! E a intolerância de ser dependente, porque necessitado de algo que não se possui, e ao mesmo tempo, de ser separado do bom objeto, leva à confusão (mistura) com o bom objeto pelo uso do mecanismo de identificação projetiva.

A constatação – pelo olhar? – de que outro alguém é possuidor ou desfruta de algo que não possuo ou de que não me é dado desfrutar – algo que a meus olhos

tem o estatuto de completude – dá origem a esse sentimento invejoso, de acordo com Scheler, um dos afetos/emoções que compõem a constelação afetiva do ressentimento. Mezan, numa passagem de seu artigo intitulado “Inveja”, diz: “O objeto invejado é invariavelmente um objeto idealizado, isto é, sobrevalorizado, no qual se supõe conter atributos extraordinários, quase mágicos” (MEZAN, 1988, p. 126). Mais adiante, citando Klein, ele diz:

... o objeto idealizado possui, segundo Klein, a propriedade de bastar-se a si mesmo, e também de deleitar-se com sua própria perfeição. É o caso do seio idealizado, imaginariamente capaz de produzir leite em quantidades infinitas e ilimitadas, e ainda de usufruir de todo o prazer que este leite pode proporcionar. O que caracteriza o seio idealizado (e, aliás o torna objeto de inveja, segundo Klein) é a capacidade de engendrar a partir de si mesmo, o que é uma variante da capacidade de se auto-engendrar, capacidade esta que é o conteúdo de uma das principais fantasias narcísicas repertoriadas pela psicanálise. (*Ibid*, p. 130)

Partindo então da idealização, continuemos no caminho feito por Mezan no artigo citado. Limito-me aqui àquilo que considere essencial à compreensão da inveja, porque, ainda que o trajeto seja muito interessante, o caminho é longo e nosso assunto não é esse. O autor estabelece a conexão existente entre o narcisismo e o objeto idealizado e, portanto, invejado porque possuidor de toda perfeição. Já dissemos antes que o desenvolvimento do Eu consiste num distanciamento do narcisismo primário, ou seja, que o investimento libidinal será deslocado para outros objetos: “Estes se convertem assim em duplos do indivíduo, ou melhor, em duplos de seu Ego Ideal: são precisamente os objetos idealizados, cuja característica é a de serem, como vimos, concebidos como perfeitos” (*Ibid*, p. 126). Como podemos deduzir, esses objetos idealizados são concebidos como perfeitos porque trazem a marca da completude que um dia foi fantasisticamente vivida pelo bebê e que agora é projetada no objeto – é o narcisismo primário revivido e

invejado. Essa fantasia de completude nos remete a um desejo compartilhado por todos os seres humanos, que é o de retorno àquele momento primitivo de totalidade, retorno impossível e por isso mesmo sempre desejado.

Retomando o que dissemos até aqui sobre a inveja, vemos sua importância para a compreensão da constelação afetiva do ressentimento; observamos sua relação com a voracidade oral, o que nos leva à hipótese deste trabalho de que o ressentimento se origina, em última instância, de uma falha narcísica que tem origem nestes momentos mais primitivos da vida, quero dizer, a oralidade.

Outro aspecto a ser destacado é o da importância da prevalência dos instintos destrutivos nos casos em que a inveja impossibilita a boa introjeção do bom objeto fazendo com que, defensivamente, o mecanismo da identificação projetiva entre em funcionamento, o que leva a uma confusão entre o sujeito e o bom objeto, eliminando fantasisticamente os limites e as diferenças.

A idealização presente na inveja e no ressentimento é também de grande importância: Kancyper (1994) atribui à idealização, à recusa da realidade e à agressividade a serviço dos impulsos destrutivos o reforçamento na continuidade da relação indiscriminada no vínculo objetal. Kancyper, neste momento, refere-se ao ressentimento. Mezan também se refere à idealização como mecanismo imprescindível no surgimento do impulso invejoso.

O caráter agressivo tanto no ressentimento quanto na inveja não poderia deixar de ser notado, com a diferença de que o impulso invejoso, segundo Klein, tende a destruir o objeto na sua capacidade criativa e de gozo, enquanto o impulso ressentido, ao contrário, não visa destruir o objeto, mas sim castigá-lo.

III. A PSICANÁLISE E O RESSENTIMENTO

Ainda que o termo ressentimento apareça diversas vezes ao longo de toda a obra freudiana, o **tema** nunca foi pensado como conceito ou trabalhado de forma ampla. O assunto é trazido à baila de modo passageiro e sempre como sendo o resultado de uma ação sofrida pelo sujeito, que se **ressente** de uma ação, sentida como um agravo; re-sentir é, portanto, uma re-ação.

Podemos citar como exemplo o texto intitulado “O esquecimento de nomes e seqüências de palavras”, de 1901, em que Freud descreve o esquecimento do nome de uma pessoa bastante familiar à Srta. I. Von K de Budapeste, que havia desenvolvido uma teoria. Ela postulava que as pessoas com sensibilidade para a música não a tinham para pintura e vice-versa; a teoria havia sido confirmada em todas as ocasiões com exceção de uma e era exatamente o nome da pessoa que havia contrariado sua teoria que a Srta. K. esquece. É a Srta. K. quem nomeia o sentimento que nutre por esta pessoa que contraria sua teoria como ressentimento, e Freud o denomina “ressentimento sublimado”.

A palavra ressentimento é novamente mencionada em seu artigo de 1915(1914) “Observações sobre o amor transferencial”, quando faz referência ao surgimento da transferência erótica no tratamento psicanalítico e da reação da paciente não correspondida em seu “amor” pelo psicanalista.

Freud volta a se referir ao ressentimento no texto de 1931, “Sexualidade feminina”, em que fala do ressentimento da menina quando é impedida de uma atividade sexual livre e ainda no texto de 1933(1932) em sua conferência XXXIII, intitulada “Feminilidade”, ao descrever os sentimentos (em relação à mãe) da criança que acaba de “ganhar” um irmãozinho.

Há menções ao tema ainda na sua carta 71 de 1897; carta 105 de 1899; nos primeiros casos sobre histeria, Elisabeth e Emily, de 1893; no artigo de 1909 sobre o pequeno Hans; nas suas conferências XXI e XXVI de 1916-1917(1915-1917); e na conferência XXX de 1933-1932. Ainda vamos encontrar o termo no artigo de 1932-1931 “Aquisição e controle do fogo” e, por último, num artigo de 1940 (1938), “Esboço de psicanálise”, capítulo VII.

Como vemos, o ressentimento não tem lugar de grande destaque no pensamento freudiano e, conforme dissemos antes, o termo é usado sem que haja grande preocupação em circunscrevê-lo teoricamente, mas a dinâmica que move o sujeito ressentido chama minha atenção e me intriga desde muito tempo.

Segundo Cortezzi Reis: “... o ressentido parece padecer de uma indigestão crônica” (CORTEZZI REIS, 2004, p. 22).

Parece-me que o re-sentir é como que uma ruminação e, muitas vezes faz com que o analista sinta-se inútil e como que em dívida para com seu analisando; é uma dívida impagável, o credor não quer recebê-la, não tem essa intenção, sua intenção é cobrá-la. É como que uma sensação de que o mundo (e com ele o analista) deve a ele (analisando) uma compensação pelos agravos – imaginários ou não – sofridos.

1. Trauma / experiência dolorosa

Acontecimento da vida do sujeito que se define pela sua intensidade, pela incapacidade em que se encontra o sujeito de reagir a ele de forma ade-

quada, pelo transtorno e pelos efeitos patogênicos duradouros que provoca na organização psíquica (LAPLANCHE e PONTALIS, 1998, p. 522).

Esta é a definição de trauma encontrada no *Vocabulário da psicanálise*; porém, a definição dada por Freud em seu ensaio “Moisés e o monoteísmo” parece trazer mais clareza à definição. Vejamos:

(...) trata-se simplesmente da questão de como definir o ‘traumático’. Se presumirmos que a experiência adquire seu caráter traumático apenas em resultado de um fator quantitativo – isto é, que em cada caso é um excesso de exigência o responsável por uma experiência que evoca reações patológicas fora do comum –, então poderemos facilmente chegar ao expediente de dizer que algo age como um trauma no caso de determinada constituição, mas, no caso de outra, não teria tal efeito. Dessa maneira, atingimos o conceito de uma ‘série complementar’ deslizante, tal como é chamada, na qual dois fatores convergem para o preenchimento de um requisito etiológico. (FREUD (1939 (1934-1938)), 1969, vol. XXIII, p. 88)

A. José Maria Vicario

O autor, em seu artigo “Algumas considerações sobre trauma e ressentimento” (VICARIO, 1995) discute, através da apresentação de material clínico, aspectos teóricos e técnicos na abordagem do trauma que dá origem ao ressentimento, considerando o trauma como fator externo. Ele faz uma aproximação entre trauma e ressentimento e, para tanto, retoma o trauma em Freud até chegar ao texto “Moisés e o monoteísmo”, em que Freud fala do duplo destino do traumático:

Os efeitos dos traumas são de dois tipos, positivos e negativos. Os primeiros são tentativas de pôr o trauma em funcionamento mais uma vez, isto é, recordar a experiência esquecida ou, melhor ainda, torná-la real, experimentar uma repetição dela de novo, ou, mesmo que ela seja apenas um relacionamento emocional primitivo, revivê-la num relacionamento análogo com outra pessoa. Resumimos esses esforços sob o nome de ‘fixações’ no trauma e como uma ‘compulsão’ a repetir. (FREUD (1939 (1934- 1938)), 1969, vol. XXIII, p. 90)

Freud prossegue mais adiante para falar dos efeitos negativos:

As reações negativas seguem o objetivo oposto: que nada dos traumas esquecidos seja recordado e repetido. Podemos resumi-las como ‘reações defensivas’. Sua expressão principal constitui aquilo que é chamado de ‘evitações’, que se podem intensificar em ‘inibições’ e ‘fobias’. Essas reações negativas também efetuam as contribuições mais poderosas para a cunhagem do caráter. Fundamentalmente, elas são fixações no trauma, tanto quanto seus opostos, exceto por serem fixações com intuito contrário. (*Ibid*, p. 90)

Vicario se utiliza de outros autores ao longo do trabalho, como J. Begoin, definindo o quê, para cada um deles, é o trauma. Por exemplo, para J. Begoin, “trauma é a situação externa que retira do sujeito as condições ambientais necessárias para seu bom funcionamento psíquico” (BEGOIN, *apud* VICARIO, 1995, p. 16). Vicario se refere ao trabalho de Letícia Escario, “Sobre o ressentimento”, em que a autora também aponta um fator externo – “uma experiência dolorosa real na biografia do paciente...” (ESCARIO, *apud* VICARIO, 1995, p. 17) – como originador do trauma.

Ele vai tecendo a trama que suportará a argumentação de que o trauma externo, que dá origem a um profundo ressentimento, tem como função o não-esquecimento, nos dois sentidos referidos por Freud acima, em seu ensaio “Moisés e o monoteísmo”. Para tanto, ele leva em consideração o sentido negativo, descrito por Escario:

(...) O ressentimento teria como finalidade manter vivo um movimento defensivo complexo contra o doloroso processo de elaboração das ansiedades depressivas, perpetuando assim uma relação de objeto na qual predominam o controle onipotente, a cisão, a identificação projetiva, isto é, todas aquelas defesas que caracterizam a posição esquizo-paranóide. (*Id Ibid*, p. 16)

e também o sentido positivo:

(...) estruturante e organizador, que vai permitir sobretudo adivinhar, antecipar e prevenir que o que se viveu no dia como algo catastrófico e irreparável não volte a se repetir. (...) O ressentimento teria, aqui, a função de “ansiedade sinal” de Freud, isto é, de espera e repetição atenuada do trauma. (VICARIO, 1995, p. 17)

Para Escario, o que caracteriza o ressentimento, fundamentalmente, é a existência de uma experiência dolorosa e real na vida do paciente – experiência que é mantida na memória, preservada tanto em qualidade quanto em intensidade iguais às do momento em que foi vivida – e um *quantum* elevado de pulsão de morte, o que reforçaria os mecanismos esquizo-paranóides. Nisto que Freud chamou de “série complementar”, vemos o peso dado ao constitucional – um *quantum* elevado de pulsão de morte – e a importância do papel que desempenha na maneira de enfrentar tudo aquilo que fere o narcisismo.

Vicario, contrariamente, como já mencionado, vê o ressentimento não só sob seu aspecto negativo, mas principalmente sob o positivo, de mecanismo estruturante e organizador, e é sob esse aspecto de proteção que o questionamento técnico e teórico, do ponto de vista do manejo da análise, será pensado, nos casos em que o ressentimento é um impeditivo para elaboração do luto normal.

2. O desejo de vingança

A. Steiner: o ódio e a destrutividade

Steiner, um segundo autor a falar sobre o tema, faz isso enfocando o ressentimento e a vingança. Ele começa um de seus artigos, “Vingança, ressentimento, remorso e reparação” (STEINER, 1997b, p. 93), dizendo que o ressentimento e a mágoa são sentimentos que dominam aquilo que ele chama de refúgio psíquico. Esses refúgios são uma defesa contra a ansiedade e a culpa, ou seja, contra uma aproximação da posição depressiva, mantendo o sujeito na posição esquizo-paranóide – ele está, portanto, em concordância com Vicario quanto a este ponto de vista . A aproximação da posição depressiva é evitada através do controle onipotente do objeto e conseqüente negação da sua perda.

Os pacientes nessa situação temem uma retaliação, caso dêem vazão a seus sentimentos de vingança. Ou, se a vingança fosse excessiva, “...exigisse uma retribuição de tal porte que o paciente não conseguiria enfrentar a ansiedade e a culpa resultantes da percepção do que desejou fazer e que, em sua fantasia, de fato fez.” (*Ibid*, p. 93) A questão central aqui parece ser, então, a possibilidade de suportar a culpa resultante da destrutividade que, segundo o autor, está enraizada na inveja.

Steiner parece falar tanto do ressentimento quanto da mágoa como sentimentos que sustentam um desejo de vingança e que somente podem ser compreendidos se considerados um em relação ao outro, quero dizer, ressentimento e mágoa em relação à vingança. Em outro artigo – “Vingança e ressentimento na situação edípica” – o mesmo autor deixa ainda mais claro que, em sua opinião, tanto o ressentimento quanto o desejo de vingança surgem quando

o paciente se sente ferido e enganado. Quando essas ofensas são sentidas como injustas, dão margem a um desejo de vingança acompanhado de ódio e destrutividade extremos. Por isso o paciente acredita ser muito perigoso procurar vingança através de ação explícita e direta. Ao invés disso, a destrutividade é controlada e expressa de maneira indireta e frequentemente oculta. (*Id*, 1997, p. 974)

Para ele, essa retirada para o refúgio psíquico protege o paciente dos riscos de um ataque explícito a seus objetos. O ódio e a destrutividade são, então, a base do ressentimento e da mágoa e é o ódio que, na impossibilidade de se expressar através da vingança, expressa-se de maneira dissimulada, controlada e indireta pelo ressentimento.

Segundo Steiner, o ressentimento e a mágoa dissimulam e justificam o ódio que o sujeito sente pelo objeto. E ele ainda diz que, uma vez estabelecida essa organização, da qual o ódio faz parte, é muito difícil abandoná-la, em primeiro lugar, porque uma das formas de gratificação que ele aponta é em relação ao masoquismo – alimentado pelo ressentimento e pela mágoa – e, em segundo lugar, porque está relacionada ao triunfo sobre o objeto, isto é, se o dano causado ao objeto pode ser reparado onipotentemente, não é necessário sentir culpa ou preocupação pelo objeto. Para ele, é somente através do reconhecimento do sentimento de ódio e pelo desejo de vingança alimentado em relação ao objeto que se abre a possibilidade para sentir remorso e culpa – e então, sim, ocorrer a

reparação. É no reconhecimento do ódio e do desejo de vingança, mas também do amor e do desejo de perdoar, que reside a possibilidade de aproximação da posição depressiva. Steiner considera todos esses sentimentos em conjunto, não destacando nenhum deles em especial, com exceção talvez da vingança, que considera um fenômeno complexo.

Steiner coloca uma questão interessante quando fala de vingança ao dizer que a busca por vingança freqüentemente deriva da busca por justiça. Ou seja, aquele que se arroga o **direito à vingança** sente-se com direito a uma reparação diante de algum dano ou agravo sofrido, ou talvez devêssemos falar em ferida narcísica.

Talvez, corroborando a idéia de que o ressentimento e o desejo de vingança dele decorrente sejam fruto de uma ferida narcísica, há um trecho do artigo de Steiner em que ele diz que os dois grandes obstáculos que impedem a saída do refúgio psíquico são o ódio e o orgulho. Meu ponto é que o orgulho talvez esteja sustentado numa idealização de si mesmo, numa imagem de si que não admite a possibilidade de sofrer injúrias ou agravos; assim, o orgulho funcionaria como uma proteção contra a admissão de uma imagem menos que perfeita, daí advindo também a dificuldade de sair do refúgio.

B. Kancyper

Kancyper também se interessa pelo tema do ressentimento e fala dele, em diversos momentos, sob mais de um aspecto. No artigo “El afecto y el poder” (1999b, tradução nossa), o autor tem por objetivo mostrar a importância dos afetos que dão origem a diferentes formas de defesa e a diferentes psicopatologias. Para tanto, ele toma como referencial de suas reflexões os afetos e o poder e, para pensar essa relação, toma a emoção do ressentimento, sua metapsicologia e sua clínica.

Interessa-nos, no artigo de Kancyper, a idéia de que o ressentimento é fruto de múltiplas humilhações diante das quais o sujeito não reagiu e contra as quais alimenta a esperança de vingar-se. Diz ele que a vingança surge do ressentimento e pode ser simplesmente imaginada, repetidamente, em fantasia, como veremos no caso clínico adiante, ou pode dar-se a passagem ao ato.

A vingança, na opinião de Kancyper é, a possibilidade que se abre para que o sujeito possa anular os agravos e humilhações sofridos, e ao mesmo tempo, colocar-se na posição de vítima privilegiada; posição que dá a ele o *direito à vingança* contra aqueles que perturbaram sua ilusão de perfeição infantil. É a projeção da culpa pelos ataques desferidos em fantasia ao objeto que torna esse objeto mau, justificando a passagem do sujeito de vítima a algoz. Como vítima, tem direito à vingança e a exerce através de um “poder reivindicatório sádico-masoquista pelas feridas narcísicas e pelos danos traumáticos externos que passivamente sofreu” (*Ibid*, p. 667).

Para o autor, o sujeito ressentido, na posição de vítima privilegiada, tem justificado seu direito/poder de punir e atormentar aquele que o humilhou ou submeteu a situações danosas; a vingança faz ressurgir os impulsos destrutivos, fazendo-os prevalecer sobre as pulsões de vida, e é este desfuncionamento das pulsões que desencadeia a compulsão à repetição, própria ao reinado de Tântos. Ao entreter a esperança de vingar-se, o ressentido vive um passado que se apoderou das três dimensões do tempo, tudo gira em função do tempo da vingança, que virá. Esse repetir sem fim é que intercepta o porvir e que impede, portanto, qualquer possibilidade de mudança. Então:

A memória do rancor se entrincheira e se nutre da esperança de vingar-se, enquanto que a memória da dor se estende pelo tempo da resignação. Não se baseia, certamente, em subestimar-se o passado, nem na amnésia do ocorrido, nem na imposição de uma absolvição/perdão superficial;

mas na sua aceitação com mágoa, com ódio e com luto como sendo impossível de modificar-se ou não passível de resignação, para efetuar uma passagem para outros objetos, o que possibilita processar um trabalho de elaboração normal. (*Ibid*, p. 670)

A posição de Kancyper e a de J.M. Vicario parecem muito próximas quanto à função estruturante do não-esquecimento da experiência traumática (não esquecer = ressentir). Vicario fala em trauma estruturante (não esquecendo que Vicario faz uma aproximação entre trauma e ressentimento), que funcionaria como ansiedade sinal, que previne e protege contra o traumático, impedindo sua repetição. Kancyper fala da dor pelo ocorrido e pelo que é sabido e que admite o uso do passado como experiência, que não aprisiona e nem exige que se renuncie ao acontecido e ao sabido, mas pode funcionar como um não esquecer estruturante e organizador, expressão da pulsão de vida, podendo então operar, como no trauma estruturante, como um sinal de alarme que protege e previne a repetição do danoso e permite, assim, um movimento em direção ao futuro.

Há também duas outras convergências entre os dois autores; uma diz respeito ao reconhecimento do trauma como experiência externa e a outra é relativa à possibilidade de que “não esquecer” esteja a serviço da pulsão de morte e ponha em movimento a repetição – “não esquecer” que é um corpo estranho enquistado no psiquismo, “desorganizador e que pode inclusive levar à devastação do ego” (VICARIO, 1995, p. 12).

Diferentemente dos autores acima citados – Vicario, Escario e Steiner –, Kancyper não considera o ódio responsável pela impossibilidade de realizar o luto, mas, sim, o ressentimento, pois, para ele, o ódio permitiria um movimento centrífugo da libido, que se oporia ao movimento centrípeto no ressentimento. Kancyper descre-

ve o movimento centrífugo presente no ressentimento como um movimento circular e repetitivo em que o sujeito volta a sentir “certas injúrias narcísicas, edípicas ou fraternas que não se podem o não se querem esquecer nem perdoar” (*Id*, 1999, p. 672). O movimento centrípeto, ao contrário, é aquele presente no ódio e que, de acordo com o autor, “permite ao sujeito um enfrentamento com o objeto e seu desligamento dele, desligamento que promove a gênese e a manutenção da discriminação nas relações de objeto” (*Ibid*, p. 974). Kancyper adota a concepção winnicotiana segundo a qual “o ódio desata uma agressão criativa: cria a exterioridade e permite o uso do objeto” (*Id*, 1999a, p. 55).

Kancyper diferencia o ódio do ressentimento ao dizer que:

...o ódio se transforma em ressentimento quando é reforçado por uma regressão a uma etapa sádica, de modo que o ressentimento tem um caráter erótico e se perpetua um vínculo sadomasoquista; além do mais, o ressentimento produz uma série de construções fantasmáticas que, por sua vez, o sustenta. O conteúdo representativo das cenas imaginárias inerentes ao ressentimento se encontra a serviço do apoderamento e da retenção do objeto para poder exercer sobre ele suas moções de vingança. (*Ibid*, p. 55)

O que ressalta da leitura dos autores e parece ser indiscutível é que na gênese do ressentimento está o ódio resultante do desfusionamento das pulsões libidinal e de morte. Até mesmo Kancyper – claro na sua posição de pensar que o ressentimento e o ódio desempenham papéis diferentes no enfrentamento de injúrias narcísicas, edípicas – justifica a transformação do ódio em ressentimento como resultado de uma “regressão a uma etapa sádica”, o que nada mais é do que o mecanismo de desfusão das pulsões.

C. O cenário brasileiro

No cenário da psicanálise brasileira, Maria Rita Kehl, já citada, tem se dedicado a pensar o ressentimento sob vários aspectos. Ela o define como “essa forma de amargura ativamente cultivada por aqueles que se recusam a admitir sua própria responsabilidade nas escolhas que os prejudicaram ao longo da vida e insistem em se colocar na posição de vítimas do destino” (KEHL, 2002, p. 179).

Em seu livro *Ressentimento* (2004), ela traz exemplos da literatura, fala do ressentimento em Nietzsche, mostra os fios que teceram a ligação entre Espinosa e Nietzsche e também entre Nietzsche e Freud. Mas seu tema principal, ao focar o ressentimento, já presente em outros artigos, é sua preocupação com o lugar que o homem ocupa na sociedade contemporânea, que valores pautam a vida desse sujeito numa sociedade de consumo, individualista e orientada para o sucesso a qualquer preço, o narcisismo ultracultuado e a conseqüente exclusão daqueles que de alguma forma não se ajustam às expectativas. É, portanto, dentro desse contexto social que Kehl fala do ressentimento como sintoma social e discute sua atualidade.

Ainda dentro dessa conjuntura, *Memória e (res)sentimento* (BRESCIANI e NAXARA (org.), 2004), reunião de artigos de importância e profundidade, organizados por Márcia Regina Naxara e Maria Stella Bresciani, é resultado do encontro de um conjunto de pesquisadores que têm se dedicado a estudar os sentimentos e as paixões humanas sob os pontos de vista social e político e das relações entre memória e história.

Por último, mas não menos importante, a tese de mestrado recém-defendida na PUC-São Paulo por M. C. Cortezzi Reis, não publicada até este momento, em que a autora enfoca seu trabalho clínico sobre o ressentimento no feminino.

Cortezzi Reis pensa o ressentimento “como um complexo, um condensado de sentimentos que se amalgamam para produzir ou re-produzir uma forma de estar no mundo, de ver o outro, de se relacionar, tornando-se quase um traço de caráter”. (CORTEZZI REIS, 2004, p. 22) Um pouco adiante, ela vai dizer que “... ter um ressentimento, (...), torna-se posse ‘preciosa’ da qual a pessoa não pode se desprender. É possível inferir que o ter e a posse se relacionam com o guardar. Assim, o ressentimento pode ser pensado como mágoa que se guarda e que o tempo não apaga” (*Ibid*, p. 9).

Cortezzi Reis, assim como Kehl, Bresciani e Naxara são autores importantes no cenário nacional em função de dedicarem-se a um tema tão pouco explorado na psicanálise; sua visão de ressentimento, dessa “amargura que se cultiva” (KEHL, 2002, p. 179), dessa “posse da qual não se pode abrir mão” (CORTEZZI REIS, 2004, p. 9), desse “condensado de sentimentos” (*Ibid*, p. 9), é referência indispensável para a compreensão do assunto. Esta visão, da qual partilho e faço uso, diferentemente daquela dos outros autores citados (Steiner, Kancyper, Vicario, Escario), começa por enumerar os sentimentos que compõem esse condensado – mágoa, raiva, rancor, amargura, dor, decepção, desgosto, tristeza, pesar, impotência diante do agravo etc. São afetos que permeiam a vida de maneira mais ou menos sutil, que se presentificam através do impedimento de viver o presente e, amalgamados no ressentimento, obturam e interrompem o livre curso da vida, mantendo o sujeito preso a um outro, que é seu cúmplice e seu algoz. Cortezzi Reis em consonância com Kehl, sublinha a importância da condição de vítima e de como ela é sustentada: ”a necessidade de ter um algoz, um outro ‘mau’, faz parte de sua condição de vítima, que é ao mesmo tempo réu e juiz, pois não pode se perdoar por haver permitido sofrer o agravo” (*Ibid*, p. 16), um outro para quem o olhar do ressentido está dirigido, evitando assim que esse olhar possa voltar-se para si mesmo e reconhecer que também ele tem participação em seu aprisionamento.

O ressentimento representa um desafio, cria uma barreira difícil de ser superada pela dupla analítica e requer, tanto do paciente quanto do analista, paciência e

crença na possibilidade de que a destrutividade possa ser reconhecida e transformada a favor dos nossos pacientes. Tudo isso custa tempo, às vezes muito tempo para aquilo que nossos pacientes estão dispostos a despende – sabemos do desejo de que tudo possa ser resolvido com uma pílula, um passe de mágica, um milagre. Essa rapidez não faz parte do nosso repertório e, até aqui, o melhor que podemos oferecer é a psicanálise.

CAPÍTULO II

PSICANÁLISE E FILOSOFIA

Alguns campos do conhecimento humano por vezes se cruzam na procura de repostas para as mesmas questões. Filosofia, literatura, psicanálise se complementam na ampliação dos horizontes do conhecimento de temas comuns, na amplificação do eco das vozes que nos chegam e trazem outras formas de pensamento. Cada uma a seu modo, utilizando-se de ferramentas próprias e ainda que pertencentes a campos distintos, sempre guardam certa proximidade e mantêm de alguma forma um diálogo valioso.

Freud sempre manteve extenso diálogo com a literatura e a filosofia, reconhecendo na primeira a capacidade de apreensão do inconsciente e partilhando com a segunda temas de sua inquietação intelectual. Encontramos no pensamento nietzscheano afinidade com algumas das idéias de Freud e, por essa razão, Freud e Nietzsche são apresentados juntos na exposição a seguir, ainda que a intenção, neste momento, não seja uma análise comparativa. Nietzsche e Scheler têm presença garantida na discussão do ressentimento, uma vez que o tema foi tratado por ambos de modo extenso e profundo.

Espinosa tem lugar especial, em virtude da afinidade que pode ser observada em alguns momentos entre seu pensamento e o de Nietzsche. Um exemplo: enquanto Nietzsche anuncia a morte de Deus e denuncia o poder do padre ascético, que “se vale da má consciência para impedir que o sofrimento dos ressentidos se transforme em revolta potente, vital” (NIETZSCHE, 2004, p. 51), Espinosa nega a transcendência divina, demonstra que a imagem de Deus nada mais é do que a projeção antropomórfica de uma imagem humana, nega a existência de milagres, mistérios e coisas ocultas e promove uma

análise crítica das Sagradas Escrituras, o que dá origem ao desmonte do poderio da teologia política, que subordina o poder político ao religioso; é comum a ambos a crítica a toda forma de superstição. Podemos ouvir ecos da filosofia de Espinosa quando Nietzsche fala em afetos passivos ou ativos e ainda quando este retoma as idéias de “bom” como tudo aquilo que aumenta a nossa potência vital e “ruim” como aquilo que a diminui.

I. FREUD E NIETZSCHE ⁽⁴⁾

Sabemos por uma carta enviada a Fliess, datada de 1º de fevereiro de 1900, que Freud esperava encontrar em Nietzsche palavras para aquilo que se encontrava mudo nele (MASSON, 1986). A esperança expressa por Freud nos leva a pensar que ele tinha conhecimento ao menos superficial da obra do filósofo, uma vez que diz claramente ter-se privado do prazer de lê-lo. Assoun nos esclarece de que maneira o conhecimento da obra do filósofo chegou até Freud através de canais outros que não a leitura direta:

Exceto alguns sinais precursores, só no início dos anos 90 e na virada do século é que toma forma o movimento de descoberta da obra de Niet-

4. Friedrich Nietzsche nasceu em 15 de outubro de 1844 em Rocken, perto de Leipzig; perde o pai, pastor protestante, pessoa culta e delicada, e o irmão, em 1849; a mãe e a família mudam-se para Naumburg, onde ele cresce em companhia da mãe, de duas tias e da avó. Sob a influência de leituras de Byron, Schiller, Holderlin e de alguns professores, afasta-se do cristianismo, sendo atraído pelo ateísmo de Schopenhauer. Nietzsche escreveu doze livros entre 1871 e 1888. Sofre um colapso mental nos primeiros dias de 1889, sendo internado primeiro em Basileia e depois em Iena. Posteriormente, é levado por sua mãe para Naumburg, vindo a falecer em 25 de agosto 1900, ano de publicação de *A interpretação dos sonhos*, de Freud.

zsche, na própria Alemanha. (...) ao grande silêncio sucede a moda que introduz o nome de Nietzsche nas controvérsias do mundo intelectual. Este falatório é que levará o nome de Nietzsche até Freud. (ASSOUN, 1989, p. 14)

É impossível negar a proximidade de algumas dessas idéias, e um dos motivos pelos quais Freud talvez tenha se furtado a uma leitura de Nietzsche fosse, como diz Kehl, “uma espécie de resistência (...), no sentido psicanalítico do termo, contra uma possível influência nietzscheana” (KEHL, 2004, p. 112). Kehl atribui tal resistência ao que chama de “espantosa afinidade” entre aspectos da filosofia nietzscheana e do pensamento freudiano. Essa espantosa afinidade, como diz ela, é esmiuçada exhaustivamente por Assoun em seu trabalho sobre as semelhanças e dessemelhanças entre Freud e Nietzsche. Utilizo a obra de Assoun para expor alguns dos pontos de convergência entre o pensamento freudiano e nietzscheano, que passo a apresentar a seguir.

O ressentimento, certamente, não é um tema comum aos dois pensadores, que, no entanto, partilham várias concepções. Nietzsche faz dele seu tema principal na *Genealogia da moral* (1887) e precederá o criador da psicanálise ao examinar o retorno dos instintos agressivos sobre o eu, chamando-o de “envenenamento psíquico” – idéia análoga à do masoquismo freudiano. Um e outro procedem a uma análise da civilização ao tratar o conflito entre instintos e cultura, outro ponto comum a ambos. É neste campo de batalha que os dois contemporâneos parecem captar todo o peso das severas exigências cobradas pela sociedade européia do século 19 e que traduzem o espírito da época. A culpa é um terceiro aspecto comum aos dois; de acordo com Assoun (1989), existe tanto em Freud quanto em Nietzsche, uma teoria da culpa, e, se para Nietzsche ela se insere no esquema da crítica aos valores morais, em Freud, ela se relaciona à sexualidade; para Freud, a origem do sentimento de culpa é inconsciente e deslocado de seus objetos.

Para Assoun (1989), a memória em Freud e Nietzsche é apresentada como perturbação de uma função e, portanto, como razão para sofrimento. A exemplo das histéricas de Freud e Breuer, que sofriam de reminiscências, para Nietzsche, o ressentido sofre de uma memória reiterada, de uma impossibilidade de esquecer; a memória, para o filósofo, é uma doença. A diferença está em que, para Freud, trata-se de uma memória que se presentifica através do incompreensível do sintoma, enquanto, para Nietzsche, ela é um processo ativo. O desejo reiterado de vingar-se em fantasia e a sua impossibilidade dão origem ao ressentimento, sustentado ativamente pela memória do agravo.

Se a memória é um estar doente, então, por que a impossibilidade de esquecer? A questão não passou despercebida para Nietzsche. Ele se dá conta de que o ganho falso auferido pelo ressentido traz em si uma porção de gozo. Gozo masoquista, que se apresenta pelo retorno sobre o sujeito dos impulsos agressivos impedidos de descarga.

Ainda há um último ponto que se destaca nessa afinidade entre as idéias de Freud e Nietzsche. Eles se aproximam no acordo sobre a possibilidade de reação a um agravo ou humilhação sofrido e também na concordância que mantêm quanto ao fato de a vingança ser uma saída para o ressentimento. A diferença está em que, para Nietzsche, a vingança é **a saída**, enquanto, para Freud (1893), há outros tipos de reação. Vejamos o que diz Freud:

O esmaecimento de uma lembrança ou a perda de seu afeto dependem de vários fatores. O mais importante destes é se houve uma reação energética ao fato capaz de provocar um afeto. Pelo termo “reação” compreendemos aqui toda classe de reflexos voluntários e involuntários – das lágrimas aos atos de vingança – nos quais, como a experiência nos mostra, os afetos são descarregados. Quando essa reação ocorre em grau suficiente, grande parte do afeto desaparece como resultado. (FREUD (1893), 1969, vol. II, p. 44)

Para Nietzsche:

Pensar em se vingar e fazê-lo significa ter um violento acesso febril, que no entanto passa; mas pensar em se vingar e não ter força nem coragem para fazê-lo é carregar consigo um sofrimento crônico, um envenenamento do corpo e da alma. (NIETZSCHE, 2000, p. 60)

Digo que as idéias parecem próximas, mas é preciso prestar atenção à sutileza do texto freudiano quando se refere a toda classe de reflexos voluntários e involuntários, pelos quais os afetos são descarregados, desde o choro até a vingança, passando pelo humor. Já para o filósofo, a vingança é o inescapável, sem ela não existe possibilidade de que o envenenamento se dissipe.

II. NIETZSCHE, SCHELER ⁽⁵⁾ E O RESSENTIMENTO

(...) eles rasgam as mais antigas feridas,
eles sangram de cicatrizes há muito
curadas, eles transformam em malfeitores

5. Max Scheler nasceu em Munique, em 22 de agosto de 1874 e faleceu em Frankfurt em 19 de maio de 1928. Sua mãe era oriunda de uma família de judeus ortodoxos e a família de seu pai era de origem protestante, de classe média alta. Ele, no entanto, manteve vínculos com a Igreja católica, rompidos em 1923. É considerado um filósofo da fenomenologia, conhecido por associar método intuitivo e ética para formular sua “ética material dos valores”. Para ele, o homem não cria valores, os valores são valores, que são reconhecidos ou descobertos – daí a análise crítica feita pelo filósofo ao relativismo dos valores de Nietzsche. Com uma obra por ele mesmo descrita como uma tentativa de compreensão fenomenológica da personalidade humana, Scheler é autor de *O eterno no homem*, considerada uma das obras mais expressivas da fenomenologia da religião.

o amigo, a mulher, o filho e quem mais
lhes for próximo. (NIETZSCHE, 2004, p. 117)

F. Nietzsche e M. Scheler são considerados os “filósofos do ressentimento”, ou, pelo menos, os mais importantes a tratar do tema – não que outros não tenham falado sobre ressentimento, mas Nietzsche e Scheler o fazem longa e profundamente.

O ressentimento, no pensamento nietzscheano, ocupa lugar de grande destaque; porém, o objeto de estudo que o interessa primordialmente, desde *O nascimento da tragédia* (1870) até *Crepúsculo dos ídolos* (1888), são os valores morais que regem a vida moderna e a crítica que faz desses valores. Para que se compreenda Nietzsche, é importante ter em mente que, ao mesmo tempo que nega a natureza metafísica dos valores morais, ele afirma sua origem humana e sua determinação a partir de conflitos de força e de poder. O filósofo vê na criação do Estado moderno, cuja função é proteger os indivíduos, e sua aliança com a Igreja, a gênese dos valores que regem a sociedade.

O resultado da “barganha” é a submissão aos ditames morais criados pela aliança Estado/Igreja e a conseqüente desvalorização da força instintual “produzindo sua interiorização progressiva, até que os instintos vitais de dominação e destruição passassem a se voltar contra os homens, gerando culpa e má consciência” (KEHL, 2004, p.82).

Segundo Nietzsche, nem sempre os valores são impostos pelos mais fortes aos mais fracos, uma vez que a moral é invenção dos derrotados e, para justificar essa afirmação, ele usa como exemplo a moral cristã, em que o Bem estaria ao lado dos fracos e o Mal, ao lado dos mais fortes. Para Nietzsche, o ressentimento é o afeto que acomete aqueles que por debilidade ou covardia são cúmplices de sua própria derrota. Aos que se entregam sem lutar, cabe o prêmio futuro, aos que oferecem a outra face, a

promessa da felicidade na vida que virá depois da morte. Mas o preço pago nesta vida é o desejo de vingança, sempre adiado, e o eterno ressentir.

Entre os escritos mais importantes de Scheler estão seu ensaio sobre o ressentimento, “O ressentimento e o juízo moral dos valores” (*Das Ressentiment im Aufbau der Moralen*, 1912), outro ensaio chamado “Essência e formas da simpatia” (*Wesen und Formen der Sympathie*, 1923), e também seu primeiro grande livro, intitulado “O formalismo na ética e a ética material do valor” (*Der Formalismus in der Ethik und die materiale Wertethik*, 1913-1916).

Seu ensaio sobre o ressentimento traz de modo muito marcado sua experiência de desencantamento e de derrocada dos valores sociais vigentes no pós-guerra. Experiência que deve ter sido vivida como traumática, tendo em vista a constância do tema do colapso das hierarquias de valores tradicionais. É notória a crítica que faz dos valores burgueses em seu ensaio sobre o ressentimento.

Os anos de guerra e seu desejo de opor-se às forças destrutivas da guerra o fizeram aproximar-se do catolicismo, o que explica sua defesa exacerbada da moral cristã, opondo-se àquele em quem se inspirou, Nietzsche, para escrever sobre o ressentimento. Scheler interpreta o cristianismo de acordo com seus propósitos, com a intenção de, ao fim e ao cabo, justificar uma hierarquia de valores sociais, que ele defende contra as mudanças que o progresso vem, inescapavelmente, impor. Ele parece dar vazão ao seu próprio ressentimento contra uma nova ordem social que mal compreende e na qual talvez não encontre lugar.

Em vários momentos, o autor defende a manutenção dessa hierarquia, como quando diz que: “(...) o período cristão na Idade Média, durante o qual o amor cristão

atingiu seu mais puro florescimento como idéia e forma de vida, não viu contradição entre este princípio e a hierarquia aristocrática feudal da sociedade secular e tampouco da eclesiástica, incluindo a escravidão” (SCHELER, 1972, p. 119, tradução nossa). Scheler, sem sombra de dúvida, defende, talvez inconscientemente, a manutenção de uma sociedade dentro da qual ele conhece seu lugar – o que está em jogo é seu *status quo*; ou talvez pudéssemos dizer sua identidade e, com ela, seu narcisismo?

Enquanto, para Nietzsche, a moral cristã está fundamentada no ressentimento, para Scheler, é a moral burguesa que está baseada no ressentimento.

Nietzsche afirma que a impossibilidade de reagir, reforçada e defendida pela doutrina cristã – “oferece a outra face”, (BÍBLIA SAGRADA [Lucas (6:27-29)], 2004, p. 1.228) –, dá nascimento ao sentimento que é cultivado e, ao final, acaba subvertendo os valores, que, para o autor, são aqueles que de fato importam – o bom transforma-se em mau e o mau em bom. Nesse sentido, busca-se a resignação frente às vicissitudes da vida e, assim sendo, segundo Nietzsche, na visão cristã, a pobreza, a doença e a fraqueza seriam os ideais a serem alcançados.

Há uma completa inversão de valores, operada pela ótica do homem do ressentimento; a moral do escravo, como ele chama esse homem, em oposição à moral dos senhores/nobres, é que sai vencedora do embate e, para justificar a fraqueza de caráter dos que preferem oferecer a outra face em vez de lutar, a doutrina cristã subverte os valores, fazendo o homem almejar tudo aquilo que não está entre os valores do caráter nobre.

Antes de prosseguir, convém falar brevemente sobre o que representa na filosofia nietzscheana, a moral do escravo e a moral do senhor, par de opostos que dá origem a tantos mal-entendidos. Para isso, cito Naffah:

Talvez porque o filósofo tenha de fato se inspirado em diferentes culturas e até aponte uma origem histórica para a formação desses dois tipos, o nobre e escravo acabam, dentro da interpretação popularizada de Nietzsche, bastante confundidos. É importante deixar claro, pois, mais uma vez, que eles designam antes de tudo formas de vida ou tipos de moral que, à parte sua suposta origem histórica, não se confundem com classes sociais, grupos ou mesmo indivíduos: “acrescento desde logo que, em todas as culturas superiores e mais mistas, aparecem também tentativas de mediação entre ambas as morais, e ainda mais freqüentemente a mescla das mesmas e seu recíproco mal-entendido, e até mesmo, às vezes, seu duro lado-a-lado – até no mesmo homem, no interior de uma única alma. Assim, pois, se o nobre e o escravo podem – nas palavras de Nietzsche – habitar o interior de uma única alma, fica, de uma vez por todas, desfeito o equívoco: eles designam, antes de tudo, formas de viver que se alternam, se misturam ou se sobrepõem na constituição de uma subjetividade. (NAFFAH NETO, 1994, p. 33)

Desfeito o possível mal-entendido, podemos prosseguir, falando de Scheler.

Scheler defende a doutrina cristã ao dizer que o cristianismo não se compraz na pobreza ou na fraqueza, mas na afirmação dos valores contrários e que é a moral burguesa que promove a inversão dos valores – em outras palavras, quem não consegue ser forte e rico, ao se ressentir por não atingir tais valores, defende, por ressentimento, os valores contrários. Os dois filósofos defendem a mesma posição com a diferença de que a “mais delicada flor do ressentimento” germina em solos diferentes.

Para Scheler, é o falseamento da doutrina cristã por Nietzsche – isto é, seu julgamento errôneo sobre a idéia do amor e sua hipótese sobre a origem da moralidade

cristã – que dá margem a que ele se engane ao dizer que o ressentimento brota daquele solo. Scheler diz que:

(...) o impulso altruísta é realmente uma forma de ódio, ódio a si mesmo, posando como seu oposto (amor) numa falsa perspectiva de consciência. Do mesmo modo, na moral do ressentimento, amor aos “pequenos”, aos “pobres”, aos “fracos” e aos “oprimidos” é realmente um disfarce para o ódio, inveja reprimida, um impulso para desvalorizar etc, dirigido contra o fenômeno contrário: “riqueza”, “força”, “poder”, “generosidade”. Quando o ódio não ousa se mostrar abertamente, ele pode facilmente se expressar na forma de amor ostensivo – amor por alguma coisa cujas características são opostas às do objeto odiado. Isto pode ocorrer de forma a que o ódio permaneça secreto. (SCHELER, 1972, p. 96, tradução nossa).

Para este filósofo, o verdadeiro amor cristão, o tipo de amor que se sacrifica pelas pessoas fracas, doentes e pelos pequenos, nasce da segurança interior e da plenitude vital. A ajuda que oferece é no sentido de desenvolver o que há de positivo e bom, não há amor pela doença, pela fraqueza ou pela pobreza. Diferentemente do que pensava Nietzsche, a passividade, a resignação pregada pelo cristianismo não significa impossibilidade de reação, mas envolve uma atividade extrema contra os instintos naturais, que seriam de reação. De acordo com Scheler:

Os cristãos recusam-se a permitir que seus atos sejam meras reações – (...) mas uma rejeição de toda atividade reativa, de qualquer participação em modos de agir comuns ou medianos ou de padrões de julgamento. (*Ibid*, p. 100, tradução nossa)

III. BARUCH DE ESPINOSA ⁽⁶⁾

Spinoza

*Gosto de ver-te, grave e solitário,
Sob o fundo de esqualida candeia,
Nas mãos a ferramenta de operário,
Na cabeça a coruscante idéia.
E enquanto o pensamento delineia
Uma filosofia, o pão diário
A tua mão a labutar granjeia
E achas na independência o teu salário.
Soem cá fora agitações e lutas,
Sibila o bafo aspérrimo do inverno,
Tu trabalhas, tu pensas, tu executas
Sóbrio, tranqüilo, desvelado e terno,
A lei comum, e morres e transmutas
O suado labor em prêmio eterno.*

(MACHADO DE ASSIS, *apud* CHAUI, 1995, p. 5).

6. Espinosa nasceu no dia 24 de novembro de 1632 em Amsterdã, depois de sua família ter-se mudado da Espanha para Portugal e enfim para a Holanda, fugindo à perseguição aos judeus promovida pelos reis católicos das nações ibéricas. Pouco se conhece sobre o início de sua vida, mas sabe-se que sua família pertencia ao grupo abastado da comunidade judaica e que seu pai o teria iniciado no comércio e no aprendizado de uma atividade manual – o que, na época, era comum na classe social a que pertencia. Espinosa, portanto, aprendeu a polir lentes para instrumentos ópticos, atividade que ao longo de toda sua vida lhe garantiu sustento modesto, mas fundamental para a independência de seu pensamento – ele dispensou uma pensão de Luís XIV por se recusar a dedicar seu próximo livro à Sua Resplandecente Alteza. Ao declinar da oferta, diz-se que Espinosa calmamente observou que não poderia lisonjear um homem por quem não sentia admiração.

Nossa escolha de Baruch de Espinosa para falar da constelação afetiva do ressentimento deve-se à sua influência sobre o pensamento de Nietzsche – influência que pode ser percebida quando este se refere a afetos reativos e ativos e também na maneira como as ações dos homens são analisadas pelo efeito que produzem sobre “a potência vital dos homens”, como a chamou Espinosa.

Tanto para Espinosa quanto para Nietzsche, deve ser considerado “bom” tudo aquilo que aumenta a potência vital e “ruim” o seu contrário. Essa potência vital, em Nietzsche, se manifesta sob a forma de vontade de poder, dominação, é o constante movimento de expansão da vida; em Espinosa, sob a forma de autoconservação.

Espinosa considera três modos de conhecimento: a imaginação, a razão e a intuição intelectual. Aquilo que ele chama de idéias imaginativas ou inadequadas se originam da experiência sensorial e da memória; a razão “conhece adequadamente as noções comuns, isto é, as leis necessárias ou as relações necessárias entre as partes de um mesmo todo” (*Ibid*, p. 38); é a intuição intelectual que conhece as idéias adequadas. As idéias ditas inadequadas não são assim consideradas por serem erradas, mas por não permitirem que se conheçam as causas da paixão que afetam o corpo e, dessa maneira, não permitem que a relação de afetação possa ser alterada; ou seja, não é possível ao sujeito passar do lugar da passividade/afetado para o da atividade; já as idéias adequadas são as que permitem essa passagem.

Concluimos, então, que as idéias adequadas são aquelas que permitem ao homem ser ativo; para Espinosa, homem livre é somente aquele capaz de agir em toda sua potência, e o afeto que o caracteriza é a alegria. Da alegria decorrem todos os afetos que aumentam a potência vital, ativos, enquanto da tristeza derivam todos os afetos que a diminuem, passivos.

A recusa do ascetismo em Espinosa deve-se ao fato de ele entender o homem como parte da natureza e, portanto, desprovido do poder de isentar-se de ser afetado por tudo aquilo que é comum à natureza do homem. Segundo Kehl:

O homem espinosiano, como mais tarde o nietzscheano, não é culpado por sua corporiedade: corpo-extensão e alma-pensamento são interdependentes, e não há qualquer ordem de superioridade de um sobre o outro. (KEHL, 2004, p.104).

Diferentemente de Nietzsche, em que a recusa do ascetismo está baseada na crítica dos valores morais, Espinosa parece muito próximo a Freud quando diz que nada há de errado em ser afetado pelas paixões, desde que, conhecendo suas causas, possamos escolher aquelas que ampliem a potência de agir. Podemos talvez ouvir nos escritos de Freud um eco distante desse “conhecer para poder escolher”.

Seu grau de liberdade, ao discorrer sobre as paixões humanas – liberdade conferida por sua isenção de julgamento moral, por sua concepção do homem e de suas paixões, como parte da natureza – distanciam Espinosa de Nietzsche e Scheler. Estes se colocam em lados opostos quanto ao terreno em que o ressentimento surge. O primeiro sugere que ele é fruto da doutrina cristã, enquanto o segundo o considera fruto da moral burguesa, alegando que apenas um falseamento da doutrina cristã poderia ter levado Nietzsche a tal equívoco. Mas os dois fundam seus argumentos no terreno moral. Nenhum dos dois pode admitir em sua filosofia que os sentimentos, as paixões humanas, nada têm de errado ou defeituoso, sendo apenas a manifestação do humano. Diz Espinosa:

Aqueles que escrevem sobre as afecções e sobre a conduta da vida humana, parecem, em sua maioria, tratar não de coisas naturais que decorrem

das leis comuns da Natureza, mas de coisas que estão fora da Natureza. Na verdade, dir-se-ia que concebem o homem na Natureza como um império dentro de um império. Supõem, com efeito, que o homem perturba a ordem da Natureza mais que a segue, que tem sobre suas próprias ações um poder absoluto e tira apenas dela mesma a sua determinação. Procuram, pois, a causa da impotência e da inconstância humanas não na potência comum da Natureza, mas em não sei qual vício da natureza humana e, por essa razão, choram por causa dela, riem, desprezam-na ou as mais das vezes a detestam... (ESPINOSA, 2005, p. 195).

E mais adiante:

...nada acontece na Natureza que possa ser atribuído a um vício nela existente; ela é sempre a mesma, com efeito; sua virtude e poder de agir são os mesmos em toda parte, isto é, as leis e regras da Natureza, conforme as quais tudo acontece e passa de uma forma a outra, são em toda parte e sempre as mesmas. (*Ibid*, p. 196)

É essa aproximação ao pensamento psicanalítico, no sentido de libertar-se dos julgamentos e juízos de valor ao falar das paixões humanas, que me remete a ele. De acordo com Marilena Chaui, a filosofia espinosana está livre do peso de duas tradições:

...a da transcendência teológico-religiosa ameaçadora, fundada na idéia de culpa originária, e a da normatividade repressiva da moral, fundada na heteronomia do agente submetido a fins e valores externos não definidos por ele. A primeira coloca a ética sob a tutela da teologia do pecado, imaginando a liberdade como livre-arbítrio e transgressão aos mandamentos

divinos. A segunda submete a ética às idéias imaginativas de bom e mau, isto é, a modelos externos da conduta virtuosa (conforme ao bem) e viciosa (conforme ao mal), identificando a liberdade com o poder para escolher entre valores postos como regras e normas para o agente moral. (CHAUI, 1995, p. 53).

O que fica claro é o não dar-se importância, tanto na psicanálise quanto no pensamento espinosano, à concepção cristã de culpa originária ou – por que não dizê-lo? – de pecado e tampouco à concepção moralista sobre as paixões que afetam o indivíduo, para considerá-las sob o ponto de vista daquilo que o faz sofrer e por que faz sofrer. Do mesmo modo que para a psicanálise, a virtude, para Espinosa, é pensar.

IV. AS PAIXÕES

O *Dicionário filosófico* de Comte-Sponville define a paixão como:

Aquilo que experimentamos em nós, sem poder impedi-lo nem superá-lo plenamente. É o contrário ou o simétrico da ação: a alma se submete ao corpo, diriam os clássicos, isto é, à parte de si que não pensa, ou que pensa mal (COMTE-SPONVILLE, 2003, p. 435).

A palavra paixão vem do latim *passione* e, segundo o dicionário *Aurélio*, define um sentimento ou emoção que, por sua intensidade, faz perder a razão e a lucidez, geralmente vista à luz do arrebatamento amoroso, é também todo sentimento que faz sofrer, que traz desgosto, mágoa. Também encontramos que a paixão é um afeto

dominador e cego, uma obsessão. A confusão está instalada, sentimento, emoção, afeto, existe afinal de contas uma diferença entre esses conceitos ou será tudo a mesma coisa com nomes diferentes?

Damásio, em seu interessante livro sobre natureza e significado das emoções e sentimentos, diz:

A emoção e o sentimento eram irmãos gêmeos, mas tudo indicava que a emoção tinha nascido primeiro, seguida pelo sentimento, e que o sentimento se seguia sempre à emoção como uma sombra. Apesar da intimidade e aparente simultaneidade, tudo indicava que a emoção precedia o sentimento. (DAMÁSIO, 2003, p. 14).

Ele prossegue:

A emoção e as várias reações com ela relacionadas estão alinhadas com o corpo, enquanto os sentimentos estão alinhados com a mente. A investigação da forma como os pensamentos desencadeiam as emoções e de como as modificações do corpo durante as emoções se transformam nos fenômenos mentais a que chamamos sentimentos abre um panorama novo sobre o corpo e sobre a mente... (*Ibid*, p. 15)

É preciso aqui chamar a atenção para o fato de que Damásio toma para si a noção espinosana de que mente e corpo são atributos da mesma substância, um influenciando o outro continuamente; portanto, a separação corpo/mente tem finalidade didática apenas. Ainda citando Damásio:

Por exemplo, quando Espinosa dizia que o amor nada mais é do que um estado agradável, a alegria, acompanhado pela idéia de uma causa exterior, Espinosa estava separando com grande clareza o processo do sentir do processo de ter uma idéia sobre um objeto que pode causar uma emoção. A alegria era uma coisa e o objeto que causava a alegria era outra coisa. Alegria ou tristeza, bem como a idéia dos objetos que causavam uma ou outra, iriam juntar-se na mente, por fim, mas começavam distintos. Espinosa tinha descrito uma organização funcional que a ciência moderna está revelando como um fato: os organismos vivos são dotados de uma capacidade de reagir emocionalmente a diferentes objetos e acontecimentos. A reação, a emoção no sentido literal do termo, é seguida por um sentimento. A sensação de prazer ou dor é um componente necessário desse sentimento. (*Ibid*, p. 20)

Neste ponto, podemos dizer então que o palco das emoções é o corpo, enquanto os sentimentos têm por palco a mente. É às emoções e aos sentimentos, os irmãos gêmeos de que nos falou Damásio, que chamamos afeto.

O ressentimento é, como diz Kehl, uma constelação afetiva: mágoa, ódio, rancor, decepção, desapontamento, tristeza, raiva. A definição desses afetos é por vezes redundante, há sempre uma grande intersecção entre eles, como se não fosse possível estabelecer limites claros sobre cada um e o que significam. Por exemplo, Kancyper faz equivalentes os afetos denominados rancor e ressentimento. Diz o dicionário que ressentimento é uma recordação tenaz e hostil de atos ou acontecimentos que provocaram dano material ou moral, enquanto rancor é definido como o ressentimento amargo e reprimido, ocasionado por algum ato alheio que causa dano material ou moral, assim como a recordação tenaz de tal ato.

Uma outra possibilidade ainda é a de:

uma vingança reprimida, que ficou rançosa. Queremos mal a alguém pelo mal que nos fez, mal do qual guardamos a lembrança e, por não lhe podermos dar resposta, o ressaibo. É um ódio presente por um sofrimento passado. O mal que nos fizeram nos faz mal por muito tempo (COMTE-SPONVILLE, 2003, p. 501).

Na definição de raiva também se confundem a ira, o ódio e o rancor. Espinosa diz da ira que é esforço para fazer mal àquele que odiamos e que o esforço que empregamos para devolver-lhe o mal que nos foi feito chama-se vingança.

Da tristeza, diz Espinosa que é uma redução da potência de agir do homem; compõe juntamente com a amargura e o pesar, causados por uma ofensa ou desconsideração, a mágoa. Mesmo não tendo feito referência ao ressentimento, essa constelação afetiva teria lugar assegurado ao lado da amargura e do pesar, pois é, sem dúvida alguma, um afeto que se origina da tristeza.

CAPÍTULO III

A LITERATURA COMO SUPORTE PARA ANÁLISE DO RESSENTIMENTO, DA VINGANÇA E DA PRODUÇÃO INTELECTUAL

De acordo com a proposta de utilizar exemplos retirados da literatura para a discussão do ressentimento, conforme exposto inicialmente, passo então a apresentar em maior detalhe as três obras e seus personagens principais para, em seguida, discutilas, apontando semelhanças e/ou diferenças no modo como os personagens lidaram com o ressentimento provocado pela perda da completude narcísica, ou seja, pelo abandono de que foram alvos.

Ainda que as obras escolhidas sejam bastante conhecidas, considerarei importante que fossem apresentadas separadamente, mas analisadas em conjunto. Essa forma de exposição pode aparentar uma certa perda de coerência interna ao texto, mas, em contraposição a essa perda aparente, há um ganho real na análise feita do conjunto. Isso se dá porque o que está sendo discutido se beneficia de exemplos retirados das três obras ilustrativas da teoria, a qual, por sua vez, pode tornar-se mais rica – e, quem sabe, alguns conceitos possam ser aprofundados em razão das diferenças sutis dos exemplos utilizados.

Medéia será analisada em maior extensão e detalhe por ser a personagem com maior potencial destrutivo, ela é a personagem para quem a violência dos impulsos, a defusão pulsional, materializa-se no assassinato e no infanticídio. Heathcliff será visto a seguir, pois, ainda que se apresente com grande potencial destrutivo, sua violência

parece mitigada em relação à de Medéia. Por último, virá Bentinho, para quem o impulso agressivo, também presente, é passível de transformação. É na tentativa de resgate, talvez de compreensão, do passado, através da escrita das suas memórias, que se abre a possibilidade de saída do ressentimento. Como é fácil perceber, a análise se fará do maior potencial de destruição e conseqüente menor possibilidade de elaboração para o menor potencial destrutivo e, portanto, maior potencial elaborativo.

I. MEDÉIA ⁽⁷⁾

Medéia é personagem de uma longa e complexa lenda – ou de um entrelaçamento de lendas – que nos foi legada pela mitologia grega. Em algumas versões do mito, era filha de Aietes, filho do Sol, rei da Cólquida, e de Hécate, deusa da magia e dos sortilégios, deusa ctônica – isto é, subterrânea ou pertencente à terra, conforme o sentido da palavra grega – ligada ao mundo das sombras.

É no reino de Aietes, pai de Medéia, que Jasão desembarca, junto com 50 guerreiros, entre eles os heróis Hércules, Teseu e Orfeu, que se somaram a sua expedição em Argos – daí serem chamados de Argonautas. Ele vem recuperar o velocino de ouro – condição imposta por Pélias, meio-irmão de seu pai e usurpador do trono de Iolco, que cabia a Jasão por direito, para devolver-lhe o reino. Aietes, por sua vez, pro-

7. *Medéia* é o título da tragédia escrita provavelmente em 431 a.C. por Eurípides, poeta grego nascido em Salamina (ilha situada nas proximidades da parte continental da Grécia, onde fica Atenas) provavelmente em 485 a.C. Educou-se em Atenas, onde viveu a maior parte de sua vida. Entre a época de sua estréia nos concursos trágicos de sua cidade natal (455 a.C.) e a data provável de sua morte (406 a.C.), Eurípides escreveu no mínimo 74 peças, sendo 67 tragédias e 7 dramas satíricos. Certas fontes, entretanto, lhe atribuem 92 peças.

põe ao jovem a realização de quatro tarefas consideradas impossíveis para devolver-lhe a preciosa pele de carneiro, que teria o dom de trazer prosperidade e riqueza a quem o possuísse. Por intervenção de Hera – deusa máxima do Olimpo, como irmã e esposa de Zeus e protetora do casamento e das mulheres casadas –, Medéia, cujos poderes mágicos são conhecidos, apaixona-se pelo herói e promete ajudá-lo a vencer todas as provas se ele jurasse casar-se com ela e ser-lhe eternamente fiel. Feito o juramento, o herói recebe todas as ervas e poções mágicas que lhe permitiriam vencer todas as provas propostas, apossando-se assim da cobiçada pele.

Jasão empreende a viagem de volta levando não só o precioso velocino, mas também a apaixonada Medéia. Quando Aietes descobre a fuga da filha e se dá conta da ajuda dada por ela a Jasão, manda o filho, Apsirto, em seu encalço. Medéia, então, mata-o, esquarteja seu corpo e espalha seus membros para levar o pai a perder o rumo quando viesse atrás dela. Neste ponto, cabe chamar a atenção para o fato de que esse pai provavelmente “perderá o rumo” por desespero, ao saber seu filho assassinado pela própria irmã, de modo tão brutal, pela impossibilidade de seguir as pistas do filho, espalhadas a esmo, e, não menos importante, pela perda também da filha, cuja brutalidade, frieza e crueldade estão presentes desde o início.

Quando da chegada do casal a Iolco, houve muitas comemorações, a que o pai de Jasão não podia comparecer em virtude de sua idade avançada. Medéia, então, com seus poderes mágicos, devolve-lhe a juventude. Pélias deseja o mesmo para si, que Medéia também o torne jovem de novo, mas, instigada por Jasão, ela o mata. A população de Iolco, inconformada com o destino de Pélias, revolta-se, o que ocasiona a fuga dos dois para Corinto, onde vivem harmoniosamente por dez anos. É quando Jasão se apaixona por Glauce, filha de Creonte, rei de Corinto, e repudia Medéia para unir-se com a amada. Antes que a união se consume, porém, Medéia mata Glauce, Creonte e seus próprios filhos, fugindo em seguida num carro de fogo, que lhe é enviado pelo deus Hélio, o Sol, seu avô.

II. HEATHCLIFF (8)

Dentre os temas que poderíamos destacar no seu único romance, a vingança e o ressentimento são de fato, os que nos interessam. Os dois estão presentes na obra de maneira bastante marcada; a vingança tem como origem o ressentimento de Heathcliff contra Hindley e também contra Linton; o primeiro pelos maus tratos dispensados a ele, depois da morte de seu benfeitor e pai de Hindley, Earnshaw, e o segundo, por ter-se casado com Catherine. Mas comecemos do começo.

Deparamo-nos com Heathcliff ainda menino, tendo sido encontrado pelo rico senhor de terras Earnshaw, que o leva a viver em sua casa, com sua família. O personagem descrito tem tez e cabelos muito escuros, o que o diferencia grandemente dos outros membros da família que o recolheu. “...aquela coisinha morena e de cabelo negro, tão escura como se tivesse vindo do Diabo” (BRONTË, s.d., p. 16) é imediatamente rejeitada por todos. A rejeição, que aparentemente já era um fato na vida da criança antes de ser retirada das ruas, se repete quando, no momento de sua chegada ao lar de adoção, a Sra. Earnshaw não quer saber dele e “nunca ninguém intervém em seu favor”. Sem

8. Heathcliff é personagem do romance *O morro dos ventos uivantes*, da escritora britânica Emily Brontë (1818-1848). Órfã de mãe aos 3 anos, ela, as duas irmãs e o irmão passam grande parte do tempo lendo e escrevendo sobre mundos imaginários. Ela é reputada como a mais talentosa das irmãs Brontë, todas célebres no cenário da literatura inglesa do século XIX. Seu único romance, publicado em 1847 com a assinatura das três irmãs, foi classificado como obra sádica e perversa, tendo seu mérito reconhecido tempos depois. Obras de suas irmãs também vieram a público mais ou menos no mesmo período, mas sempre sob pseudônimos sugestivos de nomes masculinos, devido ao preconceito predominante na época – Charlotte era Currer Bell, Anne, Acton Bell e Emily, Ellis Bell. Emily também publicou poesia durante sua curta vida; ceifada aos 30 anos pela tuberculose, logo após a morte do irmão Branwell. Em 1850, Charlotte fez publicar o romance devolvendo a autoria unicamente a Emily.

pais, sem casa, sem nome ou sobrenome, sem direito a nada, impotente contra os fatos que a vida apresenta, ele espera; espera até que possa revidar. Quem é este personagem? É o homem do ressentimento nietzscheano:

...o homem do ressentimento não é franco, nem ingênuo, nem honesto e reto consigo. Sua alma olha de través; ele ama os refúgios, os subterfúgios, os caminhos ocultos; tudo escondido lhe agrada como seu mundo, sua segurança, seu bálsamo; ele entende do silêncio, do não esquecimento, da espera, do momentâneo apequenamento e da humilhação própria (NIETZSCHE, 2004, p. 30).

Catherine Earnshaw é sua companheira de folguedos desde sua chegada, mas seu irmão, Hindley, despreza e maltrata Heathcliff durante toda a vida, o que leva este último a cultivar um ódio impotente, durante muito tempo; este é o caldeirão em que seu ressentimento vai sendo cozido. Todos os ingredientes assinalados por Scheler estão presentes – o ciúme, a inveja, a maldade, o desejo de vingança, aos quais eu acrescentaria o narcisismo ferido. Quando morre o velho Earnshaw, seu herdeiro legítimo, Hindley, assume a direção da propriedade e dos negócios, enquanto Heathcliff é afastado da convivência familiar, o que só faz crescer seu ódio. Até que por fim, ao entreouvir uma conversa de Catherine com a governanta da casa, entende que sua amiga e aliada até ali, a mulher por quem se apaixonou e com quem tem esperanças de se casar, o está abandonando para unir-se a Edgar Linton, um rapaz bem-nascido, dono de terras. Outra vez, a rejeição – talvez a mais funda, por advir a da mulher amada, substituta fantasiosa da mãe. Essa rejeição, imperdoável, desencadeará a consecução do projeto de vingança – numa tentativa de restauração do narcisismo ferido.

Ele parte e só muitos anos mais tarde reaparece, passando, pouco a pouco e através de subterfúgios, a se apoderar das terras, da casa, das posses daquele que até ali

foi seu inimigo mais ferrenho, Hindley. Ele se torna dono de tudo aquilo que era, por direito, do filho legítimo de Earnshaw. E fará com o filho de Hindley, Hareton Earnshaw, o que fizeram com ele – ou o que ele pensa que lhe fizeram. Anos mais tarde, transforma o filho de seu inimigo, Hareton, em alguém igual àquilo que ele mesmo foi: um capataz iletrado, inculto, desprezado, sem posses e à mercê da vontade daqueles que lhe deram guarida. Mantém Hindley na mais profunda dependência, uma vez que, agora, sendo o dono de tudo, permitia ao outro morar na casa que havia sido sua; casa-se com a cunhada de Catherine, Isabela Linton, para se tornar dono de tudo aquilo a que ela tem direito como herança, arquiteta o casamento de seu filho, fruto de sua união com Isabela, com a filha daquele que se casou com a única mulher que amou, Catherine. Casa-se para poder levar a cabo sua vingança.

III. BENTINHO ⁽⁹⁾

O romance *Dom Casmurro* é ambientado no Rio de Janeiro do Segundo Império e conta a trajetória de Capitu e Bentinho. O título é uma ironia dirigida ao principal personagem, Bentinho, que, depois da separação da mulher, tem como característica

9. Bentinho, apelidado de Dom Casmurro por um vizinho, é o narrador do romance de Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908). Este, mulato pobre e epilético, passou infância pobre no morro do Livramento, no Rio de Janeiro, perdendo sucessivamente a irmã, a mãe e o pai. Ainda adolescente, já se interessava pela vida intelectual da corte. Trabalhou como caixeiro de livraria, tipógrafo e revisor antes de se iniciar como jornalista e cronista, sustentando-se como funcionário público. Contista, poeta, romancista, dramaturgo e cronista, sua obra costuma ser dividida em duas fases: romântica e realista. Aliás, dizem os especialistas que o próprio Machado foi quem deu início ao realismo no Brasil, com o romance *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), que já apresenta as características de análise psicológica dos personagens, abordagem de temas sociais e tratamento objetivo da realidade. Seu *Dom Casmurro* (1887) é considerado um clássico da literatura.

a vida reclusa, com poucos amigos, de quase eremita. É o próprio narrador quem inicia a história, contando a origem do apelido, e, aos poucos, vamos descobrindo-lhe as particularidades. Por exemplo, o fato de ter mandado construir no Engenho Novo – onde o encontramos a escrever suas memórias – uma cópia da casa em que nasceu e viveu até casar-se; casa em que recebe escassos amigos e conhecidos, onde passa os dias a remoer a desconfiança, em relação à namorada de infância e adolescência e depois sua mulher e mãe do único filho, de ter sido traído por ela e seu melhor amigo, Escobar.

A narrativa começa pelo final e desenvolve-se toda em *flash back*. Dom Casmurro, já velho e solitário, tenta recuperar, através da escrita de suas memórias, as lembranças queridas e marcantes de sua infância e adolescência; o amor por Capitu, o medo do seminário; a ligação com a mãe viúva e com os familiares, os amigos; o casamento feliz a princípio e depois desfeito – enfim, a transformação do menino puro, ingênuo, feliz, no velho solitário, ressentido, frustrado e infeliz.

IV. MEDÉIA, HEATHCLIFF, BENTINHO – UMA ANÁLISE

Eu sou a ferida e a faca

A face e a bofetada. (...)

E a vítima e o carrasco

Sou o vampiro de meu sangue

(BAUDELAIRE).

Como anteriormente proposto, o personagem de *Medéia* será o foco da análise que se segue, com os outros dois personagens se inserindo na trama maior e mais abrangente que é a dela, de modo a dar mais consistência à teoria em discussão.

1. O outro no espelho

É inevitável que, em determinados pontos da tragédia, sintamos ódio de Medéia, pois suspeitar de que no mais recôndito de nossa alma talvez pudéssemos ser “como ela” nos assusta e assombra, e defensivamente, repudiamos com ódio o personagem e seu comportamento brutal e cruel. Mas é preciso também que o foco da atenção não se dirija somente a ela; é preciso dar a César o que é de César. Dificilmente vemos Jasão como alguém digno de ser odiado, mas, se só por um momento pudermos desviar um pouco o olhar, talvez seja possível obter dele um ângulo diferente do de vítima.

Voltemos aos fatos do início: Jasão aceita a ajuda de Medéia para obter o velocino de ouro e não mede conseqüências ao prometer-lhe casamento e fidelidade eterna. Os fins justificaram os meios empregados; quando Medéia mata seu irmão na fuga para Iolco, o texto de Eurípides não faz menção a nenhuma tentativa de Jasão, ou de qualquer de seus companheiros argonautas, de impedir a morte de Apsírto; mais adiante, Eurípides nos dá conta de que Medéia, instigada por Jasão, mata Pélias, usando as filhas deste como instrumento da matança.

Até aqui, penso podermos afirmar que Medéia foi um instrumento de Jasão. Não quero com isso retirar do personagem a responsabilidade por seus atos, mas apontar que age com a conivência de alguém que tem grande interesse neles.

Quando ela já não o interessa mais, ele a descarta por uma mulher mais jovem e por um reino: Corinto é seu dote de casamento. Jasão, então, ao se dar conta de que os terríveis poderes de Medéia podem se virar contra ele, tenta convencê-la de que a está abandonando e aos filhos para garantir a ela e à sua prole um futuro brilhante. Guardemos as risadas para depois!

Tudo o que acaba de ser dito não tem por objetivo demonizar Jasão ou defender Medéia, mas fazer com que o homem possa ser visto de uma maneira mais abrangente; fazer com que uma integração das ambigüidades do personagem possa ser efetuada na tentativa de uma aproximação maior da realidade – ou seja, Jasão é, também ele, um personagem complexo, que encarna fraquezas e falhas, e não o herói impoluto e sobre-humano, ao contrário, descobrimos que é demasiadamente humano.

Todo o exposto servirá para justificar que a cisão e a equação de igualdade Jasão = bom e Medéia = má não nos serve para uma leitura aprofundada da tragédia e conseqüente compreensão dos conceitos em questão, o que quero dizer é que o bom e o mau habitam os personagens e que a dupla Jasão/Medéia só se constitui num casal graças a um jogo de identificações.

O jogo de identificações que une Jasão e Medéia parece claro. Se, de um lado, Medéia precisa de Jasão para manter seu equilíbrio narcísico, baseada numa escolha objetal narcísica em que ela teria incorporado tudo o que o objeto tem de valioso e bom, por outro lado, Jasão também precisa de Medéia para manter sua potência – lembremos que, sem ela, ele não teria recuperado o velocino de ouro, o trono de Iolco nem tampouco teria chegado a Corinto para depois pretender desposar Glauce e reinar sobre essa cidade-estado como genro de Creonte.

É um jogo de espelhos. Jasão pode se enxergar em Medéia e o contrário também é verdadeiro. Mas essa proximidade do espelho tem suas conseqüências. O comportamento de Medéia revela a Jasão o estranho familiar – depois de ela matar os dois filhos de ambos, matar Glauce e também Creonte, Jasão se dá conta de quem é a mulher com quem esteve casado por dez anos, como se a proximidade o tivesse impedido de ver a realidade. A imagem que o espelho devolve nem sempre é agradável ou bonita. Quero com isso dizer que Medéia mostra a Jasão aquilo que ele também é;

a proximidade à qual me refiro é a sua parte cruel, que, estando cindida, não pode ser reconhecida e portanto integrada. O horror de Jasão é genuíno – ele sente repulsa pelos atos de Medéia e, certamente, nutre os mesmos sentimentos por si mesmo. Também ele matou, esquartejou, feriu, traiu e enganou ao estar de acordo com tudo isso. Ele não é em nada diferente de Medéia, sendo, como é, co-responsável por todo o horror perpetrado por ela.

É interessante apontar o fato de que, numa leitura apressada da tragédia de Eurípides, a tendência natural é cerrar fileiras com Jasão contra Medéia. Relendo mais atentamente o texto da tragédia é que me surge a questão de por que isso acontecia e, mais uma vez, penso que continua em cena o jogo de espelhos que chamamos identificação. Penso que o que ocorre é que o leitor, ao se identificar com Jasão, que numa leitura menos atenta é igual a bom, cinde em si mesmo suas partes boas e más, projetando as más e retendo as boas; dessa forma, ele introjeta Jasão = bom e projeta Medéia = mau, numa defesa primitiva, logo desintegrada contra sua própria agressividade – ou, se posso me permitir, contra sua parte Medéia. Dessa forma, acredito ser importante podermos olhar para os dois personagens como representações dos dois componentes pulsionais – Eros e Tânatos – que operam em cada um de nós.

Medéia, antes de ser trocada por outra mulher, está identificada com um ideal de completude narcísica que é formado pelo casal Medéia/Jasão. Jasão precisa de Medéia, depende dela, sua relação começou assim, baseada em sua dependência em relação a ela na conquista do velocino de ouro. Quando essa dependência deixa de existir, ou seja, quando Jasão decide partir para uma outra relação, há um desmoronamento da fantasia de completude narcísica. Não havendo mais o pólo dependente, também deixa de existir o pólo onipotente, que perde sua função. Se há uma identificação narcísica e se há uma perda desse objeto, observamos em Medéia que não é somente o objeto que foi perdido, mas há a perda de algo mais que se vai junto com Jasão, uma vez que Medéia se aferra a essa ligação, sem poder superá-la.

Em “Luto e melancolia” (1917), Freud descreve o mecanismo envolvido em perdas que, em diferentes pessoas, podem produzir luto ou melancolia. E, referindo-se à melancolia, diz:

...Num conjunto de casos é evidente que a melancolia também pode constituir reação à perda de um objeto amado. Onde as causas excitantes se mostram diferentes, pode-se reconhecer que existe uma perda de natureza mais ideal. O objeto talvez não tenha realmente morrido, mas tenha sido perdido enquanto objeto de amor (como no caso, por exemplo, de uma noiva que tenha levado o fora). Ainda em outros casos nos sentimos justificados em sustentar a crença de que uma perda dessa espécie ocorreu; não podemos, porém, ver claramente o que foi perdido, sendo de todo razoável supor que também o paciente não pode conscientemente perceber o que perdeu. Isso, realmente, talvez ocorra dessa forma, mesmo que o paciente esteja cômico da perda que deu origem à sua melancolia, mas apenas no sentido de que sabe quem perdeu, mas não o quê perdeu nesse alguém. (FREUD (1917), 1969, vol. XIV, p. 251) (grifos do autor)

Há semelhanças entre a melancolia e o ressentimento, o que poderia nos levar a pensar em Medéia, num primeiro momento, como um personagem melancólico. Apesar da impossibilidade de desligar-se do passado e seguir adiante, característica comum à melancolia e ao ressentimento, é preciso entender que a perda sofrida pelo melancólico é diferente daquela sofrida pelo ressentido. Medéia perde a ilusão de completude narcísica, mas não há, diferentemente do que ocorre com o melancólico, um empobrecimento do ego; Medéia não se recrimina pela perda sofrida; essa perda reaviva uma ferida narcísica que não cicatriza. O ataque, diferentemente daquele realizado pelo melancólico, não é dirigido a ela mesma, mas a esse Outro que, ao abandoná-la, reaviva a ferida. Qual seria a ferida narcísica que é reavivada em Medéia pelo abandono de Jasão?

O que medeia o ressentimento e a consecução da vingança? Medéia. Trágica, soberba, enlouquecida pela dor, pela humilhação, pela vergonha e pela sede de sangue; só a vingança pode satisfazê-la; só a vingança poderá restabelecer o equilíbrio narcísico perdido. Heathcliff e Medéia se irmanam na mágoa, no ódio, no desejo de vingança, aquilo que Maria Rita Kehl chamou de constelação afetiva – o ressentimento – é o denominador comum entre os dois personagens.

Remorso, culpa, se existem, se eles de alguma forma sentirão, não podemos dizer. De acordo com Mezan (1988, p. 163), “a culpa concerne aos outros, objetos de agressão ou de negligência”, a culpa não é um sentimento que os afete, pois é um afeto da posição depressiva, e em nenhum dos dois casos há a preocupação com o outro, mas somente consigo próprios – a dor da ferida narcísica os cega para qualquer outra coisa que não seja a dor que eles sentem. Ao longo de toda a tragédia, somente temos notícia de Medéia imersa em seu desejo de agradar Jasão ou imersa em seu desejo de vingança, usando de todos os meios de que dispõe, sem poder considerar nada além de si mesma; da mesma forma, vemos Heathcliff construir sua prisão, da qual só poderá sair enfim, ao morrer.

A. O tempo congelado

No ressentimento, o tempo está congelado, não flui, tudo permanece estático à espera da desforra. A vivência do tempo congelado refere-se à impossibilidade do sujeito de superar uma situação em que tenha se sentido injustiçado ou humilhado; é o tempo do ressentimento.

O que estamos chamando de tempo congelado nada mais é do que a impossibilidade que determinados sujeitos têm de fazer o luto das centenas de pequenos feri-

mentos, de todas as pequenas desatenções, reais ou não, sofridas ao longo da vida. Essa impossibilidade de elaboração do luto, desses pequenos agravos sofridos diariamente, é o que faz pensar no trauma; quero dizer, tanto o ressentimento quanto o trauma parecem ser o resultado da impossibilidade do aparelho psíquico de encontrar uma maneira de transformar aquilo que fere o narcisismo em algo que seja construtivo para o sujeito.

O ressentido não segue adiante, não vira a página, está preso ao passado pelo ódio. Maria Rita Kehl, citando, Nietzsche diz: “... o ressentido sofre de uma memória reiterada... Por isso, não pode entregar-se ao fluxo da vida presente” (KEHL, 2004, p.27). Ele não perdoa e não esquece; o tempo não traz alívio ou cura para sua ferida.

O ressentimento, assim como o trauma, é, portanto, a impossibilidade de fazer o luto desses momentos em que se viveu um agravo, uma humilhação, uma injúria, para que se possa ter acesso ao momento seguinte; é o grilhão a atar o sujeito a esses momentos que re-significam todos os momentos anteriores de humilhação/agravo, fixando o sujeito aí e impedindo o fluir do tempo.

O que é, afinal de contas, o tempo? Santo Agostinho dizia: “Se ninguém me perguntar, eu sei; se quiser explicá-lo a quem me fizer a pergunta, já não sei” (SANTO AGOSTINHO, 1997, p. 278).

E em psicanálise? O que é o tempo? Freud, em “Luto e melancolia” (1917), observa que o teste de realidade é parte imprescindível do trabalho do luto e, para que as ordens do teste de realidade sejam executadas, é preciso tempo. A que tempo Freud se refere? Na tentativa de responder à questão, desde há muito colocada, sobre o que seja o tempo, deparamo-nos, por exemplo, com Newton, para quem o tempo era um dado “objetivo”, assim, independente da realidade humana, ou então com Kant, para quem

o tempo é uma forma inata de experiência, ou seja, um dado subjetivo, ou ainda com Bergson, para quem o tempo é duração. Como se vê, o tempo é uma interrogação, um enigma que nos propomos para o qual talvez não haja uma resposta única.

Tornemos então à psicanálise – de que tempo falamos? Quando Freud se refere ao tempo necessário para que as ordens do teste de realidade sejam executadas, certamente está se referindo ao tempo que pode ser medido pelos calendários, relógios etc., mas também ao tempo subjetivo; tempo que passa e não pára, cujo fluir sentimos como o da sua passagem – e é por ocuparmos o lugar do observador que temos a impressão de que é o tempo que passa por nós. Mas Freud se refere ainda ao tempo do inconsciente – o tempo sem tempo, atemporalidade, o que não se mede, não se conta, não se esgota, não tem fim; onde não há passado ou futuro, mas um eterno presente.

Medéia, Heathcliff e Bentinho aferram-se a uma situação humilhante vivida no passado e não são capazes de superá-la. Ela foi abandonada, e também seus filhos, por Jasão; trocada por outra mulher e ainda forçada ao exílio – expulsa de Corinto por Creonte para abrir caminho às núpcias de Jasão e Glauce. Heathcliff pensa ter sido desprezado pela mulher que amava, o que talvez tenha reavivado a dor de ter sido recolhido como um menino pobre, sem lar e sem família e Bentinho suspeita ter sido traído. Todos os setores da existência dos três personagens estão envenenados pelo ressentimento que nasce das situações descritas. Presente e futuro acham-se tomados por um passado “injusto”, que cobra uma posição do sujeito. Medéia e Heathcliff hipotecam seu presente e seu futuro na consecução de uma vingança terrível; Bentinho, por sua vez, retira-se da vida, isola-se para viver quase como um recluso.

Este é o tempo congelado, não estamos falando de atemporalidade, mas de um sujeito preso ao passado. Os três estão tomados por Tântatos. Medéia e Heathcliff, cegados pela ódio, levam de roldão tudo ao seu redor. Bentinho também está cegado

pelo ódio, mas a diferença está em que a destrutividade que nos outros dois é projetada para fora de modo violento toma forma menos impactante no personagem de Machado de Assis. Bentinho exerce sua violência afastando-se de Capitu e do filho sem querer explicações, sem tentar entender ou esclarecer suas dúvidas.

Bentinho também está preso ao passado. Para o narrador de *Dom Casmurro*, a impossibilidade do fluir temporal está representada na casa em que mora, cópia fiel da antiga casa da Rua de Mata Cavalos, fiel em cada detalhe, é como se fosse possível parar o tempo; o que parece contrariar esse tempo estagnado é a escrita da sua “estória”, talvez numa tentativa de elaboração do ressentimento que o aprisiona; o ato de escrever é um ato de criação e permite a Bentinho reviver o passado dando-lhe novos significados; o distanciamento que necessariamente é criado pelo ato de escrever pode permitir a inserção dos processos psíquicos no tempo que flui, possibilitando a elaboração da mágoa, da dor, do desapontamento, ou seja, de tudo aquilo que é o ressentimento.

A escrita, através do processo de sublimação, pode ser a tentativa de quebra do tempo circular, da repetição. A produção intelectual favorece a substituição da memória do rancor pela memória da dor. Kancyper, ao falar sobre o ressentimento, diz:

Esta memória do rancor, diferentemente da memória da dor, reinstala o tempo circular e repetitivo dos lutos intermináveis, selando o destino trágico dos indivíduos e dos povos. (KANCYPER, 2001, p.48) (a tradução é nossa).

A memória do rancor preside a repetição e – por que não dizê-lo? – a manutenção do vínculo com o objeto pelo qual não se pode admitir a perda é o reinado de Tântatos. Bentinho, ao escrever suas memórias, resgata as lembranças – a memória da

dor –, que funcionam como fator estruturante, como defesa mais evoluída contra a repetição daquilo que faz sofrer, não negação da perda, quero dizer, a memória da dor como instrumento de vida e não como impedimento da vida.

Medéia, Heathcliff e Bentinho oscilam mais para o que M. Klein chamou de posição esquizo-paranóide, com defesas características e muito menor controle dos impulsos, ou seja, maior propensão para aquilo que chamamos de *acting out*. Não há ambivalência nem culpa – ao contrário do que veremos na paciente apresentada no caso clínico, que é ambivalente, sente culpa e que, portanto, podemos dizer que oscila mais para a posição depressiva.

Os três personagens não toleram a dor e a frustração da quebra da ilusão de completude que mantinham, Medéia com Jasão, Heathcliff com Catherine e Bentinho com Capitu. Estão impotentes diante dos acontecimentos que a vida traz. A onipotência narcísica os protege contra a percepção, infantil, de que tudo o que é valioso e bom pode não estar contido neles; que não são tudo para seus respectivos parceiros. Essa defesa, própria de um funcionamento mental bastante primitivo, devolve-lhes a potência. Para Medéia e Heathcliff, não existem impedimentos contra a realização de seus desejos, todos os meios serão utilizados para atingir os objetivos a que se propõem; Bentinho, ao se isolar, nega a importância da sua perda, mas permanece ligado a seu objeto pelo ressentimento. Nesse modo de funcionamento, a realidade é negada e, fantasiosamente, tudo lhes é possível: escapar à Justiça e fugir num carro de fogo mandado pelo deus Hélios ou tomar posse não só das propriedades de seu benfeitor, como também das pessoas que o rodeiam, fazendo delas seus objetos de uso pessoal, ou ainda nutrir a ilusão de se bastar.

A onipotência narcísica (M. Klein) é, portanto, uma das defesas características da posição esquizo-paranóide, funciona como uma defesa contra a inveja, contra

a percepção de que não se contém todo o bom; projeta-se o mau para dentro do objeto externo e mantém-se o bom. Desse modo, há uma cisão tanto do ego quanto da realidade e uma negação da realidade psíquica nesta operação; o resultado é também uma percepção deturpada da realidade, que vem reforçar a percepção da existência do mau objeto externo, que, por conter todo o mau, torna-se persecutório.

Gostaria de fazer um parêntese neste ponto e chamar a atenção para o fato de que apesar de buscarem vingança, ela não recai diretamente sobre aqueles que os fizeram sofrer. Medéia poupa Jasão e Heathcliff poupa Catherine. Não seria natural pensar que Jasão e Catherine deveriam ser seus alvos? Kancyper sugere a idéia de que o ressentimento possa operar como uma defesa contra a dor, "... porque abandonar esse vínculo objetal significaria 'a quebra' definitiva da ilusão e a admissão de que se perdeu real e verdadeiramente o objeto" (*Ibid*, p. 47, tradução nossa).

A idéia é de fato interessante se considerarmos que a defesa contra a dor é a defesa contra a dor da ferida narcísica, provocada pelo esfacelamento da ilusão de completude. Por isso Catherine e Jasão são poupados; por isso Bentinho se retira e vai viver numa casa que é cópia fiel daquela em que viveu o início de seu romance com Capitu, tempos em que eram felizes. O vínculo se mantém pelo ressentimento.

B. Vingar-se

Medéia e Heathcliff representam todas as vinganças que o ser humano gostaria de perpetrar e não o faz. São projetados nos personagens os desejos mais secretos, os mais violentos e cruéis. O monstro íntimo que nos habita e que escondemos de nós mesmos, capaz de todas as atrocidades, em fantasia (ou não), de modo geral se contenta

com a catarse proporcionada pela literatura. Assim, Medéia e Heathcliff atuam a barbárie para que nós possamos passar ao largo dela. Como diz Louraux sobre a função do teatro, “...essa cena que a cidade se oferece para nela atar e desatar ações sobre as quais o próprio pensamento seria perigoso e insuportável” (LOURAUX, 1988, p. 66). Era assim que funcionava o teatro grego: proporcionava ao público a *kátharsis*. O dicionário *Aurélio* ensina que catarse é

...o efeito moral e purificador da tragédia clássica, conceituado por Aristóteles, cujas situações dramáticas, de extrema intensidade e violência, trazem à tona os sentimentos de terror e piedade dos espectadores, proporcionando-lhes o alívio ou purgação desses sentimentos. (FERREIRA, 1999b, p. 427).

Acredito ser possível atribuir à literatura a mesma função de catarse atribuída ao teatro, talvez, à diferença deste, pela intensidade, mas sem dúvida alguma a literatura também se presta bem ao papel. Há então um parentesco entre literatura/tragédia e psicanálise, uma vez que ambas operam pela re-encenação do drama pessoal ao qual o sujeito, como Prometeu acorrentado, permanece preso até que pela via da catarse, no caso do teatro e da literatura, ou da transferência, no processo analítico, possa revivê-lo e fazer com que ganhe significado. Dar sentido ou novos sentidos àquilo que, aparentemente, não tem nenhum; ressignificar fatos e situações que, por sua violência, não puderam ser apreendidas e elaboradas no momento em que foram vividas, são maneiras de libertar do sofrimento psíquico aqueles que estão presos aos seus dramas pessoais.

Medéia e Heathcliff, ao serem os alvos e os depositários de nossas projeções, tornam-se os agentes de nossos desejos, mesmo os mais obscuros, e os realizam por nós. Indiretamente, somos seus devedores. Digo dívida indireta porque são eles que têm as

mãos sujas de sangue, do sangue que é derramado em nome do desejo de vingança de cada ser humano.

É nesse ponto do mito que a peça de Eurípides tem início. A primeira cena traz a ama de Medéia descrevendo seu sofrimento atroz pelo abandono sofrido. Medéia está prostrada no leito conjugal, sem poder nem mesmo levantar os olhos, humilhada e só tendo a morte por objetivo. Sua impotência nesse momento é o motor que colocará em funcionamento as engrenagens que engolirão Jasão, seus filhos, Glauce, Creonte, e ela própria.

Da impotência para a onipotência. Com o desenrolar da trama, vemos sua transformação em anjo vingador, desejando agora fazer sofrer Jasão. E como planeja fazê-lo sofrer? Com a morte daqueles que ela sabe que lhe são caros: seus filhos (que também são dela) e a nova esposa.

Animada por esse desejo de vingança, Medéia pouco a pouco recobra as forças. Porém, tendo ouvido rumores sobre as intenções dela e suspeitando da desgraça que se avizinha, Creonte resolve mandá-la com os filhos para o exílio. Medéia pede, implora e consegue do rei mais um dia, “não mais que um dia” (BUARQUE, 2004, p. 111), para pôr em marcha sua vingança, para fazer desatar a sua fantasia.

Então, fingindo-se arrependida por seu comportamento em relação ao casamento de Glauce e Jasão (e com a aquiescência deste) resolve mandar presentes para a noiva como mostra de seu desejo de paz e boa convivência. Para tanto, faz dos filhos portadores de um diadema de ouro e de um diáfano véu, que estão envenenados com uma substância extremamente potente. Glauce, ao receber os presentes, veste-os imediatamente e sofre uma morte horrível, engolida pelas chamas. Não há como livrar-se nem

do véu nem do diadema e Creonte, ao tentar libertá-la, sofre a mesma morte. Medéia certifica-se então do sucesso de seu plano, mata a punhaladas os dois filhos e foge num carro flamejante mandado pelo Sol, seu avô.

Chamo a atenção para a crueldade da personagem, pois há maneiras menos violentas de matar, ainda mais para uma pessoa cuja habilidade no manuseio de poções e venenos a fez famosa – Jasão deixa claro em sua fala que o uso do punhal foi uma ousadia. Medéia leva com ela os cadáveres das crianças, não deixando a Jasão nem o consolo de poder enterrá-los. A tragédia, quase por findar, traz um violento diálogo entre Jasão e Medéia. Quando ele vem punir Medéia por seus feitos – a morte de Glauce e de Creonte, pois ainda não sabe da morte dos filhos – ela o espera já fora de seu alcance e tripudia sobre sua dor, completando assim sua vingança. Reproduzo aqui parte do diálogo para maior clareza:

Medéia: *Por que tentas forçar e destruir as portas?*

Procuras os cadáveres e a criminosa?

Poupa-te esta fadiga; se quiseres ver-me,

estou aqui. Dize o que esperas. Tuas mãos,

porém, jamais me tocarão. Este é o carro

que o Sol, pai de meu pai, fez chegar até mim,

para me proteger contra o braço inimigo.

Jasão: *Monstro! Mulher de todas a mais odiada*

por mim e pelos deuses, pela humanidade!

Tiveste a incrível ousadia de matar

tuas crianças com um punhal, tu que lhes deste

a vida, e também me atingiste mortalmente

ao me privar dos filhos! E depois do crime

ainda tens o atrevimento de mostrar-te

*ao sol e à terra, tu, sim, que foste capaz
de praticar a mais impiedosa ação!
Tens de morrer! Hoje, afinal, recuperei
minha razão, perdida no dia fatídico
em que te trouxe de teu bárbaro país
para uma casa grega, tu, flagelo máximo,
traidora de teu pai e da terra natal!*

(EURÍPIDES, 1991, p. 74, versos 1.502 a 1.522)

Também Heathcliff passa da impotência para a onipotência, há como que um tempo de preparação para a vingança, de reunir forças para revidar aquilo que esmaga e destrói o que se tem de mais precioso, o EU. O narcisismo precisa ser reparado, reconstruído, e o caminho encontrado é o da vingança. Vejamos sua fala:

... Estou tentando imaginar como me vingarei de Hindley. Não me importo de esperar, desde que no fim consiga o que quero. Só espero que ele não morra antes!

– Não, Deus não terá essa satisfação; ela será só minha – retrucou ele
– Só queria saber qual a melhor maneira! Deixe-me a sós, preciso pensar; enquanto penso, não soffro... (BRONTË, s.d., p. 77)

C. Vingança

As três obras literárias nos dão conta de três diferentes destinos para o ressentimento. A saída pela produção intelectual já foi discutida; resta-nos agora a vingança. Embora num primeiro momento possamos pensar que a vingança foi o mesmo

destino encontrado tanto por Medéia quanto por Heathcliff, vale a pena que nos determos um pouco neste ponto. A diferença está na forma como os personagens atuam suas vinganças. Em Medéia, vemos fúria incontida, a ação no calor da hora, enquanto em Heathcliff há um longo tempo decorrido entre o agravo/humilhação sofrido e a ação; à diferença de Medéia, ele passa longo tempo planejando sua vingança e se compraz na tortura psicológica de seus “inimigos”. Há nele uma frieza e um cálculo que estão ausentes em Medéia, a própria ação do romance, que se desenrola lentamente, sugere-nos que a “vingança é um prato que se come frio”. A ação em Medéia, ao contrário, leva-nos, já na cena inicial, ao momento do desenlace – é como diz a protagonista: “Pra mim, basta um dia”.

O desejo de vingança nasce do ressentimento, dessa constelação de afetos penosos que mantém o sujeito preso ao ódio; esse desejo é alimentado por fantasias de reparação narcísica, nas quais aquele que se vingaria teria restauradas sua potência e sua auto-estima por meio da consecução da vingança. Essas fantasias são claramente verificáveis no caso clínico apresentado a seguir, naquilo que Sandra ⁽¹⁰⁾ chama de “seu cinema particular”, quando ela re-vive situações em que se sentiu humilhada ou injustiçada e nada pode fazer.

Mezan (1988, p. 135) nos diz que: “O desejo de fazer sofrer quem nos fez sofrer, da mesma forma como nos fez sofrer, é a essência da vingança; não é sua causa.”; mas que sofrimento é esse de que trata Mezan, se, como diz no mesmo artigo, a vingança pode ser relacionada a sentimentos de vergonha e humilhação? A implicação da ferida narcísica fica clara, uma vez que tanto a vergonha quanto a humilhação, aquela de caráter público, esta de caráter mais restrito, trazem o sofrimento pelo apequenamento do homem, o sofrimento de ser confrontado com sua humanidade, finitude, impotência etc.

10. Sandra é o nome fictício da analisanda a quem me refiro no caso clínico adiante.

Claro está que “passar vergonha” ou “ser humilhado” tem diferentes representações para sujeitos diferentes – o que humilha João talvez não humilhe José, o que envergonha Pedro pode não afetar Paulo. A especificidade daquilo que fere o narcisismo de cada um varia de pessoa para pessoa, o psiquismo de cada um constitui-se de modos diversos, cada um tem sua história, vicissitudes próprias, cada um tem suas fragilidades.

Para Espinosa “O esforço para fazer mal àquele que odiamos chama-se ‘ira’; o esforço para lhe retribuir o mal que nos foi feito chama-se ‘vingança’ (ESPINOSA, 2005, p. 238). O interessante na definição de vingança de Espinosa reside, em verdade, em sua Proposição 40, que diz: “Quem imagina ser odiado por um outro e crê não lhe haver dado nenhuma causa de ódio, terá por sua vez ódio a este outro” (*Ibid*, p. 237). Chamo a atenção para a palavra grifada (grifo nosso), pois o que é imaginado não pertence necessariamente à realidade concreta; o imaginado toma a dimensão de realidade psíquica e é esta realidade que pode desencadear a vingança; ou seja, voltamos à questão da especificidade da constituição psíquica de cada um, de como cada um é afetado pelo que o rodeia, como reage, como interpreta aquilo que vem de fora. É novamente a idéia freudiana de série complementar que se apresenta aqui.

A vingança é uma atuação de impulsos destrutivos, sem que haja possibilidade de mediação entre a vida instintual e o pensamento, numa tentativa de re-estabelecer uma integridade narcísica despedaçada. Ela é a face aparente da impossibilidade de aceitação da imperfeição, da fragilidade, ou seja, de tudo o que é próprio do ser humano. A fantasia de perfeição não pode ser destruída, com o risco de destruição do próprio sujeito. Um superego arcaico severo e cobrador não admite nada menos que a perfeição do ego, que se submete.

A importância da vingança está em que ela acaba sendo o resultado final de mecanismos de defesa muito primitivos em que não há possibilidade de transformação,

pelo sujeito, em uma atuação menos hetero e/ou auto-agressiva. Em última instância, o ganho advindo para o sujeito em decorrência da vingança é falso, uma vez que o prejuízo é inevitável. A possibilidade da passagem da vingança para, por exemplo, o humor ou o perdão, deve-se, por um lado, à passagem de uma instância superegóica primitiva e cruel internalizada para uma mais branda e flexível e, por outro, ao fortalecimento de um ego cujo narcisismo foi constituído fragilmente.

Para Mário da Gama Kury (ator de tradução, introdução e notas da obra de Eurípides), a tônica da tragédia é o ódio em que se transforma o amor de Medéia por Jásão e origina “... o terrível desejo de vingança e extermínio, que não se detinha diante do infanticídio...” (1991, p. 13) . São sentimentos primitivos, naturais a criaturas primitivas.

O surpreendente não é a existência de tais sentimentos, uma vez que todos somos, em muitos momentos, seres primitivos e possuidores de tais sentimentos, o surpreendente e terrível é a passagem ao ato. É o ato que não se pode justificar. A ambivalência é inerente a todo ser humano; amor e ódio, representantes das pulsões de vida e de morte, nos habitam e constituem, mas, uma vez desfusionados, dão origem a *acting outs* ou passagem ao ato. Segundo Laplanche e Pontalis, *acting out* é:

...o termo usado em psicanálise para designar as ações que apresentam, quase sempre, um caráter impulsivo, relativamente em ruptura com os sistemas de motivação habituais do sujeito, relativamente isolável no decurso das suas atividade, e que toma muitas vezes uma forma auto ou hetero-agressiva. (LAPLANCHE e PONTALIS, 1998, p. 6)

Para a psicanálise, o *acting out* é a marca do surgimento do recalcado e, sendo assim, é preciso levar em consideração tanto o aspecto dinâmico quanto o econômico

na compreensão do termo. Quanto ao aspecto dinâmico, basta dizer que, se o *acting out* é a marca do surgimento do recalcado, então, em algum momento, a força contrária que mantinha o recalçamento falhou, permitindo que ele viesse à tona e se manifestasse como *acting out*. Do ponto de vista econômico, podemos dizer que a composição de forças que mantinha o recalcado modificou-se por razões variadas, dando origem a um desequilíbrio –desfusionamento – que levou a um *acting out*.

Gama Kury tem razão ao chamar tais sentimentos de primitivos; porém, o que transforma Medéia e Heathcliff em seres primitivos é a impossibilidade de transformar sua fúria e sede de vingança pelo pensamento e pela elaboração psíquica, não o fato de ter tais sentimentos. Só a contenção pode impedir que os impulsos tomem conta do agir humano e, a partir daí, permitir que o pensamento possa reger a ação.

CAPÍTULO IV

CASO CLÍNICO: O CINEMA PARTICULAR

Sandra tem 28 anos, é filha única de um casal que se separou quando ela estava com 1 ano. Aos 3 anos, perdeu o pai; a mãe nunca mais se casou – ela conta com ódio e mágoa que a mãe lhe disse várias vezes nunca ter se casado porque era difícil arrumar namorado tendo uma filha.

Ela sempre se sentiu culpada e responsável pela infelicidade da mãe. Sandra é casada há três anos, é arquiteta, abriu escritório próprio dois anos atrás e vem progredindo bem na vida profissional.

Ela me foi encaminhada por uma nutricionista, a pedido dela mesma, e chegou ao consultório com um pedido muito específico: queria ser perfeita, queria minha ajuda para ser perfeita. “Você precisa me ajudar a ser perfeita.” Dizia ser chocólatra, ter hábitos alimentares compulsivos; via-se gorda, “a mulher mais gorda do mundo”.

Seu relacionamento com a mãe é muito ruim, pouco se falam. Diz ela que o relacionamento das duas era muito próximo até ela começar a namorar um rapaz que a mãe não aprovava, no começo da faculdade. Conta que, a partir daí, foram se afastando e seu relacionamento, se deteriorando. A paciente diz que a mãe sempre a tratou como se Sandra fosse propriedade dela, dizendo com todas as letras que não queria dividi-la com ninguém.

I. RELAÇÃO FUSIONAL

Quando Sandra veio para a análise, a relação com a mãe não era mostrada da forma como tem sido mostrada hoje. Não que tenha havido modificação na relação, mas talvez uma mudança no modo como a paciente percebe essa relação. Se há hoje um incômodo, talvez se possa pensar, por hipótese, que houve algum tipo de percepção da indiscriminação na relação entre mãe e filha. Há uma parte da paciente que se ressent de estar confundida com a mãe – é a parte que estabelece aliança com a analista e luta por diferenciar-se da mãe, que a odeia pelas “invasões” – e, por outro lado, há uma outra parte que não deseja a separação e tenta manter a relação fusional. Começa a ser possível para Sandra reconhecer sentimentos que tem pela mãe desde pequena; ela se aproxima do ódio sentido e não reconhecido em seu nascedouro quando numa sessão diz: “Sabe, quando eu passei por aquele período em que eu e a D. estávamos brigando no escritório? Eu sentia por ela uma puta raiva e aí eu descobri que era o mesmo sentimento que eu tinha pela minha mãe, que na verdade eu sempre senti e não sabia direito o que era. Uma coisa ruim, uma sensação que eu não sabia dizer o que era. Agora, eu sei, era raiva”.

Essa relação indiscriminada é, ainda hoje, mantida pela paciente de forma ambígua – ao mesmo tempo que precisa estar fundida à mãe, ela se rebela e não quer essa relação dessa forma. Por exemplo, quando quis montar seu escritório de arquitetura, Sandra escolheu um imóvel de propriedade da família, em que não teria custos financeiros; porém, esse imóvel é uma casa geminada ao escritório onde a mãe tem sua empresa. As duas casas têm comunicação por dentro; a paciente diz, por exemplo, que sua mãe “invade seu escritório” e que não há possibilidade de trancá-lo. Conta que a mãe vai a seu apartamento enquanto ela viaja, conseguindo entrar porque os porteiros dão a ela as chaves. Diz também que a mãe alimenta sua cadelinha de modo errado, mas Sandra deixa a cachorrinha na casa da mãe. Ela parece não se dar conta de sua contribuição para que a relação se mantenha com essas características – não perdoa a mãe por ter dito ou feito coisas de que a paciente não pode ou não quer se esquecer. Repetir, repetir e repe-

tir, talvez na esperança de que na próxima vez tudo possa ser diferente?, na esperança de que a relação com a mãe possa dar certo?, na esperança de que finalmente ela possa encontrar um lugar para ser Sandra? Ao mesmo tempo que Sandra tem dificuldade de romper essa relação fusional, é interessante observar que sua hostilidade em relação à mãe talvez seja a única maneira encontrada para que a ruptura possa se realizar. Bleichmar propõe a idéia de que as mães de filhas mulheres têm maior dificuldade de considerá-las separadas e diferentes de si mesmas, ao contrário do que ocorre com os filhos homens. Diz ele:

...Os sentimentos de unidade, de fusão e de continuidade, ainda que sentidos pela mãe ante qualquer sexo do filho, parecem ser mais intensos e prolongados entre mães e filhas mulheres. (BLEICHMAR, 1998, p. 78)

Acrescente-se aqui o fato de que não houve um pai presente desde seu primeiro ano de vida e que Sandra se sentiu culpada por ele ter saído de casa e por sua morte, dois anos depois.

II. ÓDIO E CULPA

Penso ser bastante provável que a culpa tenha contribuído para a manutenção da relação fusional, mas subjacente a ela, sempre encontraremos o ódio, sentimento que aparece claramente na passagem central em que Sandra descobre que o sentimento que nutria pela mãe era ódio. Sentimento repudiado, negado, não assumido como dirigido ao outro e que acaba sendo interiorizado, como diria Nietzsche, e se transformando em ódio de si mesmo: “... quando eu fico reinventando as histórias todas de novo na minha cabeça, todas as vezes em que eu não consegui dizer nada, dizer nada do que eu sentia,

eu não sentia raiva das pessoas, mas sentia raiva de mim por não ter feito nada, por não ter dito nada...”

Observamos, aqui, a impotência diante dos agravos e humilhações e o ódio despertado pela impossibilidade de reação.

III. “MEU CINEMA PARTICULAR”

“Eu estava na fila do caixa do supermercado, só tinha uma torta de limão na mão; a mulher na minha frente já tinha passado todas as compras, mas parecia que estava tendo problemas com os cheques; daí, ela vira pra mim e diz: ‘É melhor você ir procurar outro caixa, porque aqui, pelo jeito, a coisa vai demorar’.”

Sandra conta a cena de punhos cerrados, deitada no divã, a voz raivosa. Diz que a mulher foi muito agressiva e que na hora tinha tido vontade de socá-la: “Eu tive vontade de socar aquela filha da puta, mas, na hora, só consegui virar as costas e ir procurar outro caixa. Depois, eu fico recriando a situação mentalmente e digo tudo o que queria ter dito na hora e não consegui (...) eu não consigo dizer nada, depois é que eu fico pensando, inventando a coisa na minha cabeça, com tudo o que queria ter dito, mas na hora não sai nada”.

A vida de Sandra está cheia de situações em que podemos observar como o ressentimento desempenha papel importante no seu funcionamento. Conta-me que, uma vez, alguém estacionou um carro na frente da entrada da garagem de seu escritório, e ela, precisando sair e não conseguindo encontrar o dono do carro, percorre as lojas pró-

ximas até encontrá-lo. Relata a cena com pesar: “Eu comecei falando com ele numa boa, com calma, mas, conforme fui falando, fui me descontrolando e, quando eu vi, já tava gritando e fazendo escândalo. Eu não queria ter feito isso, estava tudo indo bem, não precisava, fiquei supermal depois, mas me senti tão desrespeitada...”.

Numa outra ocasião, conta ela, foi a uma repartição pública em busca de um documento e pegou uma senha para ser atendida, pois havia uma fila grande. Enquanto esperava, foi até a esquina comprar um lanche. Ao voltar, encontra a porta da repartição já fechada e o porteiro não quer nem mesmo ouvi-la, quanto mais deixá-la entrar. Sente-se injustiçada, vê o comportamento do funcionário como uma agressão, sente-se desrespeitada e humilhada.

Com a mãe, as situações por ela sentidas como desrespeitosas ou invasivas se repetem. Sandra conta com tristeza que, quando era pequena, queria deixar o cabelo crescer, mas a mãe sempre a levava para cortar muito curto, sem considerar seus desejos. Quando ainda adolescente, vai a uma festa de aniversário, tendo combinado com a mãe que fosse buscá-la num horário determinado. Para surpresa de Sandra, a mãe aparece muito antes do combinado e quer levá-la embora de qualquer jeito. Noutra ocasião, ela já na faculdade, um pouco antes das férias, troca as cortinas do quarto por uma confeccionada com tecido de sua escolha; na volta da viagem, constata que a mãe trocou as cortinas ainda novas por outras, sem nem mesmo perguntar a ela se gostava do novo tecido.

As situações com a mãe continuam a se repetir estando ela já casada. Conta que, na última viagem que fez, a mãe entrou em seu apartamento com as chaves fornecidas pela portaria do prédio e levou os tapetes da sala e do quarto para serem lavados, sem perguntar ou pedir licença. Sente-se desrespeitada também quando leva a cachorrinha de estimação, duas vezes por semana, à casa da mãe e esta, contrariando os pedidos de Sandra, alimenta a cadelinha da maneira que quer. Levar a cachorrinha à casa da

mãe é a imagem perfeita da repetição, da esperança sempre renovada de Sandra de que talvez tudo seja diferente, “desta vez”, de que “desta vez”, quem sabe, a mãe possa dar o alimento tão esperado e necessário. A cachorrinha é a representação de Sandra em busca do alimento que permita a ela desabrochar e ter um lugar seu. Sua relação com a mãe está baseada neste ressentimento/esperança, é sua única maneira de não perdê-la.

Seu sentimento de não ter um espaço para si é justificado: ela se sente culpada pela separação dos pais; depois, carrega a culpa por sua mãe não ter ninguém – afinal de contas, como diz a mãe, quem haveria de querer uma mulher com filhos? A mãe, que se re-sente do fato de ter uma filha, de estar sozinha, de nunca ter encontrado outro parceiro, ainda guarda as cartas trocadas entre seu marido e a amante. Correspondência que é a lembrança concretizada de ter sido traída, trocada e abandonada, tendo de cuidar de uma criança pequena. Por que guardar tais cartas senão para usá-las como lenha na fogueira do ressentimento, poderia haver combustível melhor? A lembrança que nunca esvanece; o que dizem as cartas? Que não quero esquecer, que não posso esquecer!

“A vergonha é a herança maior que meu pai me deixou” – o samba “Vingança”, de Lupicínio Rodrigues⁽¹¹⁾, nos leva a pensar na possibilidade de que os afetos, os sentimentos sejam herdados. A linguagem poética traduz o mecanismo pelo qual a criança internaliza modelos e pode vir a pautar determinados comportamentos pelo modelo internalizado/aprendido; desse modo, prefiro substituir o verbo herdar pelo verbo internalizar. No caso de Sandra, o ressentimento, como maneira de se relacionar, foi “herdado” da mãe ou de seu relacionamento com o pai ausente. É interessante observar que o que une mãe e pai, mãe e filha, e finalmente, pai e filha é o ressentimento. A mãe guarda as cartas para não esquecer, mantém aberta a ferida narcísica e responsabiliza Sandra por ela ter permanecido só – talvez a responsabilize também pelo abandono, quem sabe?

11. <http://lupicinio-rodrigues.lettras.terra.com.br/lettras/47153>, visitado em 16/01/2007.

Sandra sente-se culpada pelo abandono da mãe e se ressentida pelo pai que a mãe lhe apresenta – na fantasia da filha, ela tem um pai canalha, que abandona ambas por não gostar delas e não se importar com elas. Pouco a pouco, vai re-descobrir esse pai e seu ressentimento passa a ser pela mãe, que, segundo ela, não tinha o direito de fazê-la acreditar que o pai não gostava dela.

“...foi uma surpresa quando aquele cara começou a conversar comigo e me perguntou se eu era filha do fulano de tal. Quando eu disse que era, ele abriu um sorriso e começou a falar do meu pai; ele disse coisas sobre o meu pai que eu nunca imaginei, que ele era um grande cara, um grande amigo e que eu devia ter orgulho de ser filha dele...”

Este é um primeiro momento de descoberta; começa a se abrir uma brecha na imagem construída do pai. Seu ressentimento contra o pai pode começar a ceder quando ele é visto por Sandra pelos olhos de outra pessoa que não a mãe. Muitos meses depois, ela descobre que o pai era o melhor amigo de seu tio, irmão da mãe, e se questiona: “Eu nunca soube que eles eram amigos, nunca ninguém fala nada do meu pai, mas, se ele e meu tio eram amigos, ele devia ser legal...”.

Sandra não consegue perguntar nada sobre o pai; aliás, ela não consegue perguntar nada sobre seu passado para a mãe. Sente ódio por ter “sido levada” a acreditar na figura do pai pintada pela mãe. Resgata o pai à custa da figura da mãe e, nos moldes do comportamento esquizo-paranóide, faz uma cisão entre pai-bom, mãe-má em que projeta todo seu ódio na mãe.

Estas são algumas das situações em que Sandra não pode dar voz a seus sentimentos de estar sendo desrespeitada ou em que, ao contrário, explodiu. Situações que ela recria sempre em fantasia, como no caso do caixa do supermercado, no seu “cinema

particular”, como ela diz, na tentativa de reparar os danos narcísicos. Não há meio termo para Sandra. Ou há o ódio, que a paralisa e a impede de responder, ou há a explosão, que destrói – e ambos a levam ao mesmo lugar: a ferida narcísica que se aprofunda na constatação de não poder atingir o ideal de perfeição que ela veio buscando na análise. As duas situações gritam: “Você não é perfeita, você não é perfeita...”.

Sandra conta que sempre achou sua mãe perfeita, sempre a viu como aquela pessoa que faz tudo certo, tudo muito bem feito, e a mãe parece ter sempre reforçado essa idéia, por exemplo, ao refazer a lição de casa da filha sempre que achava que a menina não era capaz.

Penso que a análise a tem ajudado a perceber as fissuras nessa ilusão de completude que manteve com a mãe. Será que aquilo que Kancyper chama de completude narcísica começa a desmoronar?, será que Sandra começa a perceber que *ser com a mãe* é não ser?, que é preciso crescer e deixar de ser filha para poder ser mulher adulta?, e por isso, a relação com a mãe vem ganhando maior importância e vem sendo trazida como uma relação ruim?

Na caixa do supermercado, na porta da repartição pública, quando um carro bloqueia sua saída da garagem ou ainda quando a mãe “invade” seu apartamento, são todas situações em que ela se sente desrespeitada, invadida. Sua interpretação inconsciente é de que não há um lugar para ela, sua existência, seus desejos não são reconhecidos. E, no entanto, as chaves do seu apartamento continuam na portaria; ela continua levando sua cadelinha à casa da mãe. Por quê? Por que insistir? Bem, porque a repetição é a esperança de que, quem sabe um dia, as coisas possam mudar. Mas elas não mudam, e Sandra se frustra de novo e de novo, alimentando seu ressentimento. E as coisas não mudam porque Sandra espera que a mudança se opere apesar dela, sem que ela precise tomar parte na mudança – seu desejo não está implicado na mudança. Sandra anda em círculos.

IV. MASOQUISMO

Sandra não é capaz de fazer frente às ofensas que sofre, ou pensa sofrer. Padece dessa paralisia que envenena sua vida: é incapaz de fazer frente a um agravo, a uma humilhação. Permanece capturada pelo ódio que a paralisa, temendo a destruição do objeto se der vazão a esse ódio. Assim, só depois de passada a situação sentida como humilhante é que ela vai ter restituído o poder de resposta ou de ação. Tarde demais. Assim, a reação só poderá ocorrer em fantasia, e Sandra dá asas a sua imaginação. Por outro lado, quando consegue reagir, explode, mas a explosão tampouco a livra do ressentimento, pois não sendo sua reação aquela que foi idealizada – perfeita –, seu narcisismo sai arranhado e voltamos então às suas fantasias de vingança/revide.

Desse modo, ela traz de volta à memória todas as situações passadas, vividas como humilhantes, e as reconstrói em fantasia, quando pode enfim responder aos agravos sofridos, levando o outro com o qual se defronta a engolir todos os desaforos que ela mesma engoliu ou, então, consegue responder de maneira calma e educada às agressões, de forma “perfeita”. É a isso que ela chama de “meu cinema particular” – estranha denominação, pois penso que as pessoas vão ao cinema para se divertir, passar o tempo, como se diz; será que Sandra também se diverte, mesmo que em fantasia? E, se ela se diverte, com que será que se diverte? O gozo está no sofrimento revivido? Ou na possibilidade de, em fantasia, controlar o objeto e fazê-lo sofrer os mesmos agravos e humilhações? Masoquismo? Sadismo? Duas faces da mesma moeda.

Parece haver um gozo masoquista que faz o ressentido se apegar ao seu sofrimento, o que torna difícil a condução da análise no sentido de deslocar o sujeito da posição de vítima. Para o sujeito ressentido, não há um questionamento sobre o que o faz sofrer; seu sofrimento não é ponto de partida, mas de chegada. É ele que justifica seu ódio e reassegura seu lugar de vítima.

Sandra sofre passivamente e projeta a responsabilidade pelos agravos sofridos sobre seus objetos, principalmente a mãe. Diz: “... ela é culpada por eu ser assim...”. Se sofre passivamente e projeta não só a responsabilidade pelos agravos sofridos, mas também sua agressividade, ela não pode fazer frente a esses agravos e isso a leva a um estado de masoquismo que alimenta o sofrimento em que se coloca. Há sofrimento, mas também há gozo. Sente-se muito culpada em relação à mãe, pensa nunca ter sido uma boa filha, mas a culpa logo cede lugar à raiva e à mágoa, o que para ela justifica seu comportamento pouco amistoso e em muitos momentos agressivo em relação à mãe. Freud, em seu trabalho “O problema econômico do masoquismo”, de 1924, fala sobre culpa:

Atribuimos a função da consciência ao superego e reconhecemos a consciência de culpa como expressão de uma tensão entre o ego e o superego. O ego reage com sentimentos de ansiedade (ansiedade de consciência à percepção de que não esteve à altura das exigências feitas por seu ideal, ou superego. (FREUD (1924), 1969, vol. XIX, p. 184)

Sandra quer ser uma boa filha – uma filha perfeita talvez? – e sofre ao se perceber aquém desse ideal. Sofre porque imagina que tudo aquilo que faz deveria ser perfeito, mas a realidade nem sempre corrobora esse ideal de perfeição. É como se ela precisasse ser perfeita sempre, para convencer-se de que é capaz, de que tem valor.

Ela conta que não consegue conversar com a mãe, diz que só conversam superficialidades. A culpa surge nos momentos em que ela assume a responsabilidade pelos ataques feitos, em fantasia, ao objeto, mas a ansiedade que a invade ao se dar conta do estado a que foram reduzidos seus objetos faz Sandra retornar à proteção daquilo que Steiner chamou de refúgio psíquico. Para o autor, “um tipo importante de refúgio psíquico é aquele em que o paciente é dominado por sentimentos de ressentimento e mágoa”. (STEINER, 1997a, p. 93)

Escapar à ansiedade e à culpa, retirando-se para este refúgio, torna-se uma defesa difícil de abandonar, porque a mágoa reiterada é o modo possível de Sandra relacionar-se com a mãe, e este parece ser o modelo aprendido, o modelo de relacionamento ressentido dos pais. Além da manutenção da relação com a mãe, há ganhos relacionados ao triunfo sobre o objeto e também ganhos masoquistas. Sandra parece “cultivar” sua mágoa, para usar uma expressão de Steiner, para quem a palavra “cultivar”, entre outras possibilidades, sugere:

...que o ressentimento possa estar ligado às primeiras experiências, como o desmame (...) que envolvem perdas numa situação em que pareça injusto e o paciente se sinta traído e injustiçado. O resultado pode ser uma ferida tão investida pelo narcisismo que fica negada a possibilidade de uma cicatrização adequada.

Nesses casos, o paciente pode vir a acreditar que os objetos que o prejudicaram são tão cabalmente maus que nunca poderão ser perdoados, e seu ódio e o desejo de vingança são sentidos como tão absolutos que são igualmente imperdoáveis. Assim, mesmo que a perda pareça suportável, a ferida é alimentada para manter o sentimento de injustiça vivo e defender-se contra qualquer sentimento de responsabilidade. (*Ibid*, p. 95)

Sandra não pode perdoar e não pode ser perdoada.

Interessante notar que Sandra chega à análise por indicação de uma nutricionista. Sua queixa é de ter comportamentos alimentares compulsivos e de ser chocólatra. É ela quem pede a indicação, depois de ser acompanhada pela profissional por algum tempo – alguém que não foi capaz de alimentá-la adequadamente? Sabemos que a pri-

meira perda vivenciada pelo bebê ao nascer é a da perda do útero materno, do aconchego, proteção, calor que ele representa; o desmame é a segunda perda importante, e, se tudo correr bem na vida do bebê, essas perdas serão superadas e ressignificadas. Se para alguns bebês a perda do aconchego do útero pode significar ganhar a vida, para outros, ela poderá ser sentida como pura perda; e o mesmo ocorre no caso do desmame, se para alguns bebês perder o peito pode significar ganhar o alimento sob outras formas, para outros, pode representar pura perda. Nos dois exemplos, são as projeções do bebê que emprestarão um colorido mais ou menos dramático às perdas – perder para ganhar ou simplesmente perder.

No caso de Sandra, tais perdas (não há informações sobre até quantos meses foi amamentada e nem mesmo se foi) foram acrescentadas pela ausência do pai, que sai de casa quando ela tem 1 ano, e pela depressão da mãe, que não pode olhar para ela, não pode alimentá-la com seu olhar, confirmando seu lugar no mundo. A não-confirmação de seu narcisismo primário pelo olhar da mãe leva a falhas narcísicas, que, segundo minha hipótese, darão origem ao ressentimento. Segundo Bleichmar (2004, p. 76): “... tudo pode servir para satisfazer o desejo narcisista, cuja essência é sentir-se único, diferente, superior a todos os demais, recebendo um olhar que assim o ateste”.

“... eu lembro que minha mãe estava sempre chorando, eu não sabia o porquê, achava que eu tinha feito alguma coisa errada, muito errada, não entendia por que ela se trancava no quarto e chorava daquele jeito.”

Sandra presenciou cenas de desespero e choro da mãe muitas vezes e muito antes que pudesse transformar sua angústia e dúvidas em palavras. Tudo se resumia a um sentimento de destruição e conseqüente desolação, um ego esvaziado de objetos bons. Sentindo-se profundamente responsável pela depressão materna sentiu ter pouco valor, ou ainda pior, estar destruindo a mãe. E é aqui que parece estar a falha narcí-

sica: Sandra nunca foi “Sua Majestade o Bebê” de que nos fala Freud no seu trabalho de 1914, “Introdução ao narcisismo”.

Ser tão má, tão desprovida de qualidades que pudessem ser valorizadas pela mãe e/ou pelo pai, contribuiu para que, no início da análise, Sandra não pudesse enumerar nenhuma qualidade. Ela não reconhecia em si nada que pudesse ter valor, estava esvaziada, pois, por projeção, todo o bom e todo o valorizado estavam colocados na mãe – o que fica claro quando ela diz que sempre achou a mãe perfeita.

Se a criança por algum motivo não puder ocupar o lugar idealizado pelos pais, se não vier ao mundo investida de todas as qualidades e atributos reputados como importantes ou mesmo imprescindíveis por eles, o resultado poderá ser uma falha narcísica cuja magnitude pode impedir a criança de, no futuro, ver-se como alguém de cujo valor não se pode duvidar. A criança passará a se enxergar como alguém tão mau que, de acordo com Steiner, não se sentirá merecedora de perdão – no caso de Sandra, perdão pela depressão da mãe, pela qual se sente responsável. De acordo com o autor:

O perdão exige que reconheçamos a coexistência dos sentimentos bons e maus, de maldade suficiente para justificar a culpa, e de bondade suficiente para merecer perdão. (BLEICHMAR, 1998, p. 103)

Ao longo do processo analítico, Sandra foi, pouco a pouco, reconhecendo em si sentimentos que nutria pela mãe, mas que não se considerava capaz de reconhecer e, portanto, de nomear. Mas, em certo momento, ela identifica como ódio a “puta raiva” que sentia por uma colega do escritório e percebe a semelhança dessa emoção com o sentimento nela despertado pela mãe. Fica claro, então, que os sentimentos de ódio pela figura materna não podiam ser reconhecidos, dadas sua violência e destrutividade.

A condição de existência do perdão é que se reconheça a existência de sentimentos ambivalentes em relação a seus objetos primários, no caso, a mãe de Sandra, e, em seguida, sua integração – uma vez aceitos como parte de sua natureza e integrados, estará criada a condição para que Sandra possa perdoar-se e à mãe. A capacidade de perdão cria ainda a condição para a reparação do objeto primário, supostamente danificado, e também o reconhecimento em si de objetos bons internalizados, que merecem ser perdoados. A possibilidade de realizar-se a balança entre a posição esquizo-paranóide e a posição depressiva e vice-versa, e uma permanência maior no modo de funcionamento que chamamos de posição depressiva, vai sendo lentamente conquistada e Sandra poderá vir a assumir seu lugar no mundo e responsabilizar-se por seus desejos.

Sem o perdão, o monstro do seu passado eclodirá em seu presente e controlará seu futuro.

Qual é a melhor forma de enfrentar um inimigo? É perdoá-lo.

A palavra-chave para perdoá-lo não é tentar perdoá-lo, mas compreendê-lo.

Ao compreendê-lo, você o perdoa.

Se o perdoar, ele morre dentro de você e renasce de outra forma.

Caso contrário, seu inimigo dormirá com você.

(CURY, A.J., *apud* CORTEZZI REIS, 2004, p. 127).

CAPÍTULO V

ORIGEM DO RESSENTIMENTO A HIPÓTESE DA FALHA NARCÍSICA

Neste ponto, gostaria de retomar a proposta do trabalho, feita na introdução, de tentar mostrar que o trauma do qual se origina o ressentimento é uma ferida narcísica, que resulta da construção de um ego frágil e pouco preparado para lidar com situações em que o excesso e/ou a violência dos afetos impede o sujeito de dar sentido a essas situações. Essa proposição está em concordância com o que foi dito por Cortezzi Reis:

...na base do ressentimento há uma fissura narcísica, uma falha no processo de simbolização que impossibilita entrar numa economia de substituição, pois ele não transita nem transige. ... (CORTEZZI REIS, 2004, p. 50).

A proposta que acabo de fazer, sobre ser o ressentimento uma constelação afetiva derivada de uma ferida narcísica resultante, por sua vez, da construção de um ego frágil (fissura narcísica), está sendo retomada do exposto no Capítulo I, item I.

Partindo então do trauma como uma falha narcísica, referimos-nos a momentos muito primitivos da vida, possivelmente muito anteriores ao uso da palavra, momentos para os quais não há modos de acesso, restando dessas experiências traumáticas somente a falta e a impossibilidade de recordação e de elaboração – o que talvez explique a repetição.

Dito isso, podemos pensar o ressentimento como uma tentativa de dar significado a alguma coisa ocorrida nos primórdios da vida e que por isso se repete sem cessar. Desse modo, o que se acha reprimido/recalcado é inacessível, uma vez que não pode ser lembrado, pois não se encontra no registro das palavras. O que não pode ser lembrado e nomeado não pode ser pensado – e é isso que está “deslembrado”, que se faz presente pela repetição. Ou seja, o ego consciente trabalha a favor da repressão/recalque, quero dizer, do princípio do prazer, pois o que está “deslembrado” e quer vir à tona causa desprazer, não é ego sintônico, ao passo que o reprimido/recalcado faz força no sentido contrário e, teoricamente, causaria desprazer ao ego. Para desfazer o que aparentemente é uma contradição, cito Freud:

...Mas como se acha a compulsão à repetição – a manifestação do poder do reprimido/recalcado – relacionada com o princípio de prazer? É claro que a maior parte do que é reexperimentado sob a compulsão à repetição deve causar desprazer ao ego, pois traz à luz as atividades dos impulsos instintuais reprimidos/recalcados. Isso, no entanto, constitui desprazer de uma espécie que já consideramos e que não contradiz o princípio do prazer: desprazer para um dos sistemas e, simultaneamente, satisfação para outro. (FREUD (1920), 1969, vol.XVIII, p. 31)

Então, é a essa repetição que é preciso dar sentido/sentidos num processo analítico; sentido/sentidos que precisa(m) ser construído(s) junto com nossos analisandos para que, finalmente, a dor possa se transformar em algo mais que perda; possa ser o móvel para o crescimento e o amadurecimento.

Localizando a falha narcísica em momentos tão primitivos, penso que não seria descabido pensar que ela possa ter sido provocada, em grande parte dos casos, pela ausência de um olhar que satisfizesse ao desejo narcisista de ser único, especial, melhor

em todos os sentidos que todos os demais. De acordo com um dito de Maria Lucia Violante em aula, é o amor materno que leva a criança a investir em si mesma e é a rejeição da mãe que faria o sujeito subestimar-se. O que quero dizer é que, se não há investimento materno na criança, se isso falha, todo o edifício que se construirá – o ego – será frágil e suscetível ao desmoronamento das identificações idealizadas sobre as quais se erigiu. O que resta é a tentativa de resgate da auto-estima e do amor próprio diminuídos através, por exemplo, da vingança, como no caso de Medéia e de Heathcliff:

...A necessidade de vingar-se, de reparar uma afronta, de desfazer uma ofensa a qualquer custo, e a compulsão inexorável, profundamente enraizada, de perseguir todos esses objetivos e que não dá sossego àqueles que sofreram uma ferida narcísica – esses são os aspectos característicos da fúria narcísica em todas as suas formas e que a distinguem das outras espécies de agressão. (KOHUT, 1974, p. 100)

Importante notar que tanto Medéia quanto Heathcliff procuram vingança depois de terem sido ofendidos e humilhados. De que modos? Bem, Medéia é trocada por uma mulher mais jovem, rica e de cujo *status* social ela – Medéia – um dia também desfrutou. Heathcliff, por seu turno, é preterido por Catherine e trocado por um homem rico e bem-nascido.

De acordo com Mezan:

...a vingança aparece assim em estreito vínculo com a ofensa e a humilhação. ... se, como começamos a suspeitar, a vingança tiver um elo interno com a humilhação, então podemos colocá-la, do ponto de vista metapsicológico, no lado do narcisismo. (MEZAN, 1998b, p. 132)

O que queremos é corroborar o que foi dito acima em relação ao desmanche das identificações idealizadas sobre as quais o ego pode se construir. Será certamente um ego frágil e pouco capaz de lidar com as ofensas e humilhações a ele impostas em determinadas situações – como as vividas por Medéia e Heathcliff –, quando é forçosamente desnudado e deve surgir como imperfeito e falho, enfim, humano.

Ainda é preciso falar aqui da vergonha. Mezan, no mesmo texto acima citado (1998b), diz ser a vergonha um sentimento associado à humilhação, mas com a diferença de que a vergonha é pública, pois é a exposição ao olhar do outro que provoca vergonha. Ora, tanto Medéia quanto Heathcliff e Bentinho foram expostos publicamente; portanto, nada mais natural que a reparação narcísica também se dê publicamente. Quero com isso dizer que a vingança, para ser completa, deve ser pública, é preciso fazer sofrer aquele que me envergonhou, do mesmo modo como me fez sofrer.

Sandra, apesar de em determinadas situações ter-se sentido envergonhada publicamente pela mãe, não tem o desejo de vingar-se dela em público; sente-se tão culpada pelo ódio que sente por ela que foram necessários meses em análise para chegar a reconhecer esse sentimento. Seu desejo de vingança só se realiza em suas fantasias – seu cinema particular. Medéia e Heathcliff não sentem culpa nem têm qualquer consideração por seus objetos, não têm medo de sua destrutividade, diferentemente de Sandra, que sente culpa e que teme sua própria agressividade.

A importância do olhar do outro para que o dano sofrido possa ser reparado é indiscutível, como atesta a frase que tantas vezes ouvimos em situações as mais diversas: “O que é que os outros vão pensar de mim?”. É como se o sujeito não tivesse segurança sobre o que de fato é e esse saber dependesse do olhar/aprovação de um público; é o olhar que investe narcisicamente; é a função do olhar materno sendo realizada por outros. Mas o que acontece é que esse olhar da mãe não pode ser substituído, e a neces-

sidade que o sujeito tem dele não cessa; sendo assim, irá em busca dele onde imaginar que possa encontrá-lo. Essa observação me faz pensar que a ausência do olhar materno, que investe a criança narcisicamente, que devolve em espelho tudo aquilo que a criança acredita ser, é que vai criar as condições para o sujeito sempre necessitar do olhar do outro para existir. Este seria o motivo pelo qual determinados sujeitos precisam sentir-se vistos durante toda a vida por seus objetos significativos, que nada mais são que substituições dos seus objetos primários significativos.

A cegueira que toma conta daquele que precisa vingar-se a qualquer custo é que caracteriza o *acting out*. A impossibilidade de perceber que essa tentativa de reparação narcísica – reparação maníaca, devo dizer – representa um ganho falso e, em algumas situações, as perdas chegam a ser imensas, como para Medéia a perda dos filhos e para Heathcliff, uma vida inteira desperdiçada na execução de um plano de vingança, aponta para um funcionamento sobre o qual não há possibilidade de controle, simplesmente porque a sobrevivência do ego depende dessa reparação. Uma vez que não há nada que se possa colocar no lugar das identificações idealizadas, é preciso lutar com unhas e dentes para mantê-las.

É, portanto, concordando com Kancyper, quando ele fala de uma perturbação, de uma ilusão de perfeição infantil, que pensamos que o ressentimento muitas vezes funciona como defesa contra uma perda narcísica, uma ferida narcísica – dor que se torna crônica, que nunca chega a ser superada e que o sujeito vai, ao longo da vida, transferindo de seus objetos primários para seus objetos atuais. Esse nunca esquecer é atuado, em fantasia ou em ato, por meio de uma relação sadomasoquista, em que o sujeito tortura seu objeto e sofre por fazer sofrer o objeto de seu amor. A ilusão de perfeição infantil referida por Kancyper está relacionada a uma montagem de ideais à qual o sujeito está submetido, que o sustenta e que ele imagina satisfazer, como se onipotentemente pudesse conter tudo o que há de bom e valorizado – ilusão que se desmonta quando há uma percepção de não ser esse ideal.

Porém, não é só através da vingança que se abre a possibilidade para a reparação narcísica. Ela também pode acontecer através da produção intelectual, da sublimação, como no caso de *Dom Casmurro*. Talvez seja possível pensar que, ao escrever sua história, Bentinho abre espaço para uma tentativa de acertar contas e, assim, libertar-se de seu passado – liberdade de que, até o momento em que o encontramos escrevendo, não desfruta. Interessante notar, como já foi dito, que até mesmo a casa em que mora é uma cópia fiel daquela em que morou quando criança – ou seja, ele está concretamente preso ao seu passado, não se libertou da prisão que representa para ele a traição de Capitu e o conseqüente desmoronamento de seus ideais românticos de infância e juventude. A produção intelectual, no caso a escrita, é o veículo através do qual Bentinho elabora a perda do ego ideal e talvez se permita ver quem de fato é – para, quem sabe, proceder a uma reconstrução de si. Cabendo lembrar que ele chegou a acalentar a idéia de acabar com a vida de Capitu e Ezequiel, seu filho, e matar-se depois, mas não teve coragem.

Sandra, a seu modo, também vai pouco a pouco trilhando o caminho da libertação através da análise. O abrandamento de uma instância superegóica extremamente severa – sádica, por que não dizê-lo? – e a conseqüente aceitação dos seus limites humanos vão lhe abrindo espaço para a possibilidade de fazer novas identificações, desta vez mais próximas ao mundo real, permitindo que seja menos exigente consigo mesma e com os outros, principalmente com a mãe.

O foco do ressentido parece estar sempre no outro, impossibilitando que o olhar se volte para si mesmo. Muitas vezes, durante as sessões de Sandra, ela me dizia, sobre a mãe: “Ela não podia ter feito isso comigo!” ou ainda: “Ela não tinha o direito de dizer aquelas coisas pra mim”. Ao longo do tempo, essas exclamações foram cedendo lugar a questionamentos que podem ser resumidos numa única frase: “E agora, o que é que eu vou fazer com isso?”, sempre relacionados com situações vividas com a mãe. A possibilidade que a análise propicia de substituir defesas primitivas – como é o caso da projeção, típica da posição esquizo-paranóide – por defesas mais evoluídas, no caso de

Sandra, vem permitindo que ela assuma a responsabilidade por sua vida. Desse modo, há um deslocamento da sua posição de vítima para a de alguém que quer ser sujeito de sua própria vida. A relação fusional com a mãe deixa de ser necessária e a ilusão infantil de perfeição, seu desejo de ser perfeita, pode ceder lugar à realidade. Ela pode, enfim, aceitar ser quem é, limitada, falha, humana, e não um ideal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como podemos deduzir do que foi dito até aqui, os golpes que dão origem à ferida narcísica são impostos ao ego ideal no momento mesmo em que há uma identificação do ego com o ego ideal – momento em que o olhar materno é necessário para confirmar essa equivalência e cuja ausência, com a conseqüente falta dessa confirmação, vai abrir o espaço para uma construção egóica frágil. Claro está que não são essas as únicas condições necessárias para que a construção se dê fragilmente, há também que considerar o sujeito a quem tudo isso está referido, ou seja, temos uma série complementar em que o ambiente com suas falhas e aquilo que é próprio do sujeito vão contribuir para que o ego seja frágil ou não.

Essas feridas são tão profundamente sentidas que não permitem cicatrização adequada. Uma vez que são golpes desferidos em momentos muito primitivos da vida, as defesas que daí se originam também são bastante primitivas. Mas são as defesas possíveis para aquele momento, daí minha conclusão de que o ressentimento é, como disse Kehl, uma constelação afetiva utilizada defensivamente contra todas as situações em que o indivíduo venha a se sentir atacado em seu narcisismo.

Todas as pequenas injúrias diárias, todos os pequenos agravos e humilhações, imaginários ou não (lembramos da situação contada por Sandra no caixa do supermercado) são sentidos como ataques mortíferos ao ego, fazendo com que seja necessário defender-se. Desse modo, penso que seja possível entender que o ressentimento é, portanto, uma maneira de estar no mundo e de se relacionar com seus objetos, transferindo para estes toda a carga afetiva que se destinava primitivamente aos objetos primários.

As pequenas injustiças sofridas diariamente, os agravos, as injúrias, as humilhações, tudo, para o ressentido, clama por justiça. Não havendo possibilidade de defesa, elas provocam uma dor que para muitos não é possível superar, e a não superação dessa dor pode provocar um eterno ruminar pela afronta sofrida, memória que não se desgasta e que envenena a vida, clamando por vingança.

Ao longo deste trabalho, pudemos analisar o ressentimento como defesa, primeiramente contra o esquecer para não recair, quero dizer, para evitar a situação que fere. Nesse sentido, o ressentimento funciona como ansiedade sinal, conforme pensado por Vicario (1995, p.12), impedindo que o indivíduo venha a encontrar-se em situações traumáticas, ou funciona ainda como defesa. Podemos, assim, pensar o ressentimento como uma maneira que o indivíduo encontrou de evitar voltar o olhar para si mesmo e manter o foco da atenção sobre o outro mau, que o prejudica, que o fere.

Voltar o olhar para si mesmo e dar-se conta de que falhou, de que se é responsável pela não realização de projetos, desejos etc., de que não existe nenhum outro responsável, pode provocar uma dor insuportável pela perda da idealização de si. Portanto, olhar para si mesmo implica ter de elaborar a perda de um ideal de perfeição, significa poder abandonar a posição de vítima e algoz – vítima, porque outro o humilha, e algoz, porque tem prazer em fazer que esse outro sofra ao ser responsabilizado por seu sofrimento.

Ainda como defesa, o ressentimento pode operar como resistência, impedindo a assunção da responsabilidade por ofensas sofridas, o que isenta o indivíduo de assumir-se como sujeito – e, se não há um sujeito que se questione sobre o real motivo pelo qual sofre, então não há possibilidade de haver mudança. Penso que o caso clínico de Sandra ilustra a lenta mudança psíquica necessária para que o indivíduo abandone a posição de vítima e passe a ser sujeito de sua história.

Penso o ressentimento também como possibilidade de defesa, mesmo quando as humilhações, os agravos sofridos diariamente põem em movimento a repetição; mesmo que aquilo que permanece “deslembrado”, como corpo estranho, enquistado no psiquismo, se manifeste através dela e torne impossível o uso do passado como experiência; ainda que a repetição impeça o uso da experiência, que é estruturante e organizadora, expressão da pulsão de vida.

Esse funcionamento mental, o único possível para aquele sujeito em particular num determinado momento da vida, mesmo não sendo um funcionamento que permita ganhos reais, permite a continuidade da vida e, portanto, a possibilidade de ser modificado – por exemplo, através de um processo analítico em que defesas mais evoluídas venham, pouco a pouco, a tomar o lugar de defesas mais primitivas.

Durante um processo analítico, a repetição (mas não só), conduz o par analista/analizando, indicando os modos de funcionamento mental do analisando. Ela permite ao analista apontar como esse funcionamento se dá e torna possível ao analisando pensar sobre aquilo que até ali não era passível de ser pensado. A repetição revela aquilo que não pode ser pensado, pois o “deslembrado” não pertence à esfera do consciente; assim, cabe ao analista ajudar a pensar o impensável, o “deslembrado”, o doloroso. A tarefa do analista é construir, junto com seu analisando, um sentido para aquilo que parece não ter nenhum, é emprestar sua capacidade de pensar até que ela não seja mais necessária.

Sempre que penso sobre a repetição, lembro-me de um ditado popular que diz que é melhor perder os anéis e conservar os dedos. Porque a repetição é isso: ela faz perder muitas coisas, só traz ganhos falsos, mas permite a continuidade da vida, ainda que de maneira precária muitas vezes. E, se a vida continua, é possível modificá-la para melhor.

O termo “ressentimento” é de difícil circunscrição. Quando acreditamos ter apreendido seu significado, tê-lo nas mãos, foge-nos e reaparece com nova roupagem, outras cores, e é essa dificuldade de capturá-lo que me faz pensar que, enquanto a ausência de especificidade dificulta bastante sua apreensão, por outro lado, acaba tornando seu estudo mais rico, amplia os horizontes. Afinal de contas, a psicanálise não se propõe mesmo a lidar com o que é exato, mas, ao contrário, com tudo o que é inexato ou contraditório. Melhor diria, com todos os contrários que compõem seu objeto de interesse e sobre o qual se debruça: o homem e tudo o que o afeta, tudo aquilo pelo que é tocado.

O educador Rubem Alves diz que as palavras são como bolsos que enchemos de significados e que, uma vez feito isso, é como se tivéssemos domesticado todos os sentidos que elas podem ter, é como se precisássemos ter sobre elas controle, mas o ressentimento parece não se prestar a isso e, por essa razão, parece sempre poder encerrar novos significados, sendo de difícil conceituação. “Coisa que tem nome é coisa domesticada. (...) Coisa que tem nome é passarinho que levamos no bolso. Não é passarinho em vôo” (ALVES, 2005, p. 73).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, R. **O velho que acordou menino**. São Paulo, Planeta, 2005.
- ARISTÓTELES. **Arte Poética**. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- ASSIS, M. **Dom Casmurro**. São Paulo: Globo, 1997.
- ASSOUN, P.L. **Freud & Nietzsche, semelhanças e dessemelhanças**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BÁLINT, M. **A falha básica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- BLEICHMAR, E.D. “Ego ideal feminino primário”. *In: ----*. **O feminismo espontâneo da histeria**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, vol. I, II e III, 1997.
- BRESCIANI, S e NAXARA, M. **Memória e (res)sentimento**. Campinas: Editora Unicamp, 2004.
- BRONTË, E. **O morro dos ventos uivantes**. São Paulo: Círculo do Livro, s.d.
- BUARQUE, F. **Chico Buarque Letra e Música**. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.
- CARDOSO, M.R. **Superego**. São Paulo: Escuta, 2002.
- CHAU, M. **Espinosa, uma filosofia da liberdade**. São Paulo: Moderna, Coleção Logos, 2ª edição, 1995.
- CINTRA, E.M.U. e FIGUEIREDO, L.C. **Melanie Klein, estilo e pensamento**. São Paulo: Escuta, 2004.
- COMTE-SPONVILLE, A. **Dicionário filosófico**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- CORTEZZI REIS, M.C. **Narcisismo e ressentimento (no) feminino: Adélias e Amélias**. 2004. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2004.

- DAMÁSIO, A. **Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos**. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.
- DORON R. e PAROT F. **Dicionário de psicologia**. São Paulo: Ática, 2000.
- ESPINOSA, B. **Ética, Demonstrada à maneira dos geômetras**. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- EURÍPIDES. **Medéia, Hipólito, As troianas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- FERREIRA, A. B. H. **Dicionário da língua portuguesa Aurélio Séc. XXI**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999a.
- FERREIRA, A.B. H. **Novo Aurélio**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999b.
- FERREIRA, A.B. H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 3ª ed., 2004.
- FLEM, L. **O homem Freud – O romance do inconsciente**. Rio de Janeiro: Campus, 1994.
- FRANCISCHELLI, L. “Memória de mágoas”. **Psicanálise**, revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, vol. 1, n. 1, 1999.
- FREUD, S. “Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: Comunicação preliminar” (1893). *In: ---. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago, vol. II, 1969.
- “À guisa de introdução ao narcisismo” (1914a). *In: ---. Obras psicológicas de Sigmund Freud, Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, vol. I, 2004.
- “Sobre o Narcisismo: uma introdução” (1914b). *In: ---. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago, vol. XIV, 1969.
- “Pulsões e destinos das pulsões” (1915). *In: ---. Obras psicológicas de Sigmund Freud, Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. I, 2004.
- “Fixação em traumas – o inconsciente” (1917(1916-17)). *In: ---. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. Rio de Janeiro, Imago, vol. XVI, 1969.

- . “Luto e melancolia” (1917). *In: ---. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, vol. XIV, 1969.
- . “Conferências introdutórias sobre psicanálise”, Conf. nº XXII: “Algumas idéias sobre desenvolvimento e regressão – etiologia” (1916-1917(1915-1917)). *In: ---. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, vol. XVI, p. 351, 1969.
- . “Além do princípio do prazer” (1920). *In: ---. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, vol. XVIII, 1995.
- . “O problema econômico do masoquismo” (1924). *In: ---. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, vol. XIX, 1995.
- . “O humor” (1927). *In: ---. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, vol. XXI, 1995.
- . “Personagens psicopáticos no palco” (1942(1905 ou 1906)). *In: ---. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, vol. VII, 1969.
- HASSOUN, J. **A crueldade melancólica.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- HINSHELWOOD, R.D. **A Dictionary of Kleinian Thought.** New Jersey, EUA: Jason Aronson Inc., 1991.
- HORNSTEIN, Luis. **Introdução à psicanálise.** São Paulo: Escuta, 1989.
- KANCYPER, L. **Ressentimento e remorso, estudo psicanalítico.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.
- . **Confrontação de gerações – Estudo psicanalítico.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999a.
- . “El afecto y el poder”. **Revista de Psicoanálisis.** Argentina, Buenos Aires: APA, vol. 56, n. 3, 1999b.
- . Resentimiento, memoria y duelo. **Revista Uruguaya de Psicoanálisis.** Uruguai: APU, n. 93, 2001.
- KEHL, M.R. **Sobre ética e psicanálise.** São Paulo: Cia. das Letras, 2002.
- . **Ressentimento.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

- KLEIN, M. **Inveja e gratidão**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- **Amor, culpa e reparação**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- KOHUT, H. “Reflexões acerca do narcisismo e da fúria narcísica”. *In*: ---. **Self e narcisismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.
- KON, N.M. **Freud e seu duplo**. São Paulo: Edusp, 1996.
- LAPLANCHE e PONTALIS. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- LOURAUX, N. **Maneiras trágicas de matar uma mulher. Imaginário da Grécia antiga**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- MASSON, J.M. (ed.). **A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess 1887-1904**. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- MEICHES, M.P. **A travessia do trágico em análise**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2000.
- MENESES, A. B. **Figuras do feminino na canção de Chico Buarque**. São Paulo: Boitempo, 2000.
- MEZAN, R. “A inveja”. *In*: ---. NOVAES, A. **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.
- **Escrever a clínica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998a.
- **Tempo de muda. Ensaios de psicanálise**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998b.
- **A vingança da esfinge. Ensaios de psicanálise**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- **A sombra de Dom Juan e outros ensaios**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.
- NAFFAH NETO, A. **A psicoterapia em busca de Dioniso: Nietzsche visita Freud**. São Paulo: Escuta, 1994.
- NASCENTES, A. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1932.
- NIETZSCHE, F. **Humano, demasiado humano**. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

- . **Genealogia da moral - uma polêmica**. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.
- ROUDINESCO E. e PLON M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- RUDNYTSKY, P.L. **Freud e Édipo**. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- SCHELER, M. **Ressentiment**. New York: Schocken Books, 1972.
- STEINER, J. **Refúgios psíquicos – organizações patológicas em pacientes psicóticos, neuróticos e fronteiriços**. Rio de Janeiro: Imago, 1997a.
- . “Vingança e ressentimento na situação edípica”. **Revista Brasileira de Psicanálise**. São Paulo, vol. XXXI, n. 4, p. 973 – 986, 1997b.
- VERNANT, J.P. e VIDAL-NAQUET, P. **Mito e tragédia na Grécia antiga**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.
- VICARIO, J.M.F. “Algumas considerações sobre trauma e ressentimento”. **Livro anual de psicanálise**. São Paulo: Escuta, 1995, vol. XI.